REVISTA DA SEMANA

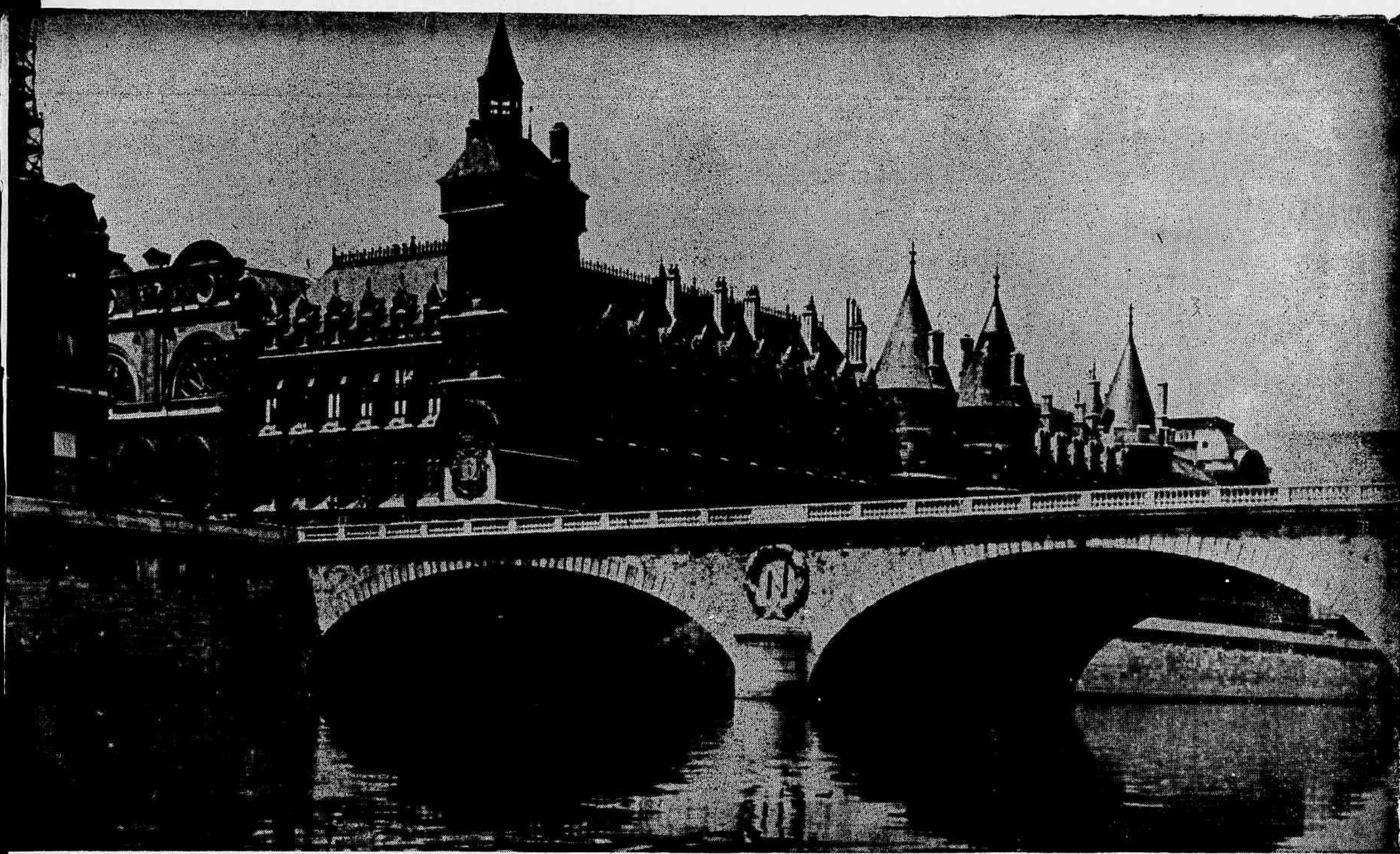
N.º 40 ★ 7-10-50

CR$ 3,00 EM TODO O BRASIL

NO TEXTO:

O NOSSO AMIGO URSO

COMO OS RUSSOS DESCOBRIRAM O SEGREDO DA BOMBA ATÔMICA

SE ESGOTAR,
nem com luvas!
ADQUIRA O QUANTO ANTES O
ALBUM DE A CENA DE 1950!
Uma edição primorosamente de luxo, com muitas fotografias em tamanho grande, a côres e numa só côr, contendo os mais famosos artistas da atualidade no
Cinema, Rádio, Teatro e Música
E MAIS:
★ Fichário completo dos artistas.
★ Biografias e curiosidades a respeito dos mesmos.
★ Artigos especiais escritos por Salvyano Cavalcanti de Paiva, Alex Viany, Alberto Conrado e Leon Eliachar.
PREÇO: CR$. 25,00
Pedidos pelo Reembôlso Postal, mediante vale do Correio, à CIA. EDITÔRA AMERICANA, Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro
A' VENDA EM TODAS AS BANCAS DE JORNAIS DO RIO E DOS ESTADOS

PARIS -- A FATALISTA -- AGUARDA O INEVITAVEL

NÃO é só Nova-York a terra dos contrastes. Em Paris, onde tudo poderia fazer crêr que a lógica, o bom senso e uma rigida noção de equilibrio fizessem praça, assistimos com frequência ao desfile de alguns hábitos excêntricos, e paradoxais, ás vêzes justamente porque só o vem a ser na aparência. Logo ao desembarcar em Orly, as autoridades metem-nos em mãos um talão picotado para o racionamento do pão, com quinze "tickets" de cinqüenta gramas para as primeiras refeições. E só uma vêz um deles nos foi requisitado, justamente no Café de la Paix. Parece que vamos guardar o talão como "souvenir" de um racionamento hipotético e artificial, para bem do povo parisiense.

Não se bebe leite, o café vem a ser objeto de luxo, cigarros são da pior classe e caros, proibe-se terminantemente a venda de fumo estrangeiro — mas bebe-se "champgne" como não bebemos "chopp" no Rio, por sessenta francos a taça avantajada, o que vem a dar menos de quatro cruzeiros ao câmbio do dia. E "champagne" Reims, do melhor.

Procura-se a extravagância de um clube existencialista, com tipos anormais; e, pelo menos êsse que visitamos na Rue St. Benoit, perto do Boulevard Saint Germain, dá ao forasteiro a idéia exata de um grupo familiar dansante da Cidade Nova. Exigem, à entrada, um documento de identidade do visitante, porque o ingresso "está proibido à gente desclassificada" e lá dentro não é permitido o consumo de bebidas alcoolicas. Dansa-se um "boogie" desengonçado com acompanhamento do quarteto entorpecedor da casa, vêem-se pares de namorados que nem sequer chegam a beijar-se, enquanto o beijo é público e uma legitima instituição nacional. E não vêmos nêsse existencialismo, em pleno Quartier Latin, a menor dóse de novidade. O tóque excêntrico deve consistir nisso mesmo, no proposito de bancar familia, bebendo limonada, comendo um "gateau" e indo dormir, ao clarear do dia, na santa paz do Senhor.

Fala-se muito em guerra lá fóra, enquanto dentro de Paris ainda ninguém positivou que ela esteja iminente. Há fisionomias gastas, olhos tristes ou pousados na carteira do turista abonado, — mas ninguém reclama, ao menos que se possa ouvir a reclamação. Vêem-se retratos de De Gualle nas mostras e junto à "caixa" dos estabelecimentos "chics" — mas à saida, rapazes bem postos obrigam-nos a comprar a última edição do jornal comunista "para ajudar o partido". Nossos olhos se espantam com o nú sem "soutien" e com a beleza plástica das garotas do Folies Bergère — mas no sub-sólo, durante o intervalo, temos o estômago embrulhado com a degradante visão de três rotundas, tôrpes e desdentadas matronas orientais, quebrando âncas, desmanchando quadris e remexendo a pança de carnes flacidas, na mais sórdida manifestação de dança, a dança do ventre, que é o que os senhores mas podem imaginar.

Tudo assim, contraditório e disparatado, nesta Paris de hoje. Temos dificuldade em trocar cruzeiros ou escudos por francos — mas a cada passo tomam-nos de assalto misteriosos cavalheiros de chapéu enterrado na testa, que em sussurros e em todos os idiomas, propõem fazer o "câmbio negro" ali mesmo no Champs Elysées ou nos Capucines, à vista dos guardas de capa curta e dos fiscais de transito.

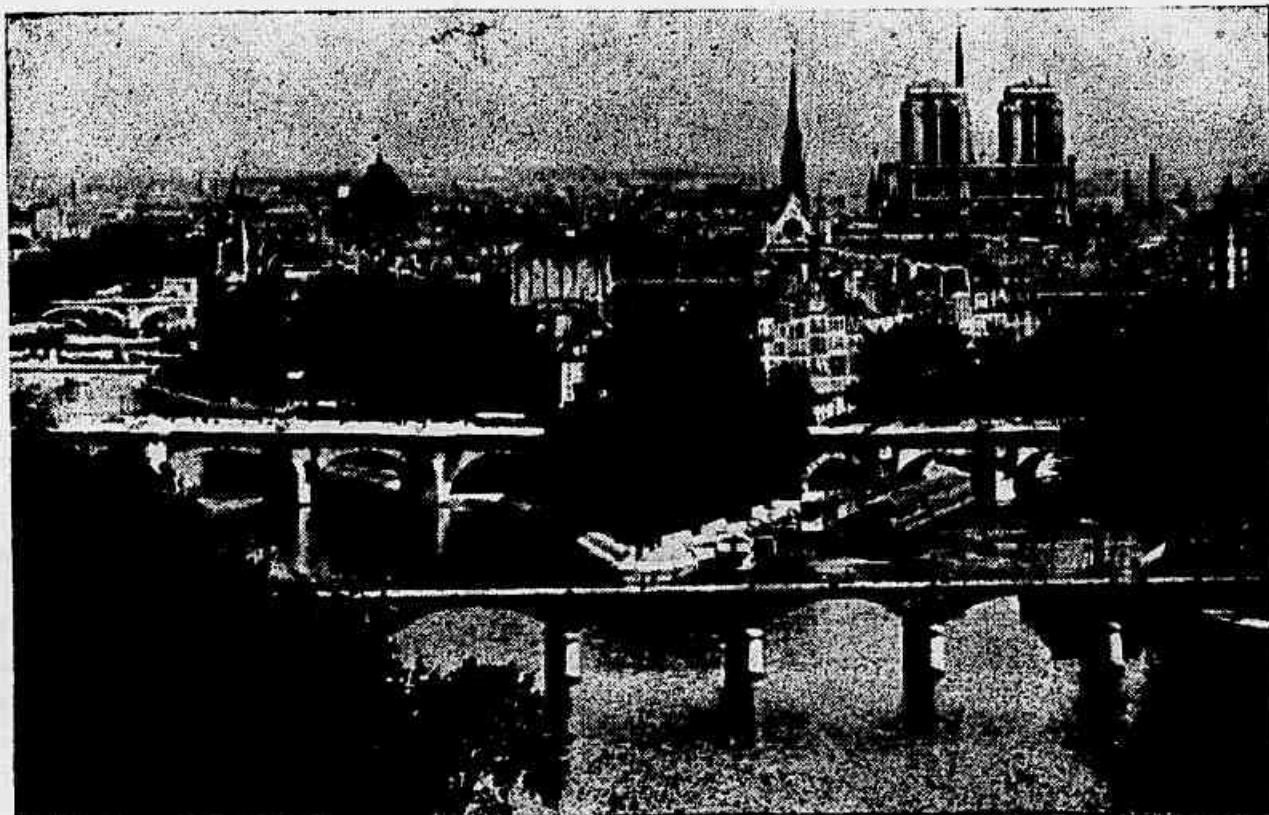
Não existe a menor influência de música brasileira nos "Cabarets" — mas a revista do Casino, "Paris-Extra-Dry", inclúi uma "charge" aos americanos, inglêses e russos, cada qual cortejando mais e melhor a heróica França enquanto esta os repéle delicadamente... ao som da "Aurora", aquela marchinha aposentada de um Carnaval brasileiro. Saimos do Louvre atordoados de tanta obra-prima que o museu conserva com avarêza através dos séculos, para encontrar, na praça fronteira, os mais bisonhos e incriveis pintores que o mundo já abortou, de cavalete armado ali mesmo, pretenciosamente imaginando, coitadinhos, competir com Da Vinci ou Rembrandt.

Mas tudo é Paris, no fim de contas. E Paris é ainda o delirio do visitante na compra do vidro de perfume mais barato, sempre com o pensamento voltado para a vigilância alfandegaria; é a falta de telefones no Louvre, suprimidos durante a guerra e não repostos "até vêr se não vem outra"; é o pescador de águas turvas à margem do Sena, ali debaixo da ponte maior que vai levar-nos, do outro lado, à Torre Eiffel; é, enfim, o turbilhão de espetáculos numa cidade que à noite parece deserta: Chevalier com seus últimos recitais, Jouvet com uma centena de representações do "Don João" de Molière, Victor Francen e Elvira Popesco remontando "Tovarich", Guitry com "Aux Deux Colombes" dele mesmo, e o sem número de musicais, desde o Chatelet ao Tabarin, além do predominio cada dia maior da cinematografia francêsa e italiana.

★

Paris sófre, aperta o coração e o cinto, antevê dias novamente máus, sem pensar muito no perigo que alguns dizem iminente. Se não chega a esconder a cabeça sob a aza, faz coisa semelhante pedalando a sua bicicléta, assistindo o seu espetáculo diário, comendo o seu "gateau", bebendo o seu café coado à vista do freguês — e olhando de revês os tipos raros de que a cidade anda cheia desde as reuniões da ONU há dois anos, com representantes exóticos que vestem mantas, cobrem-se de panos coloridos e andam de saias ou calças curtas. Gente que discute a paz preparando novas guerras — trás dinheiro, muito dinheiro para gastar.

E os quatro mil francos, limite máximo permitido para entrar no país, que não dá tresentos cruzeiros, é pouco para liquidar a conta do hotel, sequer por três dias. Se o turista não trouxer comsigo, em moeda estrangeira, êsses quatro mil multiplicados muitas vêzes para converter no câmbio negro, acabará dormindo num banco de "boulevar", coisa pouco agradável com êste frio de amargar e êste vento de gilête, enquanto as fôlhas amarelecidas pelo outono vão caindo, furtivamente, sem dar conta, das árvores gélidas, sôbre as nossas cabeças.

CELESTINO SILVEIRA

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 40 ★ 7-10-50

A SEMANA EM REVISTA

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE,
LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 140,00
Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ...	Cr$ 170,00
Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 270,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da «Agência Zambardino», à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição nº 58, 1º andar, sala 101, telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente:
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

MOTIVO ELEITORAL

QUEM dispuzesse de tempo e jeito, poderia coligir excelente material para crônicas interessantes sôbre coisas dêstes tempos eleitorais. Há candidatos a vereadores que não fazem promessas. Apenas pedem o votinho do carioca, sem entrar em maiores detâlhes de sua eficiência legislativa. Mas há outros bastante interessantes. Um dêles, bacharél em direito, estreante em tais funduras, promete tornar-se um protetor de todos os animais viventes, inclusive os animais. Promete defender todos os homens. E' emocionante o programa do futuro licurgo municipal. Ele será um defensor incansável de todos os gatunos, de todos os piratas, de todos os vagabundos, dos trampolineiros, dos batedores de carteiras, dos perversos, dos criminosos e delinquentes. Pois todos êsses malandros não são homens? Também promete defender os animais. Então teremos leis para defender as cobras venenosas, os escorpiões, os parasitos, os maribondos, os mangangás, os ratos, as pulgas, os percevejos, os mucuins, os borrachudos, os cães raivosos, a «broca», etc., etc. Um dos pontos mais visados pelos candidatos daqui e de Belo Horizonte, — as duas metrópoles que mais sofrem falta dágua — é o de solucionar a crise cada vez maior do «precioso líquido». Vimos na capital mineira o que foram os esforços do atual prefeito, que se apresenta à deputação. Apesar de ter governado o município de Belo Horizonte pela segunda vez, a cidade continua a racionar água até para serviços domésticos... E o Rio? Nem quando chove de afogar peixe, deixa de faltar água. E os candidatos... prometem debelar a crise. E' de dar água pela barba dos... eleitores.

SEJAM BENVINDAS !

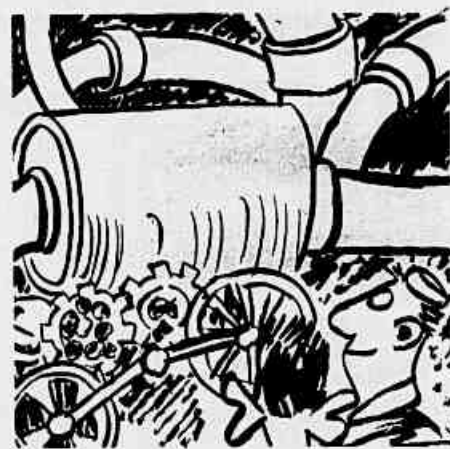
ENTROU em nosso pôrto o navio holandês «Vaterland», vindo da Europa. No mesmo dia, entre outros, atracou o «Argentina», da frota da «Bôa Vizinhança». Que teria isso de mais? Perguntará o leitor. Muita coisa! Enquanto o «Argentina» trazia alguns passageiros para nossa terra e uma vultosa quantidade de bagagem de luxo, constituída de automóveis caríssimos, dos mais modernos modelos e das melhores marcas norte-americanas, o vapor dos Paises Baixos nos trazia 76 cabeças de gado holandês de primeira qualidade, gado de raça da melhor espécie, além de grande quantidade de maquinária agrícola, representado por tratores e outros utensilios, tudo pertencente a imigrantes ou destinado a fazendeiros daquele país já radicados em nossa terra. E as sementes de batata? Também vieram em boa quantidade destinadas a campos particulares do Paraná. Muitos colônos holandeses nos trouxe o «Vaterland» que aqui desembarcaram com os seus arados e outras máquinas agrícolas. Que contraste! Uns nos sangram as economias trazendo como bagagem «Cadillacs» de luxo; outros, pisam a terra que os vai tornar brasileiros, com as sementes selecionadas para o nosso sólo, os arados para abrir em sulcos a fertilidade da terra que os acolhe e, por fim, transportando para o Brasil os mais belos e escolhidos tipos de raça bovina, tanto para a reprodução como para o aumento de produção do leite. Não nos esqueçamos de dois nomes: Leonardo de Geus e Bauke Dykstru, holandeses que estão no Brasil há dezenas de anos e que voltam de sua terra-mater com tantos presentes para oferecer ao Brasil! Sejam benvindos, holandeses!

GRANDE HARMONIA

E' conhecida a anedota daquêle cidadão que, inesperadamente, recebe, em sua residência na cidade, um vaqueiro do pai que vivia lá na fazenda. Começando a conversar, perguntou-lhe como iam as coisas lá na propriedade. «Vai tudo em paz». Respondeu o matuto. Mas acrescentou: «Só que o engenho pegou fogo». Mas tudo ia bem... Em seguida, largou esta: «Só que seu pai morreu queimado no incêndio». Ia tudo muito bem. Alarmado, o visitado interpelou-o: «Vamos! Descarrega o rosário de desgraças, de uma vez!» Mas o homem ia dizendo aos poucos e sempre seguindo a narrativa com o estribilho: «Tudo em paz, sim senhor». Só que... (e cita outra desgraça). No final das contas, o pai morrera queimado no incêndio do engenho, a mãe morrera de colapso cardíaco, os canaviais reduzidos a cinza, a casa grande desabou com um temporal, a safra estava perdida, grassava bexiga, o gado se afogara na inundação... Como vemos, tudo ia bem, em paz, sim senhor... Assim ocorreu agora com um jogo cordial entre os clubes «Grêmio» de Porto Alegre e «Nacional» de Montevidéu, em campos da capital gaúcha. Depois de adiado em virtude do mau tempo, logo que serenaram as condições atmosféricas e a chuvarada passou, entraram em campo as duas equipes, saudadas por uma assistência colossal. O terreno estava lamacento e o barro «barrava» as atividades dos Zizinhos e Ademires do sul. A peleja foi cordial: em dado momento, a policia entrou em campo, houve troca de amabilidades, altercações, vaias, correrias e o guardião dos uruguaios caiu sem sentidos diante de seu arco, em virtude de uma pedrada que o atingiu em cheio. Mas dizem os jornais que reinou a maior cordialidade entre os disputantes... **Só que... sim senhor...**

GASOLINA BRASILEIRA

NÃO teve a repercussão que merecia, a inauguração da refinaria de petroleo de Mataripe. De suas complicadas engrenagens, canos e retortas, acaba de jorrar a primeira gasolina brasileira. Diziam que, antes dela, já os carros de Salvador e vizinhanças, queimavam gasolina brasileira; mas, ao que parece, coube a Mataripe a glória de ser incluida em nossa história como a verdadeira usina de beneficiar petroleo nacional, em condições tècnicamente industrializadas. O povo não sentiu o efeito emocional dêsse acontecimento que fechou com tanto brilhantismo a semana passada. Ao lado de notícias inquietadoras, no campo político-partidário, com solicitações de força federal para garantir propaganda de candidatos a cargos eletivos a 3 de outubro, etc., tivemos esta de já estarmos fabricando no Brasil a gasolina de que tanto precisamos. A exportação de ouro para o exterior destinado a pagar a gasolina, o querosêne, o óleo combustível que consumimos anualmente é cifra astronômica. O desfalque de nossas reservas é constante, uma sangria alarmante que depaupera, a fundo, o organismo nacional. No dia em que pudermos dotar o país de motores e combustiveis suficientes para nosso ritmo de progresso, teremos contribuido para deter a marcha da destruição de nossas matas e da exportação incessante e cada vez maior de dinheiro brasileiro. Estamos, pois, com a inauguração de Mataripe, no início de uma nova éra para o Brasil. E pena foi que a refinaria ora inaugurada, fôsse tão pequena, com a capacidade de 2.500 barris diários. Mas, para começar, está bem. Que venham outras, para emancipar-nos o mais bréve possivel.

A PERSONAGEM DA SEMANA

JÁ tremula em Seoul, a bandeira das Nações Unidas, ao lado da dos Estados Unidos e da Coréia. Enquanto se festeja na capital da Coréia do Sul a vitória das armas aliadas contra os comunistas do Norte do país, as fôrças de Mac Arthur seguem na avançada em direção do paralelo 38, linha divisória que separa a península em duas porções políticas, administrativas e sociais. Ao saír esta nota, a situação já deve estar definitivamente resolvida e a guerra da Coréia liquidada com a vitória dos exércitos da ONU, esmagada a invasão vermelha, de modo que se reconheça estar detida a ameaça imediata dos coreanos do norte sob as ordens de chefes que tentaram perturbar a paz do mundo e destruir uma situação nascida de combinações internacionais. A 29 de setembro último, o general Mac Arthur voou de Tóquio até Seoul, a fim de entregar ao Presidente deposto, Syngman Rhee, a capital do país, dirigindo então uma alocução ao povo coreano, terminando com estas palavras: "Devolvo ao Presidente da Coréia do Sul a sua capital em nome das 53 Nações Unidas, cuja reação espiritual contra o avanço comunista imperialista é uma esperança de vitória pacífica final". Não se pode esquecer esta lição da história contemporânea. A vigilância das armas americanas em relação a golpes de fôrça, subvertendo o sentido básico da ONU, é a maior das garantias para a manutenção da paz mundial. A surprêsa do ataque vermelho há poucos meses passados, causou alarma no mundo inteiro e suas vitórias foram rápidas, quase determinando uma retirada dramática no estreito da Coréia, de tropas americanas; entretanto, foi tão pronta e imediata, tão eficiente e técnica a ação de Mac Arthur, que o Govêrno americano pôde organizar a defesa e, consolidade esta na cabeça de praia de Pusan, ordenar a ofensiva geral e bater os invasores. O plano de ataque a começar pelo pôrto de Inchon com uma armada de quase 300 navios, foi de uma precisão matemática e proporcionou o cêrco e aniquilamento dos vermelhos, que tiveram de retirar-se em fuga desordenada para suas lindes anteriores. Mac Arthur demonstrou, mais uma vez, suas altas qualidades de estrategista e dirigente de homens em guerra. Com a mesma calma de Bataan, conseguiu libertar o mundo de um pesadelo.

MAC ARTHUR
GENERAL DOUGLAS

A GUERRA NA CORÉIA

SOLDADOS NEGROS dos EE.UU., veteranos da última grande guerra, tomam parte ativa na frente de batalha de Naktong e martelam pesadamente as linhas inimigas com um 105m/m.

SERÁ A COREIA O PRÓLOGO DA 3ª. GRANDE GUERRA?

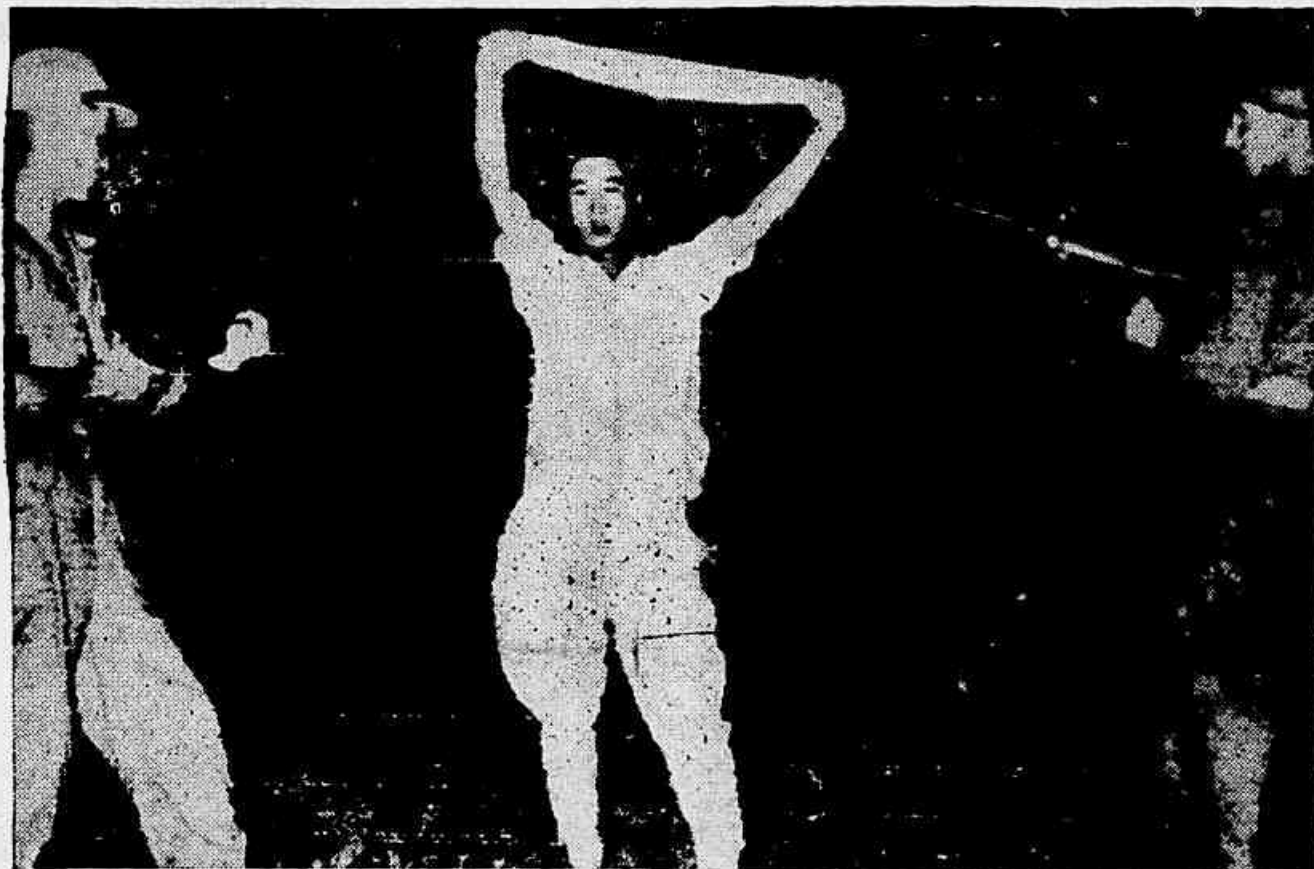
OS telegramas vindos das linhas de frente da guerra da Coréia, dão notícias do colapso cada vez maior das tropas nortistas, diante do avanço e da ofensiva geral que as fôrças da ONU estão desenvolvendo de um ponto a outro da península, na área de Seul, capital da Coréia do Sul.

E' provável que, ao sair esta reportagem, a situação esteja definida, com as fôrças das nações unidas diante do paralelo 38, empurradas as tropas comunistas para sua antiga zona de existência.

Mas... e depois? O govêrno norte-americano já expediu ordens ao general Mac Arthur para que êle agisse como melhor parecesse, nesse fim de guerra da Coréia. Se o general americano, que chefia e dirige as operações na península, resolver transpor o paralelo 38 e ocupar militarmente o território do norte, além do paralelo, a situação da paz mundial se agravará sùbitamente.

Todos sabemos que o norte da Coréia é zona de influência soviética e os russos, naturalmente, não se sujeitariam a ter americanos militarmente organizados, como seus vizinhos na zona dos mares do Japão.

Dar-se-ia então, o que se passou quando a Alemanha invadiu a Polônia. A Rússia, imediatamente, movimentou suas companhias de tanques e batalhões motorizados e ocupou grande área polonesa, formando-se uma espécie de zona-tampão, isolando o

(Cont. na pág. 27)

UM SUB-OFICIAL sul-coreano e um soldado americano, aprisionam um soldado das forças comunistas no Norte.

DOIS SOLDADOS DA ONU, depois de dura batalha, fazem a «toilette» e descansam um pouco.

ANTES DE ENTRAR em fogo, êste soldado norte-americano faz completa inspeção e limpeza em seu fuzil. Não se trata de recruta ainda inexperiente das surpresas e táticas da luta na Ásia, mas de veterano que esteve em ação no Pacífico e que, também agora, vai vencer.

A TUMBA do herói que morreu distante da pátria, em terras estranhas, os companheiros que ficam murmuram o «Pai Nosso» guiados pe'o sacerdote que oficia diante do mistério da morte.

UM TANQUE «SHERMAN», desce para o vale e se prepara para entrar em ação contra o inimigo que está localizado do outro lado da várzea. No casebre, soldados matam a sêde.

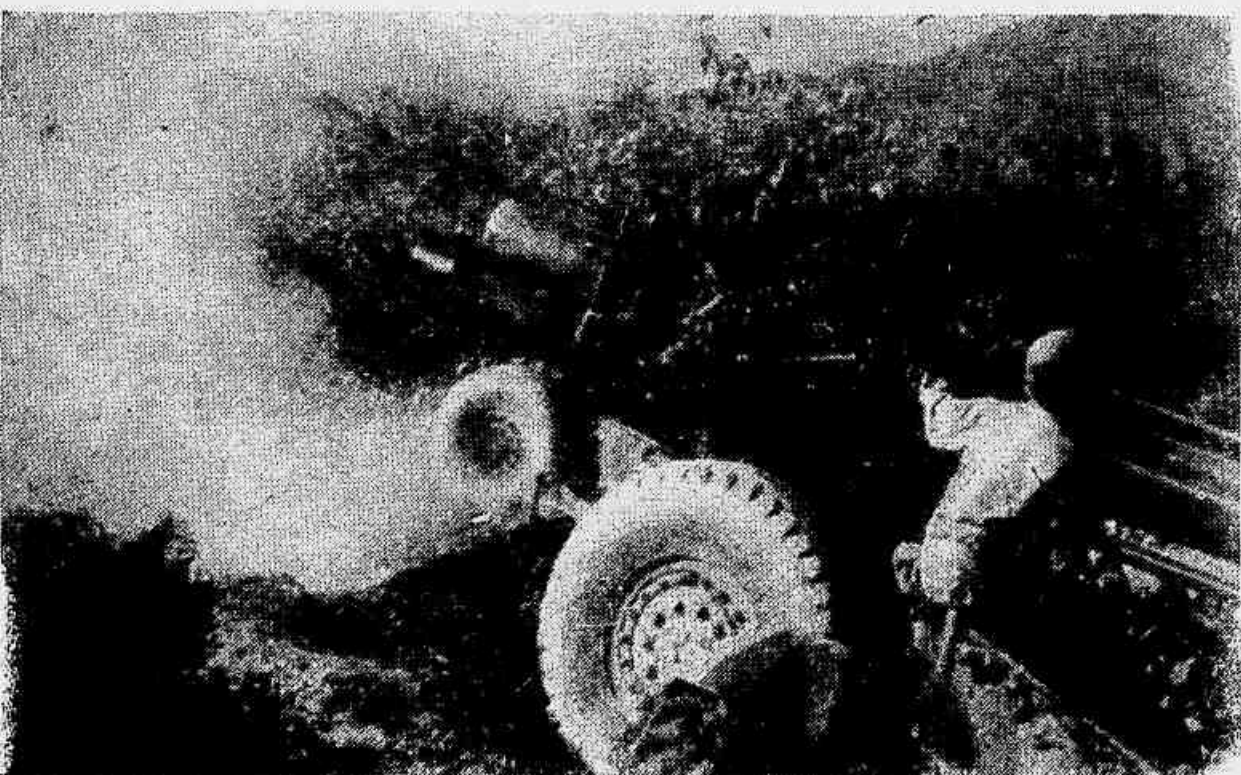
SEGUNDO DIVULGARAM telegramas de correspondentes da guerra da Coréia, muitos prisioneiros norte-americanos foram amarrados e fuzilados. Damos aqui uma dessas fotografias.

AS CENAS DOLOROSAS da guerra não são apenas as que vemos nas cidades destruidas. Há uma outra que, pelo sentimento de piedade e recolhimento espiritual provoca lágrimas. E' a da despedida do companheiro que morreu em ação. Um campo raso, uma cruz tosca, a solidão...

FLAGRANTES TRAGICOS da guerra na Coréia. Um C-54 americano abatido por um caça norte-coreano, cái e é devorado pelas chamas em certa parte do território invadido pelo inimigo

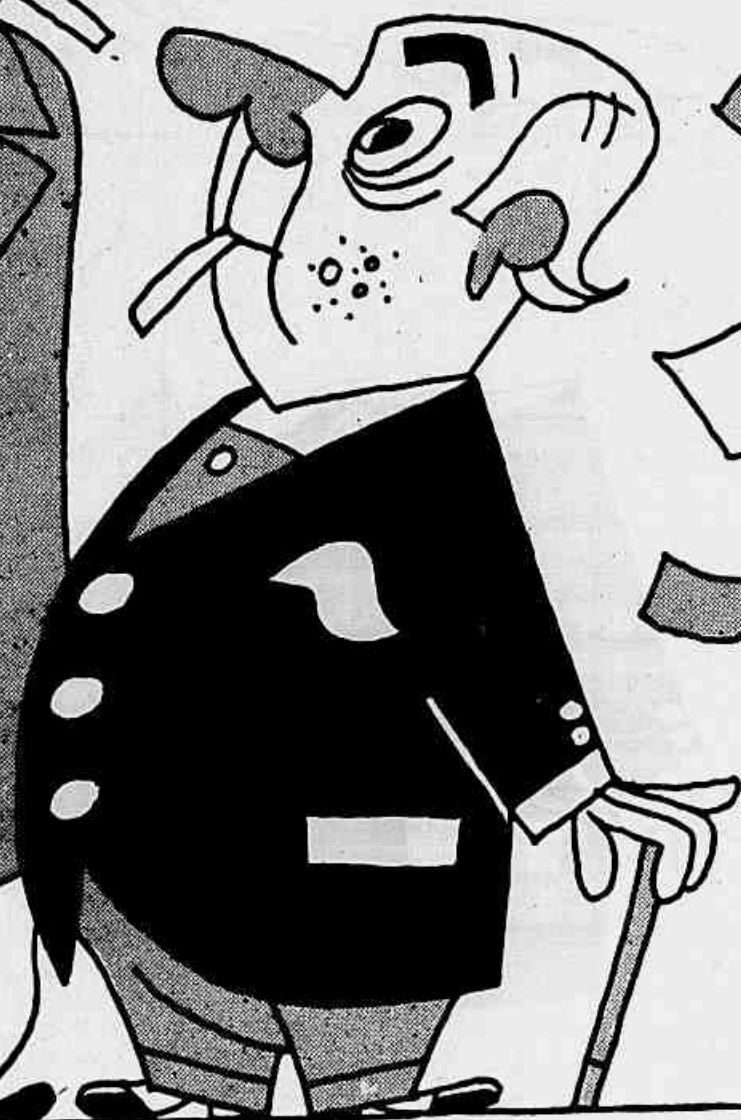
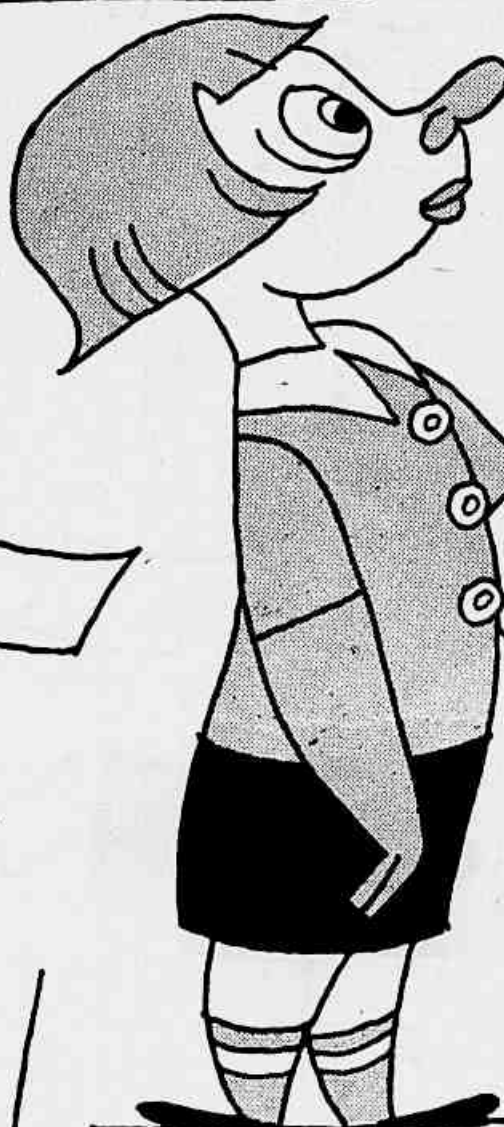
A GUERRA NA CORÉIA

SOLDADOS NORTE-AMERICANOS feridos aguardam transporte para hospitais à retaguarda das linhas de frente. Ao lado, alguns colegas do Exército coreano do sul, assistem à cena.

EM PLENO CAMPO de batalha, o méstre cuca norte-americano improvisa uma «mesa redonda» e serve aos seus colegas e amigos na luta tremenda em que se empenham incessantemente.

QUANDO ERAM MAIS fortes e temíveis as ameaças das tropas vermelhas às posições americanas e sul-coreanas na frente de Taegu, baterias de grosso calibre barraram o avanço.

NO IMPROVISADO HOSPITAL de sangue numa das frentes da batalha da Coréia, êste ferido estava nas últimas. Foi chamado um pastor de sua religião, para os últimos sacramentos.

SOLDADO NORTE-COREANO é aprisionado pela tropa americana e, de olhos vendados, segue o seu destino. Igual a êsse, milhares de outros estão agora em campos de concentração.

APURAÇÃO
A apuração eleitoral, que é uma coisa séria, tem, também, o seu lado cômico.
Na eleição passada houve aquêle eleitor que, recebendo duas cédulas, colocou na sobrecarta a cédula de... 200 cruzeiros!
A cédula não foi apurada. Pedro I, nosso primeiro imperador, não estava inscrito como candidato...
— Você votou na seção daquele mesário caloteiro?
— Votei, sim, e pus na sobrecarta uma das suas letras protestadas!
— Até agora só consegui 25 votos nas 1.800 urnas apuradas. Mas, quem sabe? A vitória pode estar nas últimas urnas!
— Você perdeu o namorado. Na seção em que vocês dois votaram, êle só teve um voto! E acontece que êle votou nele mesmo...

NOSSA PAGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 11 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 QUEM MAIS PROTEGE O NOSSO CORPO:

— A luz do sol?
— O banho frio?
— O hábito da sesta?

2 DE ONDE SE EXTRAI O MENTOL:

— Da papoula?
— Da essência da hortelã?
— Ou do petróleo?

3 QUAL DESTAS PORÇÕES DE ALIMENTOS PRODUZ MAIS CALORIAS:

— Meio litro de leite?
— Meio quilo de banana?
— Meio quilo de uva?

4 QUAL O POETA INGLÊS QUE FOI DEFENDER A GRÉCIA CONTRA O JUGO TURCO:

— Byron?
— Milton?
— Shakespeare?

5 DISSOLVENDO-SE CARVÃO EM FERRO DERRETIDO E DEIXANDO-SE ESFRIAR SUAVEMENTE SOB GRANDE PRESSÃO, QUE SE OBTÉM:

— Diamante artificial?
— Chumbo?
— Grafite?

6 QUE NOME TEM O MÚSCULO QUE SEPARA A CAVIDADE TORÁXICA DA ABDOMINAL:

— Esôfago?
— Diafragma?
— Piloro?

7 QUE QUER DIZER *ANACORETA*:

— Frade leigo?
— Adepto de Anacreonte?
— Pessoa que vive na solidão?

8 DE ONDE SE ORIGINOU O NOME DE DELFIM, DADO AOS FILHOS MAIS VELHOS DOS REIS DE FRANÇA:

— De golfinho?
— De El-Fin-
— Ou é corruptela de Du-Pin?

9 DE QUE ESCRITOR E' O "DECAMERON":

— Bocage?
— Boccacio?
— João de Deus?

10 QUEM ORGANIZOU E EXECUTOU O "RAPTO DAS SABINAS":

— Rômulo, fundador de Roma?
— Alexandre, o Grande?
— Átila?

11 O "CANTO DOS NIBELUNGEN" E':

— Epopéia nacional alemã?
— Poema revolucionário suiço?
— Romance trágico escandinavo?

12 QUAL O PEIXE MAIS VELOZ:

— O surubim?
— A traira?
— O salmão?

13 QUAL O NOME POPULAR DO MERCÚRIO, METAL LIQUIDO:

— Visgo?
— Azougue?
— Porongo?

14 QUE SIGNIFICA "UM MACROCÉFALO":

— Animal sem cabeça?
— Pessoa de cabeça anormalmente grande?
— Ou que tem cabeça pequenina?

15 QUAL O SÍMBOLO DA CONSTELAÇÃO DA LIBRA, NO ZODIACO:

— Um peixe?
— Um caranguejo?
— Uma balança?

16 QUAL ERA O NOME PRÓPRIO DE MARK TWAIN:

— Samuel Langhorne Clemens?
— Clement Stuart?
— George Sand?

17 QUE NOME TEM A PERTURBAÇÃO VISUAL QUE AUMENTA A VISÃO DOS OBJETOS:

— Presbiopia?
— Daltonismo?
— Macropia?

18 QUE QUER DIZER "UTOPIA":

— Paraiso?
— Terra de sofrimento?
— Lugar inexistente?

19 QUE SIGNIFICA "ICONOCLASTA":

— Construtor de monumentos?
— O que destrói imagens e idolos?
— Pessoa capaz de adivinhar?

20 COMO ERA O "HARA-KIRI" DAS MULHERES JAPONÊSAS:

— Abrindo o ventre?
— Golpeando a garganta com adaga e seccionando artérias?
— Afogando-se em rio sagrado?

(Respostas na página 58)

REPRODUZIMOS neste local a informação que sistemàticamente vem sendo publicada no expediente desta revista: **"O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitada pela redação".**

Essa advertência precisa ser ratificada quando chega ao nosso conhecimento que elementos estranhos, ou que não mais pertencem ao nosso corpo de colaboradores, estariam procurando entidades para serem entrevistadas, assegurando que suas reportagens serão publicadas em nossas páginas. **Os colaboradores desta revista estão munidos de credencial com data periòdicamente renovada, cuja exibição deve ser exigida pelos interessados.**

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DE SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariàvelmente dactilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação manterá informações no «Correio da Revista» sôbre os contos selecionados e os considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo quatro folhas dactilografadas tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na fôlha de rosto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento.

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc.. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literàriamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

SÃO PAULO ACIMA E ABAIXO

(Texto e fotos de JOÃO ALVARENGA)

É preciso ter muito boas pernas — ou um excelente carro — para vivêr em São Paulo. De manhã à noite, o homem do trabalho — e por que não também a mulher? — sóbe e desce degráus às centenas, aos milhares. A topografia da cidade, sua situação em planos inclinados, impõe a existência de viadutos, ladeiras e escadarias, ligando a cidade-alta à baixa. E o cidadão precisa subir e descer, descer e subir, num esfalfante dobrar de joêlhos que vai da manhã à noite.

Chêgam os ônibus dos bairros e estacionam sob o Viaduto do Chá. Seus passageiros trabalham na parte alta, e começa então o sóbe-sóbe. Galgam os vários lances, suavisados, embora, por dentro da Galeria Prestes Maia, que vão deixá-los na Praça do Patriarca, enquanto outros, rumando para o lado opôsto do Viaduto, atravessam o Anhangabaú e vão subir os degraus mais íngremes para chegar, em cima, junto ao edifício da Light.

Mas êsse é apenas o começo, porque pelo dia adiante, outras escadas, novas ladeiras, mais degráus, impõem sucessivas ascenções ou constantes descidas. Enquanto não houver um sistêma de transporte abaixo e acima, que suavize o pedestre, a êste resta, apenas, o recurso da conformação. E esperar melhores dias.

★

Quando se pensa que o cidadão paulista viva cansado e protestando, estamos fundamentalmente enganados. Tudo é questão de habito. Cansam-se e estranham os sóbe-e-desce, aquêles que vão a São Paulo mais ou menos freqüentemente, mas a gente da terra faz das escadas um exercício constante. E porque todos vivem correndo, em disparada, pelas ruas e avenidas, nem tempo sobra para

★

SÃO PAULO cresce em ambos os sentidos: no vertical, com as grandes construções, e no horizontal, com o aumento de população e, conseqüentemente, de veículos. O cidadão paulista vive descendo e subindo escadas e viadutos. Ao alto, o novo prédio da Bolsa de Imóveis, perto do Viaduto do Chá; em baixo, o vale do Anhangabaú, deixando vêr o espaço tirado aos pedestres, para os carros.

A GALERIA PRESTES MAIA, que facilita o escoamento de povo entre a Praça do Patriarca e o Anhangabaú, sob o Viaduto do Chá, vive constantemente abarrotada, principalmente nas horas de início e encerra-

Talvez para descansar um pouco de tanta escadaria é que o cidadão paulista, quando melhora de condição financeira, se apressa em comprar um carro. Os autos, em filas coleantes, intermináveis, avançam por tôdas as ruas e praças, em tôdas as direções. Mas não está no automóvel a solução do problema. Primeiro, porque nem todos podem adquirí-lo, e depois, porque surge outra dificuldade — o ponto de estacionamento para deixar o veículo. E' preciso deixá-lo, quase sempre, fóra de mão, distante do escritório, da oficina, da repartição — e quando o seu dono fica na contigência de dar um pulo mais adiante, acabará poupando as pernas e ganhando tempo... indo a pé.

Entrementes, afirma-se que o angustioso problema será resolvido dentro em breve, com o advento do primeiro "subway". Estudos para sua instalação encontram-se bem adiantados, e há razões para acreditar que, no máximo, dentro de cinco anos, o paulistano ficará habilitado a transportar-se da Praça da Sé à Avenida Brasil, em menos de cinco minutos, liberto do suplício das ladeiras e lances de escada.

Mas até 1955 — se não houver protelação — haja pernas fortes para caminhar, subindo e descendo! Haja coração bem constituido para repetir, dezenas de vêzes ao dia, êsse esfalfante súplicio!

Maistarde, quando, em outra geração, os degráus tiverem cedido lugar aos mais lépidos trens subterrâneos, o paulista há de aprender a reverenciar a memória dos seus antepassados, que nasceram, viveram e morreram nesta ciclópica São Paulo dos nossos dias — sempre abaixo e acima...

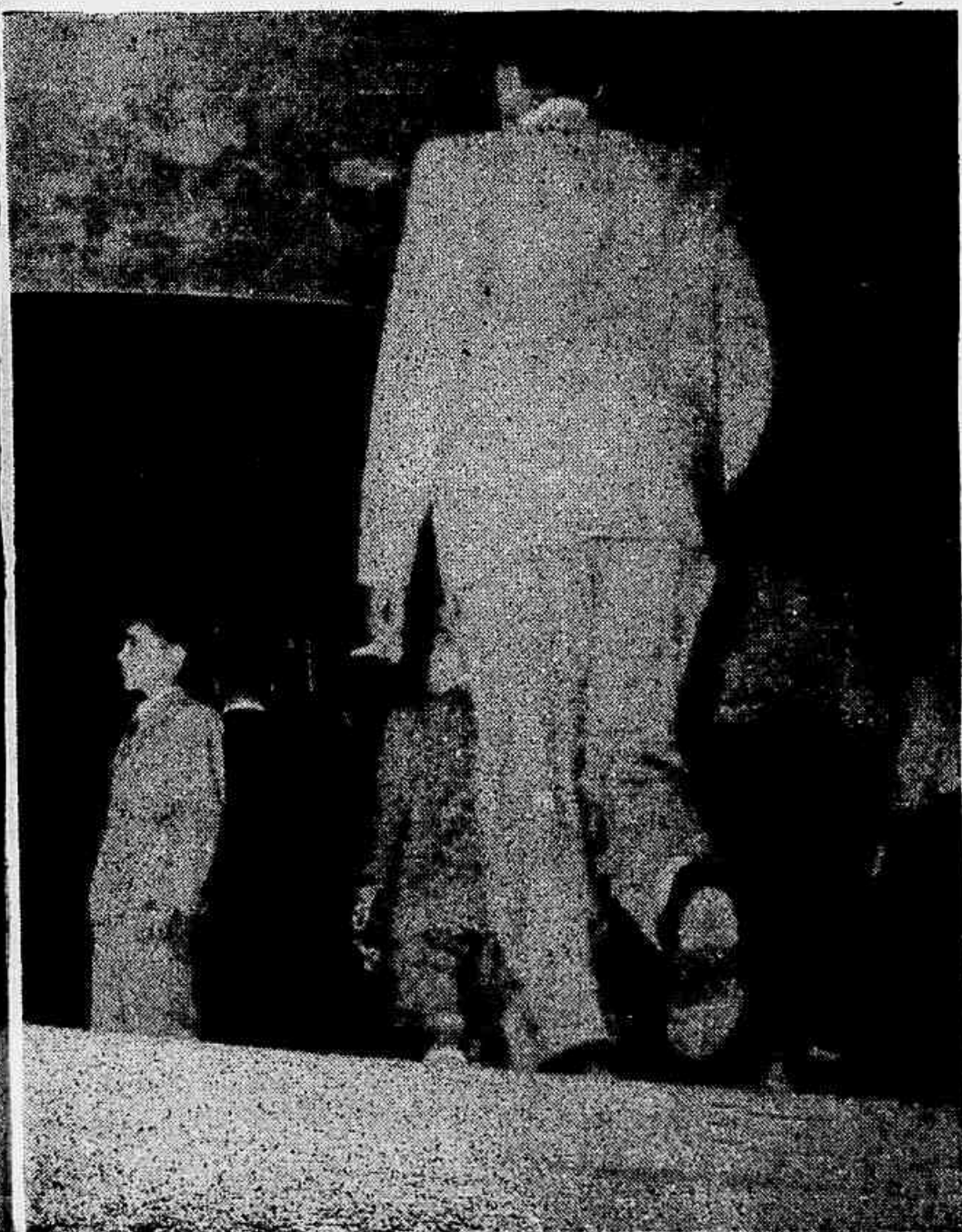
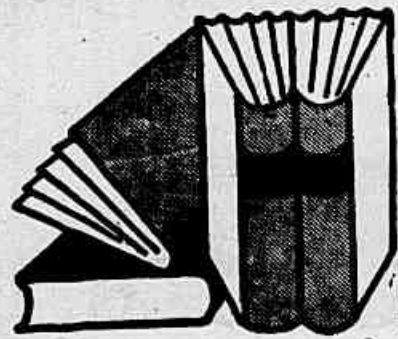
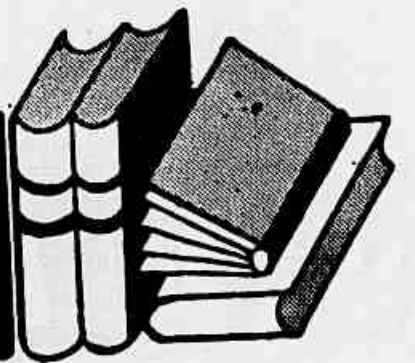
— Já foi muito pior — recordam, entretanto, os mais antigos. Hoje, temos ruas bem calçadas, o declive das ladeiras foi suavizado e a rapidez dos transportes, em confronto com a escassez que se fazia sentir então, favorece o pedestre e encurta as distâncias. O alargamento das ruas, a abertura de novas e suntuosas avenidas, o serviço de inspetoria do trânsito, se não pode resolver o problema — que é de tôda parte, não só de São Paulo — sempre consegue melhorar as coisas.

E assim é, realmente. São Paulo está muito bem abastecido de ônibus. Os tipos mais modernos, de fabricação após-guerra, são postos em circulação do centro para os bairros mais idstantes. E os primeiros ônibus supridos a fôrça elétrica, à maneira do que só ainda existe na América do Norte e nas maiores capitais européias, já foi adotado na terra de Piratininga. São ônibus velozes, com alavanca de contacto aos fios elétricos, podendo utilizar-se dos que se destinavam primitivamente aos bondes, mas com a vantagem de não vicar o veiculo escravizado ao contacto da terra, prescindindo assim, dos trilhos.

São Paulo defronta-se, como o Rio e todos os centros em que o progresso é avassalador, com um problema oriundo do seu desdobrar ciclópico. Sua população equiparou-se, senão tiver ultrapassado à da Capital da República. Mais de dois milhões de almas tem de subir e descer, andar acima e abaixo, na monumental Cicado brasileira.

QUEM ESTÁ no viaduto do Chá e pretende descer para o Anhangabaú, onde faz ponto a maioria de ônibus para os bairros, desce mais esses degráus. Outros sóbem para a cidade alta. Neste lugar, em vesperas das eleições, cada degráu oferecia outra utilidade, anunciando os candidatos de todos os partidos. Bôas pernas têm os habitantes da cidade paulistana para subir e descer...

A SITUAÇAO topográfica da cidade criou a existência de outros lances de escadaria em diversos pontos. Na Ladeira da Memória, bem no centro, o velho chafariz é ladeado pelos que se vêem nas gravuras superior e inferior. Observe-se a confusão de dizeres pintados nos degraus por uns candidatos e repintados por outros. Nada se podia lêr afinal. E o povo subindo e descendo...

mento de expediente. Alí também a população se comprime, vencendo os diversos lances de escadaria. E nos intervalos, vendedores ambulantes apregoam a sua mercadoria, fazendo geralmente bons negócios.

EDMUNDO LYS

ÁLBUM DE FAMÍLIA

ALFRED DE MUSSET, em um retrato imaginário ou, pelo menos, tal como seus leitores o imaginam, através de seus poemas, particularmente através de «Les Nuits». O grande poeta romântico da França desapareceu antes da éra fotográfica e, os retratos que conservam sua lembrança são todos obras de pintores e desenhistas seus contemporâneos. Aqui, êle aparece em um trabalho relativamente moderno, isto é, datado do princípio do século e assinado por Sabathier, grande ilustrador de «la Belle Époque».

NOTICIÁRIO

LUIS JARDIM

★ Álvaro Lins escreveu um prefácio para o volume de poemas de Mauro Mota, a ser lançado pela editora «Alvorada». ★ Luis Jardim escreve um novo romance. ★ Otto Lara Rezende prepara um volume de contos. ★ Alceu Amoroso Lima já está revendo os originais de um novo livro que se chamará «Europa 1950», uma série de estudos sôbre as questões humanas e políticas do velho continente. O mesmo escritor entregou à Agir os originais de um estudo filosófico sôbre o existencialismo. ★ A Editora Getúlio Costa acaba de lançar «Obra Poética», de Jorge de Lima, edição completa em um volume de 657 páginas, organizada, prefaciada e anotada por Otto Maria Carpeaux. O livro traz ainda uma fotografia de um retrato de Jorge de Lima por Portinari. O poeta anuncia ainda «Invenção de Orfeu», **longo poema precedido de um estudo crítico de João Gaspar Simões**, e uma tradução castelhana de «Anunciação e Encontro de Mira Celi», a sair pela Sociedade Editorial Latino-Americana, de Buenos Aires. ★ De poucos livros se pode dizer com tanta propriedade que estava sendo esperado, há bastante tempo, como se pode dizer da tradução de «A Peste», de Albert Camus. Lançou-o, afinal, a Livraria José Olímpio Editora, na Coleção Fogos Cruzados, êsse famoso romance contemporâneo, onde se narra, com a arte de uma profunda dramaticidade, a invasão da cidade de Oran, ao norte da Africa, por uma epidemia devastadora. Desde a vinda de Camus ao Brasil, especialmente, havia enorme interêsse do público em tôrno dêsse livro que encerra história realmente extraordinária de densidade e fôrça psicológica. ★ Realizou-se em Montevidéu, em julho do corrente ano, significativa homenagem ao escritor brasileiro Manoelito de Ornellas, pela sua tradução do poema «Tabaré», de Juan Zorilla. A homenagem consistiu na entrega ao tradutor de um busto de Zorilla, ato êsse presidido pelo Ministro da Instrução Pública do Uruguai, Ossidio Secco Ellauri, e assistido por numerosa e escolhida assistência. Agradecendo a homenagem, discursou o autor de «Gauchos e Beduinos», cuja oração foi bastante aplaudida. Recebeu ainda o escritor brasileiro outras significativas demonstrações de aprêço por parte dos circulos inteletuais de Montevidéu, regressando da capital uruguaia vivamente impressionado com a simpatia e cordialidade da recepção.

ATRAVÉS DOS SUPLEMENTOS

COMECEMOS pelo suplemento de «O Jornal», nesta visita às páginas literárias de domingo, 24 de setembro. Logo de início, chamou nossa atenção o artigo de Théo Brandão, sobre «Origem do Zé Pereira». Gostamos muito de assuntos folclóricos, temos mesmo uma certa tendência a polemisar, a respeito dêles, dada a facilidade com que, entre nós, qualquer pessôa que conhece uma versão sôbre que nada pode provar, estabelece na praça que é a verdadeira origem de tal ou qual assunto. Théo Brandão discute a origem de «Zé Pereira» essa zabumba de carnaval, nada menos do que com Luciano Gallet, Mário de Andrade, Mariza Lira, Mário Mello e Almirante. O «team» é bom. Mas quem parece, mesmo, ter razão é o articulista. Sua argumentação, documentada, nos parece muito segura.

Olívio Montenegro escreve a respeito de «democracia», qualificando-a de «palavra suspeita», bom artigo. Há um belo poema de Adalgisa Nery — «Poema da Angústia Vertical». E, lá pelas alturas da página quatro, há uma colaboração portuguesa, de Hipólito Raposo, sôbre «poesia despoetisada». O artigo nos sugere que o que marca mais a velhice nos intelectuais é a sua incompreensão da poesia mais nova. Talvez porque a poesia seja o que de mais próximo toque o homem, entrado na decadência êle perde todo contato com a poesia nova e, então, começa a não aceitá-la, incapaz de compreendê-la, de senti-la, de amá-la, distanciado dela pelo tempo. Hipólito Raposo deve ser um caso assim.

Do suplemento do «Diário de Notícias», vou destacar o artigo de recordação de Antônio Torres, escrito por Gilberto Freyre — que com Carpeaux, é um campeão dos hebdomadários. Muito bom e oportuno, tanto o grande Torres tem andado esquecido, entre nós. Lembremo-nos de Torres: «Razões da Inconfidência», para nada dizer de seus livros de polêmica, continua a ser um grande livro: apaixonado, sim, mas grande.

Lá para dentro está um bom conto de Samuel Ravet, um dos jovens escritores que começa a transpôr o

arame farpado das rodinhas literárias. Salve o «Diário de Notícias», sempre acolhedor para com os moços.

Finalmente o suplemento do «Diário Carioca». Sérgio Buarque de Holanda inicia um estudo muito claro e preciso sôbre a poesia de Augusto Frederico Schmidt, sendo de toda conveniência que leiam aquilo os novos poetas. Um poema de Adalgisa Nery, melhor do que o citado acima. Temistocles Linhares escreve sôbre Alceu Amoroso Lima. Clarice Lispector contribui para a página com «Alamaveis de personagens desta vida. gumas Pessôas», fazendo caricaturas Renato Almeida trata de um livro de folclore que, pelo visto, é muito de estimar-se: «Nossos Avós Contavam e Cantavam», de Angélica de Rezende Garcia.

SUPLEMENTO LITERÁRIO DO "JORNAL DO POVO"

COM trabalho gráfico muito bem cuidado, em paginação moderna e que nada fica a dever aos suplementos das grandes capitais, acaba de surgir o suplemento literário de «Jornal do Povo», de Ponte Nova, Minas Gerais. Obra de esfôrço e desinteresse de um grupo de intelectuais da zona da Mata, o brilhante suplemento de «Jornal do Povo» é dirigido por A. Brant Ribeiro, Jamil Santos, Mário Clímaco, Olegário Lopes e Nelson Alves. Tanto a colaboração como as várias seções do suplemento são muito selecionadas, sobretudo os artigos de crítica, demonstrando que o grupo pontenovense acompanha a vida literária do país e do estrangeiro, reservando-se o direito de opinião e de revisão que lhe denuncia a vivacidade e a cultura. Saudamos no suplemento literário mensal de «Jornal do Povo» a manifestação de um movimento de inteligência que poderá recolocar a zona da Mata naquele plano de importância que a «Verde», de Cataguazes, ao tempo do movimento modernista, já a situou, com grande destaque, entre os centros de palpitação moça e renovadora das letras nacionais.

CINEMA E LITERATURA

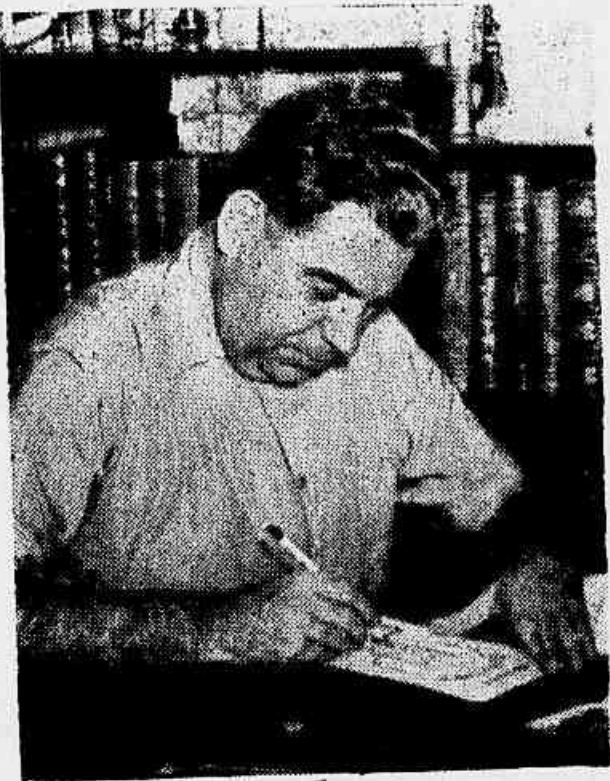
PICASSO

MILHAUD

ROSTAND

LE CORBUSIER

TEMOS a assinalar, hoje, nesta rubrica, o aparecimento de um interessante filme francês, figurando na mais nova produção daquela procedência e que não sabemos se será exibido, ou quando, entre nós. Trata-se de "A Vida Começa Amanhã" — título semelhante, aliás, ao de um belo romance de Guido da Verona. O argumento trata de um rapaz provinciano que vai a Paris para conhecer o passado da capital do espírito. Encontra, então, André Labarthe, que se propõe orientar sua curiosidade em outro rumo: no sentido do presente e do futuro. O moço é, assim, levado a fazer um inquérito pessoal junto dos maiores valores franceses de nosso tempo: Sartre, que o esclarece sôbre o existencialismo; Jean Rostand, que lhe fala do problema da vida; Le Corbusier, o grande arquiteto, sôbre construções, Picasso, Jolliot-Curie, André Gide, etc. Jean-Pierre Aumont é o intérprete dêsse filme documentário de absoluta originalidade, como se vê, aparecendo na película tôdas as grandes personalidades da França de hoje. A música, como era justo, é de Darius Milhaud. Argumento e realização de Nicole Védrès. No clichê, algumas das grandes figuras do filme: Milhaud, Jac. Jean Rostand, Picasso e Le Corbusier.

EX-LIBRIS

Alberto Lima

DEMOS, em um dos números passados, uma nota sobre o ex-libris, lamentando que essa arte estivesse descurada entre nós. Hoje, com grande prazer, registamos o aparecimento da revista «Ex-Libris», órgão oficial do Clube Internacional de Ex-Libris, de que é principal animador nosso companheiro Alberto Lima, que tem sido um incansável ex-librista. A nova publicação, em formato muito agradavel, com bôa colaboração, fartamente ilustrada, principalmente no que respeita à reprodução de ex-libris, por certo muito fará, como a entidade de que é órgão, pelo desenvolvimento dessa arte, entre nós, e pela melhoria de nossas relações com os grandes centros ex-libristas do mundo, possibilitando aos nossos colecionadores maiores facilidades em sua tarefa. Assim termina o artigo de apresentação da novel revista especializada:

«O «Ex-Libris» surge com êsse propósito. Surge modesto. Aquêles, que o lançam, congregados há, apenas, um ano em torno ao «Clube Internacional Ex-Libris» não têm a pretenção de apresentar obra perfeita. Falta-nos muito. O tempo corrigirá as nossas falhas. Surgindo, fazemô-lo, apenas, com o fito de afirmar a nossa dedicação à nobre paixão de colecionar essas jóias, que se iluminam de reflexos d'alma, essa arte que sublima o ideal de cultura.

Ao fazê-lo, pomos os olhos no futuro.

O que agora semeamos frutificará.

A tarefa, a que nos lançamos, não é fácil nem pequena: há muito que estudar, documentar e pesquizar. Em matéria de ex-Libris, no Brasil praticamente, nada temos.

Esperamos que «Ex-Libris» dê início à tarefa magna.

O futuro nos dirá da utilidade do nosso intúito.

Aguardemos, trabalhando.»

UM POEMA DE ANTÔNIO OLINTO

Antônio Olinto, poeta e critico literário de "O Globo", agora candidato a deputado pelo Estado de Minas, tem entre seus poemas mais antigos êste:

CONVERSA COM CHOPIN

Tuas palavras vêm quase em silêncio
num movimento de desejo tranquilo
e o piano coberto de sombra
diz da ternura densa que existe nas coisas.

As teclas se afundam no corpo do tempo
e há camadas de poesia na essência do som.

Foi a mulher ou a noite —
foi a praia estendida na quietude da luz —
foi a terra molhada de expectativa —
o galho sêco jogado na areia.
Tua voz vem crescendo em golfadas de vida
para a unidade exata do que permanece.

De repente —
são muitos pianos —
são todos os pianos do mundo
possuidos por tua angústia
num grito desesperado e nu.

Depois da queda restam as águas do silêncio
que compuseste com o gesto mais puro
no piano ultrapassado e vencido
pela tranquilidade de tuas mãos.

FÓRA DO PRELO

CERVANTES E OS MOINHOS DE VENTO — Josué Montello — Gráfica Tupi — Rio

Os grandes livros da humanidade nascem simples. Depois é que lhes começam a descobrir complicações. Perdem um pouco, assim, na estima do povo, tornam-se uma leitura de eruditos, dos iniciados, capazes de descobrir ou constatar, sob as aparências, o sentido obscuro, a significação, as intenções sutis, a profundidade que o autor meteu ignorantemente, no seu livro. De tal maneira que, muitas vêzes, o que era inicialmente uma coisa sem qualquer complexidade, torna-se impenetrável aos leigos com boas intenções.

Um de meus amigos contou-me, a propósito, que ainda estudante do primário, certa vez foi à biblioteca do grêmio e pediu para ler o «D. Quixote de la Mancha», na rica edição ilustrada do colégio. O bibliotecário recebeu o pedido com uma risada, os colegas troçaram-no, os professores explicaram que êle não estava à altura de ler tal livro, que, dada sua instrução primária, não poderia compreender Cervantes. O melhor é que o rapazinho insistiu e meteu-se a ler a obra, ficando admiradissimo de compreendê-la perfeitamente, de divertir-se com ela, de perceber, mesmo, que no livro havia uma caricatura da cavalaria andante, com ser uma história sedutora até para um estudante do primário.

Êste exemplo parece que aclara tudo a propósito do Quixote. O grande Don Miguel, quando o escreveu, teve em mente, com certeza, fazer uma história simples e divertida, metendo à bulha os tabus do seu tempo, fazendo admiráveis caricaturas, zombando dos grotescos humanos e das espanholices de sua terra, tudo, porém, tendo em vista a sua fabulação. Êsse o grande valor do livro, simples, comunicativo, próximo, de tal fôrça humana e de tal fascinação que resiste galhardamente ao tempo, obra de um engenho alto e poderoso e, sobretudo, de engenho. Todo o mundo compreende e sente os seus heróis, todo o mundo se diverte com as façanhas do manchego, percebendo ou não o que há no livro de intencional e de caricato. Acontece porém que os eruditos, uma vez que essa é a tarefa deles, eruditaram o Quixote, descobriram-lhe tais complicações, interpretando-o com tanta erudição, justamente, que fizeram com que o livro perdesse aquilo mesmo que é a sua qualidade principal e sua fôrça, — a simplicidade.

Não queremos negar nem à crítica, nem à erudição, seu direito de interpretar, analisar e concluir. Mas, tenham a santa paciência, não transformem as obras, dando-lhes outro sentido, que originalmente não tiveram nem tampouco façam de sua leitura uma exclusividade de iniciados. Também não queremos articular isto aqui para concluir contra a obra de Josué Montello, que é um erudito estudo sôbre a obra de Cervantes. Há erudição e, talvez, eruditismo. O livro de Montello pertence ao primeiro grupo e visa, com a análise de Cervantes e de sua obra imortal, exatamente desbastar o cervantismo das complicações que lhe criaram, trazendo-o à nossa melhor compreensão e ao nosso melhor amor. A respeito, êle cita Anatole France e Remy de Gourmont, reclamando para Rabelais o título de companheiro, e não de homem onisciente, como lhe achou o eruditismo. Cita, depois, o pleito de Azorin, querendo, também, como companheiro a Cervantes, convertido em sábio, na dialética imaginosa dos hermeneutas eruditos. E o autor dêste trabalho de inteligência e de cultura, termina por pedir-nos que vejamos no Quixote, aproveitando o verso de Baudelaire — um semelhante e um irmão.

E' essa recuperação do Quixote para a familia dos leitores, essa fraternidade que Josué Montello estabelece entre nós e o herói manchego — o que engrandece estas páginas de reivindicação popular para o companheiro de Cervantes.

LIVROS ILUSTRADOS

Ilustração de Tony Palazzo para o seu livro «Charley, the Horse», obra para crianças de 4 a 7 anos.

RITMOS HUMANOS — Angélica Coelho — Pongetti — Rio

Não é de hoje que temos em mãos êste romance de Angélica Coelho, jovem escritora cearense que, com êste livro, faz sua estréia literária, certa de sua vocação e segura de seus meios.

Acontece porém que o livro merecia mais do que uma simples leitura rápida, pois além de ser apresentado por Edmar Morel, trazia também algumas palavras elogiosas de Raquel de Queiroz nossa grande romancista, como gostamos de repetir, por menos que isso lhe interesse.

De fato, «Ritmos Humanos» não é um romance qualquer. Trata-se de um livro muito bem escrito, sem essa literatice meio ingênua, meio cabotina da linha geral da literatura feminina. Com uma fabulação fácil, espontânea, sedutora, com todos os atrativos do verdadeiro romance, revela um estilo agradável, novo, forte, que justifica de sobra o que do livro e da autora já disse a crítica mais autorizada.

Nela encontramos, como não podia deixar de ser, o problema da mulher e do amor, tratado com desembaraço, com emoção verdadeira e com coragem. O livro prende, pela sua arte literária, tanto como pela história de que nos faz participar com realidade, com verdade. E' uma mensagem eloqüente, com um gôsto áspero de vida viva, com sangue, suor e lágrimas, mostrando-nos o drama dos destinos e das criaturas nos encontros e desencontros dos caminhos do mundo, porque, como sintetizou no pórtico de sua obra Angélica Coelho — a vida é assim, uma coisa assim, indecisa e caprichosa.

SOB A LUZ DE UM NOVO SOL — Beatrix dos Reis Carvalho — José Olímpio — Rio

A poetisa Beatriz dos Reis Carvalho, saudada por Olegário Mariano como uma das mais altas expressões da poesia lírica no Brasil, volta a cantar, neste livro, seus temas familiares, tecendo seus versos em tôrno do amor e dos episódios doces e tranqüilos da existência. Pois, que quereríamos de um poeta lírico senão essa amável interpretação da vida e dos acontecimentos? Não importa que, às vêzes, as lágrimas aflorem às suas pálpebras, que sua voz desça de tom, misturando-se em um soluço discreto. O lírico tem uma visão especial da existência, um conceito sentimental e harmonioso da vida, tudo vendo através do amor. Assim, sua poesia se comove com tudo que seus olhos descobrem na paisagem do mundo, um mundo colorido de doçura como as telas de Rosa Bonheur. Pode-se não gostar dessa atitude, dessa maneira de ser, podemos encontrar certa monotonia de música ou de colorido nessa poesia que se recreia em transbordar de seu coração afetivo um completo estado de graça por sôbre as coisas e as criaturas. Mas, devemos admiti-la como uma forma de poesia e de comunicação, destinada às almas irmãs, com o endereço dos corações sensíveis e das criaturas delicadas.

Beatrix dos Reis Carvalho, há pouco laureada pela Academia Brasileira de Letras, não se deixou seduzir pelas novas técnicas do verso. Permaneceu fiel, igualmente, à tradição lírica de nossa poesia, que vem de Casimiro de Abreu, e às formas tradicionais da poesia, com métrica e rimas. Sob êsse aspecto, seus poemas são, também, muito de estimar-se, pelo trabalho consciente da versejadora e pela espontaneidade dominante na maioria de seus poemas, tão comovidos e tão tocantes.

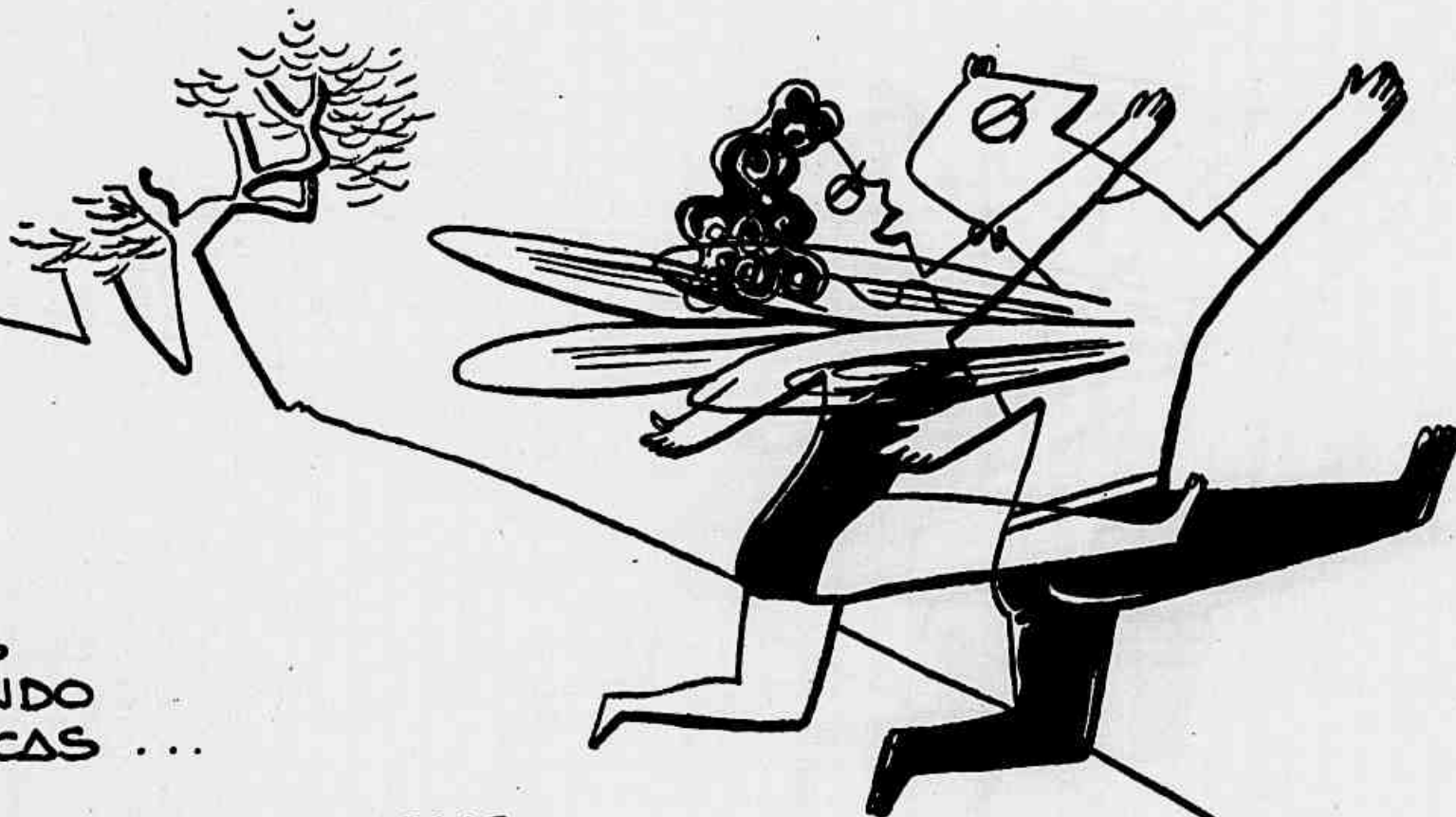
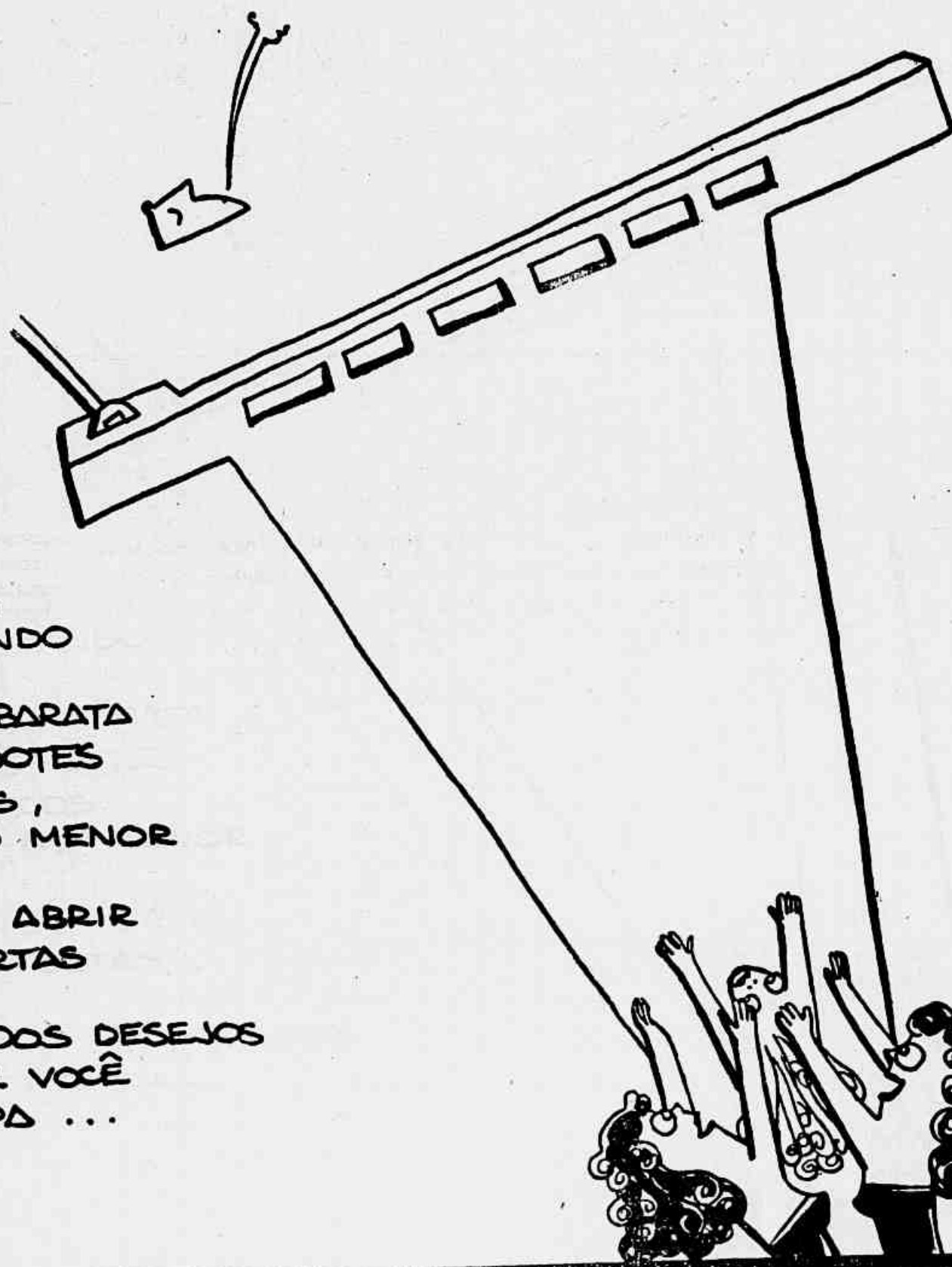
OUTROS LIVROS Henri de Lanteuil, professor a quem tanto devem as letras francesas, entre nós, publicou um bem feito e muito útil «Précis de Littérature» (Second Cycle Complet). Trata-se, como se vê, de obra destinada aos colégios e, como tal, nenhum elogio seria demasiado a um trabalho da melhor didática. Acresce, porém, que o livro de Henri de Lanteuil vem ainda prestar muitos bons serviços a quantos se interessam pela literatura francesa e necessitam um roteiro para o seu melhor conhecimento. Edição da Livraria Francisco Alves.

CORREÇÃO DE TEXTOS (Para exames e concursos), de Modesto de Abreu, é outra obra de sentido didático e de grande merecimento que a Pongetti vem de lançar a público.

Não precisamos falar aqui no autor dêste livro que prestará inestimáveis serviços aos estudantes e aos estudiosos, tal a sua clareza e a segurança dos ensinamentos nele contidos: o professor Modesto de Abreu é uma figura prestigiosa em nosso magistério e seu nome assina muitas das melhores obras de nossa bibliografia didática.

Nicodemus

AMA

AH, O AMÔR!
COMO E' BELO
COMO E' SUBLIME
O AMÔR!

... NÃO
RESISTI:
PUXEI A ALAVANCA!

E CONTRIBUO
DESDE ENTÃO
COM MINHA
PEQUENA
QUOTA
PARA QUE
OS
FABRICANTES
DE REMEDIOS
PARA
DÔRES DE
CABEÇA
GANHEM
A SUA VIDA
HONESTAMENTE ...

E NA
ETERNA
VIGILANCIA,
ABANDONANDO
AO LÉU
A EDIÇÃO BARATA
DE SEUS DOTES
PLATÔNICOS,
ATENTO AO MENOR
SINAL,
PRONTO A ABRIR
AS COMPORTAS
DA
REPRESA DOS DESEJOS
ASSIM QUE VOCÊ
DÉSSE SÔPA ...

1 — Após a cerimônia do casamento, chegam os noivos em casa. Ela, Núbia (Aimée), enviuvara há dois meses de seu primeiro marido, Gilberto, e vinha de casar com Idelfonso (Alexandre Carlos), amigo do falecido. Os dois estão satisfeitíssimos e radiantes por haverem conseguido a realização de seus sonhos, mostrando ser Núbia uma senhora moderna, sem preconceitos, um pouco avoada, fútil mesmo, acertadamente acompanhada pelo Idelfoiso, o tipo do bocó, infantil e ingênuo. Entre beijos, abraços, risinhos e criancices tolas, procuram entrar, e afinal o conseguem, no apartamento de Núbia.

2 — Procurando a chave da porta, Núbia encontra uma carta dirigida a seu falecido marido contendo uma fotografia de Luciana. Conhecendo a existência de várias amantes de seu marido, especialmente entre suas amigas, revolta-se por sabê-lo amado por uma de quem nem suspeitava, já que não a conhecia. Aflige-se, diz que nunca perdoará essa traição do primeiro marido, provocando o desagrado de Idelfonso, momentaneamente esquecido. Voltam, os dois, às boas, quando são surpreendidos pela visita de Gilberto (Flávio Cordeiro), que diz não haver morrido no desastre de automóvel.

A CAMISOLA DO ANJO

Texto de SABINO CANALINI ★ Fotos de CARLOS

O teatro é considerado por alguns como a mais alta expressão da genialidade humana, talvez pelo fato de ter sido uma das primeiras manifestações dos senaimentos artísticos do «homo sapiens». Acompanhou a evolução da humanidade em todas as suas fáses, com altos e baixos, com períodos de estagnação mais ou menos longos, e ainda com surtos corajosos de renovação. E' o que agora se verifica em nossos meios artísticos. Nota-se o início de um movimento modernizador, que quer derrubar o classicismo. E' no enrêdo, no guarda-roupa, na encenação, na entonação de voz e na dicção, nos efeitos luminosos e na mímica, enfim em tudo, que um hálito revolucionário se faz sentir, escandalizando a alguns, atraindo a outros, desapercebido pela maioria. Novos nomes surgem como teatrólogos. Nelson Rodrigues, Guilherme Figueiredo, Silveira Sampaio, Helena Silveira e últimamente Pedro Bloch e Darcy Evangelista. Êste, aliás, parece ter sido o influenciador de algumas das realizações anteriores. Quanto a Pedro Bloch, é recente seu sucesso, ainda encenando, de «As mãos de Euridice», peça originalíssima. Um único ator que em determinado momento desce à platéia e faz a mesma tomar parte no enrêdo desenvolvido. Como segunda realização, apresenta-nos agora, de parceria com Darcy Evangelista, que estréia também como cenarista, «A Camisola do Anjo». Moderna, leve, com cenarios concebidos expressionisticamente, contando com um pequeno elênco encabeçado por Aimée, baseia-se na teoria espírita que admite a presença de pessoas falecidas nos ambientes em que sempre viveram, invisíveis a todos, por não se haverem convencido de sua morte. Têma interessante, tratado com malícia, um tiquinho de filosofia e bastante humor. Marcha o teatro para a frente, apesar dos incapazes teimarem em combatê-lo.

3 — A situação é deveras confusa e ridícula. Os três discutem, não querendo abrir mão de seus direitos, acusando Gilberto sua espôsa de infidelidade, por não haver esperado nem ao menos que encontrassem o seu cadáver. Idelfonso não quer sair, Núbia não quer desistir de seu segundo marido e Gilberto não quer ser demissionário de suas funções de marido e dono da casa. Decidem enfim esperar três dias mais, após o que Gilberto resolverá se vai mesmo morrer ou não. Nesse tempo, viverá êle em sua própria casa, dormindo no sofá da sala, estragando a lua-de-mel dos recém-casados.

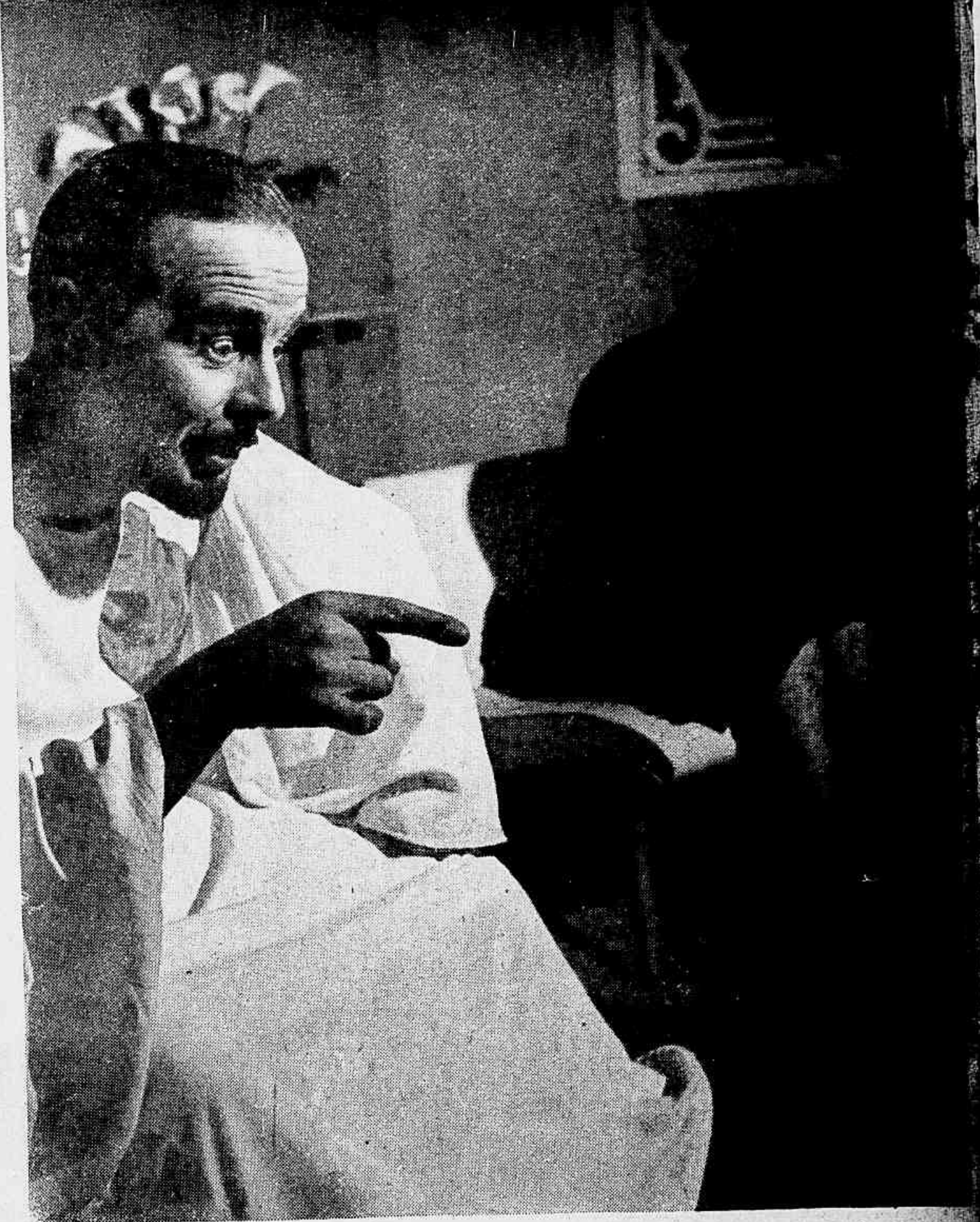
4 — Na manhã seguinte, Gilberto começa o dia como fazia sempre, de robe-de-chambre, lê jornal durante a refeição matinal, reclamando apenas da espôsa o barulho que seu novo marido faz ao tomar banho e, quando êste aparece, por usar pijama, robe e chinelos que lhe pertencem. Idelfonso não atura mais semelhante situação e responde que o atual marido de Núbia é êle, sendo portanto o verdadeiro dono inclusive de tôda a roupa que há no apartamento. Acalmando a discussão, o leiteiro bate à porta, entrega a garrafa de leite e a conta, que Núbia apresenta, como de costume, a Gilberto.

5 — Nova discussão surge para saber quem deverá pagar a conta, Gilberto ou Idelfonso? Núbia sugere a metade para cada um. Toca o telefone. Idelfonso atende, é um amigo dele que o felicita pelo casamento. Lembram a prematura morte de Gilberto, não deixando Idelfonso transparecer a presença do "tertius", pois assim fôra combinado, ninguém deveria saber que Gilberto ainda estava vivo. Não queria caír no ridículo uma vez que se espalhasse a sua volta justamente no dia do segundo casamento de sua espôsa. Prometeu solucionar o caso em três dias, morrendo ou não, e assim o fará.

6 — Toca novamente o telefone e uma voz etérea pede para falar com Gilberto, espantando Idelfonso e Núbia. Gilberto tem um pressentimento, deve ser a sua amada, deve ser Luciana, provocando os ciumes de Núbia que passa a ofender Luciana. Proíbe-lhe o ex-marido de sequer pronunciar o nome de Luciana, pois é demasiado puro para andar nos lábios da espôsa. E' um anjo, e quer vê-la, já não agüenta a separação. Chama-a e prenuncia a sua vida, sente sua presença, ouve seus passos e afinal, entrando mansamente através das portas distorcidas, surge um anjo, Luciana (Samaritana S.).

7 — Volta a ação a se passar na realidade. Bem diferentes correram os fatos. Núbia está ainda de luto pela morte do marido num desastre de automóvel, sendo que o corpo ainda não foi achado no despenhadeiro em que caíu. Regressa ela à casa após ter ido rezar. Pouco depois aparece Idelfonso, sério, compenetrado, não mais infantil. Vem consolá-la e ao mesmo tempo avisá-la de que o marido não merecia as saudades que ela demonstra ter. Surgem também os dois anjos, Luciana trazendo pela mão Gilberto, que agora veste uma camisola, apesar de ainda não estar convencido da morte.

8 — Apesar da camisola de anjo "quase diplomado" que traz no corpo, Gilberto, invisível a Núbia e Idelfonso, tenta falar com êles para os avisar de não o traírem, pois êle não morreu. Luciana que o trouxera até aí, revela-lhe a verdade. Na agonia da morte Gilberto não se desprendeu totalmente das coisas terrenas, já que muito apegado a elas estava. Em sua imaginação, portanto, criou uma seqüência de fatos que êle gostaria tivesse acontecido, vivendo-os ou apenas assistindo-os. Por isso via sua casa, os móveis e as próprias pessoas distorcidas, ridículas, tudo fantasia.

9 — Um velhinho (Félix Batista) que, da platéia assistira tôda a peça, levanta-se, sob os degráus que comunicam com o palco e vai entrando em cena, dizendo-se procurador do falecido Gilberto. O interessante é que êle consegue falar com os dois anjos, que vê perfeitamente, espantando Idelfonso e Núbia. Forçado por Luciana, Gilberto consente em deixar que Núbia leia uma carta que êle escrevera à própria Luciana convidando-a a fugir. O velhinho faz entrega da carta, a prova da infidelidade de Gilberto. Núbia não contém um arroubo de revolta contra o marido que sempre respeitara.

10 — Aceita a côrte que Idelfonso lhe faz, enquanto Gilberto tenta impedi-lo, invocando moralidade, ridículo, como se ainda estivesse vivo. Afinal compreende que nada mais há a fazer, pega numa lâmpada que fica acesa em suas mãos: é o símbolo da chama da vida prestes a se apagar. Junto com Luciana decide voltar ao céu. Convidam o velhinho a ir com êles, o que é aceito, pois também a missão dêste terminara na terra. Retiram-se os três enquanto Núbia e Idelfonso fazem planos para o futuro. Cái do alto uma camisola de anjo com remendo vermelho. Gilberto recebera seu diploma definitivo.

FACHADA DO ABRIGO do Bom Pastor na rua do mesm nome, no bairro da Tijuca.

PRESERVAR A CRIANÇA... e regenerar a mulher, eis a principal finalidade da Congregação Bom Pastor. A esquerda uma religiosa em atitude carinhosa brincando com o filhinho de uma presidiária na Prisão de Mulheres em Bangu. Na capela do Presídio foi obtida esta foto. As religiosas achavam-se em adoração. Todavia outras irmãs achavam-se em retiros espirituais. Razão porque não aparecem nesta foto.

PRESERVA A CRIANÇA... E REGENERA A MULHER

COMO SE DEU A SUA EXPANSÃO ATRAVÉS DOS TEMPOS ★ ESPECIALISTA NA FUNDAÇÃO DE ASILOS FEMININOS E EM SERVIR NAS PRISÕES DE MULHERES DE TÔDAS AS PARTES DO MUNDO ★ AS CONDIÇÕES EXIGIDAS PARA SE TORNAR IRMÃ ★ "NOSSA DIVISA É O ZÊLO, E ÊSTE ZÊLO DEVE ABRAÇAR O UNIVERSO INTEIRO" ★ LÁGRIMAS E EMOÇÃO NO PRESÍDIO ★ E O REPÓRTER SE COMOVEU... A MÃO TREMEU... A CANETA CAIU E AS CONFISSÕES FICARAM NO AR...

Reportagem de ABDIAS RODRIGUES — Fotos de WALTER MORGADO

"O valor de uma Ordem Religiosa depende muito menos do número de seus membros, do que da formação religiosa". Assim se expressa o pe. Jerônimo P. de Castro, num capítulo de seu livro sôbre a Madre Santa Maria Eufrásia Pelletier, fundadora da Congregação de Nossa Senhora de Caridade do Bom Pastor.

E por ter, realmente, finalidade altruística é que nos propusemos a visitar as casas dessa grande congregação existentes no Rio de Janeiro.

E uma bela tarde de sábado chegamos de surprêsa ao Asilo Bom Pastor, situado numa rua do mesmo nome, no bairro da Tijuca. Fizemo-nos anunciar e logo fomos recebidos pela irmã Maria Auxiliadorá, secretária da Madre Provincial.

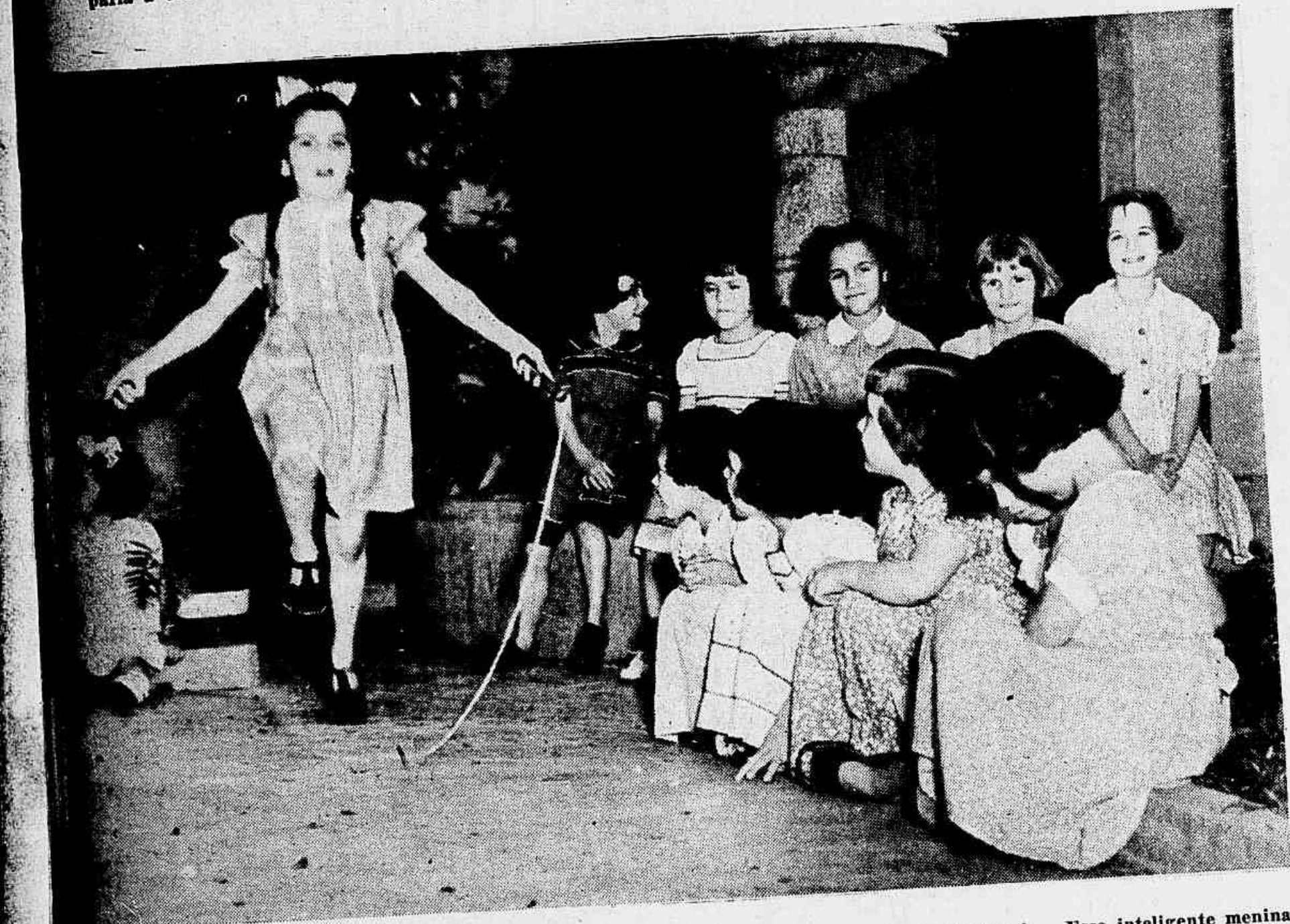
— Os srs. são da REVISTA DA SEMANA?... Pois bem... podem entrar. Temos lido o que a REVISTA vem

NO PATRONATO de Menores, cuja direção está a cargo das irmãs do Bom Pastor, as mocinhas aprendem as primeiras letras, ao mesmo tempo que adquirem conhecimentos domésticos.

INDIFERENTES a sua própria sorte, as orfãs se divertem sob os olhos paternais das bondosas irmãs. Este flagrante foi obtido no Abrigo Bom Pastor.

MUITAS MOÇAS são hábeis datilógrafas e boas costureiras. Uma vez atingida a maioridade, podem ganhar a vida cá fora e viverem independentes.

A COMIDA deve estar gostosa. Na Prisão de Mulheres a fiscalização é severa. As irmãs examinam tudo; desde a rouparia à cozinha. Por vezes há irregularidades. As reclusas responsáveis são logo advertidas. «A nossa divisa é o zêlo, e êsse zêlo deve abraçar o Universo inteiro».

NO PATIO de diversões do Patronato as menores se divertem a valer. Antes, porém, de se dedicarem às diversões, fazem as suas orações. Aqui estão em forma, aguar-

POBRES crianças órfãs! Vivem em seu mundo à parte, têm também as suas horas de alegria. Essa inteligente menina, com as suas habilidades, procura se divertir e diverte as suas irmãs na sorte. E assim é a vida no Asilo Bom Pastor. Vida triste, apesar de tudo.

UMA VISÃO do pátio de diversão do Patronato. Balanços, rodas, peteca, bola, vale tudo, na hora H. O que as garotas procuram é se divertir a fim de minorar a melancolia.

publicando acêrca do Ano Santo. Muito bem. Que Deus abençõe a REVISTA. E... naturalmente...

— Sim, irmã, esta reportagem é também um complemento ao que vimos publicando em comemoração ao Ano Santo. Soubemos que esta congregação tem como finalidade primordial a regeneração da mulher, sendo, com êsse objetivo, verdadeiro sanatório das enfermidades morais.

— De fato, — interveio a irmã secretária — num ambiente sereno, de paz, bem e caridade, as pobres criaturas infelicitadas pelo êrro e desprezadas do mundo, que as perdeu, regeneram-se pela religião, pelo trabalho, pela disciplina, pela moral e pelo bom exemplo. Tratadas com caridoso carinho pelas religiosas, que as têm sob sua guarda, reabilitam-se e tornam-se aptas para o sustento da vida, trilhando o caminho da honra e do bem, que, pela paz de espirito, conduz à felicidade.

Outro fim altamente nobre da Congregação do Bom Pastor é o da preservação das meninas pobres, desamparadas e desvalidas. Retiradas, na meninice, do meio pernicioso da promiscuidade perigosa, onde seriam, fatalmente, arrastadas ao vicio, essas jovens abrigadas, instruidas e educadas em um ambiente são, iniciadas no trabalho, preservadas do contacto impuro em que viviam, poderão, findo o prazo em que devem ficar internadas, volver ao meio social e, fora do estabelecimento, ganhar honestamente a vida. Nossa divisa é o zêlo, e êsse zêlo deve abraçar o Universo inteiro.

Outro propósito humanitário e, ao mesmo tempo, de elevado interêsse social a que o Bom Pastor se dedica, é a administração interna de casas correcionais e escolas disciplinares, que lhe estão confiadas no Brasil, na Europa, nos Estados Unidos da América do Norte, no Paraguai, Argentina, Chile, Japão, China, enfim, em tôdas as partes do mundo.

— Quer dizer que esta é a maior congregação religiosa do mundo? — perguntamos.

— Evidentemente. E' a maior. A sua fundação data de 1829, em Angers, na França. Lá está a CASA-MÃE. Estabeleceu-se no Brasil em 1891 com desmembramento em duas provincias; isto é, provincia do norte e do sul; na Bahia e no Rio.

Em todos os Estados e grandes cidades do Brasil há um Asilo Bom Pastor. E pelo mundo em fora há milhares. Aqui no Distrito Federal temos êste asilo que é a Casa Provincial. Todavia, a direção do Patronato de Menores e a prisão de mulheres, em Bangu, estão a cargo da Congregação.

AS PENITENTES E AS MADALENAS

— Qualquer moça pode tornar-se irmã da Congregação do Bom Pastor?

— Não. A regra que seguem as religiosas de Nossa Senhora de Caridade do Bom Pastor d'Angers, é a de Santo Agostinho, com Constituições que a adaptaram às obras dêsse Instituto.

O fim particular desta Congregação é trabalhar na salvação das almas extraviadas, comprometendo-se a isto, por um quarto voto.

Além do tempo dado à oração mental e outros exercicios espirituais, as religiosas recitam ordinàriamente o Oficio Parvo de Nossa Senhora, unindo assim a vida contemplativa à vida ativa.

Há poucas mortificações corporais prescritas pela regra, mas em compensação, as obras reclamam uma continua renúncia, uma completa abnegação de si mesma e uma dedicação absoluta às almas que estão sob o seu cuidado.

A comunidade se compõe de irmãs de côro e irmãs rodeiras. Sòmente as religiósas designadas pela obediência têm relação com as diversas categorias de pessoas que são admitidas no mosteiro. Estas categorias são as seguintes:

AS PENITENTES, quer dizer, as pessoas que depois de se terem afastado do caminho da honra e da virtude, desejam deixar sua má vida e regenerar-se. Algumas se apresentam voluntàriamente e outras são confiadas às religiosas por pessoas da familia, ou autoridades competentes.

AS MADALENAS são as penitentes convertidas, que desejando abraçar a vida religiosa e não o podendo fazer, por causa de seu passado, encontram dentro do Mosteiro do Bom Pastor, um outro mosteiro que as abriga e lhes

dando ordem para se expandirem um pouco. A presença do fotógrafo, no entanto, faz que elas tomem atitudes sérias.

Há, entretanto, algumas indiferentes, que preferem a meditação ao borborinho.

permite seguir as práticas da vida religiosa e expiar seu passado, no trabalho, e na oração.

As madalenas seguem a regra primitiva do Carmelo e estão sob a dependência de uma religiosa do Bom Pastor, que exerce junto delas, as funções de superiora.

AS PRESERVADAS, órfãs ou meninas abandonadas que são recebidas pequeninas e educadas até sua maioridade.

No primeiro ano de seu noviciado, as noviças se dedicam ao estudo das regras e se iniciam nos costumes da vida relgiosa.

No segundo ano, conquanto continuando seu noviciado, são enviadas, como auxiliadoras, nas diversas seções: — penitentes, madalenas e preservadas, a fim de que saibam bem a que se comprometem pela profissão.

O noviciado é de dois anos, a contar do dia da tomada de hábito. Decorrido êste tempo, o Conselho da Casa Provincial julga se a noviça é digna de fazer seus votos. Depois da Profissão, a jovem professa é enviada a qualquer uma das casas do Instituto, pela superiora provincial.

E sendo, como se sabe, a Congregação do Bom Pastor, uma instituição, cujo principal fim é a regeneração da mulher, impossível se torna que entre para os seus quadros de irmãs, criaturas que, embora regeneradas, têm um passado maculado...

Depois de alguns meses de noviciado as postulantes recebem o hábito da Congregação. Geralmente, para êsse ato há um cerimonial mui pomposo. Nessa ocasião é explicado às noviças o seu significado. O *branco* simboliza aquela virtude tão cara em si mesma, mas tanto mais cara e necessária nas religiosas, que devem torná-la amada por aquelas que a desprezaram. O *escapulário* representa o jugo, de que fala O Evangelho; jugo suave e leve para quem o carrega com amor. O *rosário* lembra a grande alavanca da oração, pela qual tudo se levanta e se move para Deus, além disto, é o símbolo da consagração a Maria Santíssima.

O último ato da cerimônia da vestição é a troca do nome. Conforme as restrições da fundadora, tôdas as religiosas tomam o nome de Maria, ao qual cada uma acrescenta o nome de um santo ou de um mistério da vida de Nosso Senhor e o nome de batismo.

★

A primeira madre provincial do Brasil foi a irmã Maria de São Francisco Xavier Nóvoa. Atualmente, o lugar é ocupado pela irmã Maria de São Luiz Gonzaga Afonso Pena.

A superiora local é a madre Maria de São Francisco Sales Leal. A sua administração está dividida com a madre Maria Rosa Horta Barbosa — diretora do Patronato de Menores — e a madre Maria de São Francisco de Assis Brigido, a quem está confiada a administração da Prisão de Mulheres em Bangu.

Em harmonia, e com compreensão admirável, tôdas trabalham para a grandeza da Congregação e felicidade dos que lhes estão confiados. Tivemos ocasião de observar *in loco* o zêlo e o carinho com que são tratados todos; desde a criança inocente no Asilo Bom Pastor à delinquente perigosa na prisão de mulheres.

★

Todavia, últimamente, o asilo vem se mantendo com enormes dificuldades. Em 1930 tinha cêrca de 100 mil cruzeiros do Govêrno Federal, quotas de loterias, impostos sôbre bebidas alcoólicas, etc. Ficou a subvenção reduzida *(Cont. na pág. 54)*

ESTAS são as verdadeiras representantes do Brasil. Quatro rostos e dois tipos de autênticos índios. Maria Anita Joaquim Xexes e Maria de Lourdes Silva — ambas filhas de Xavantes; e Maria Ribeiro e Noêmia Cabral, filhas de Bororós.

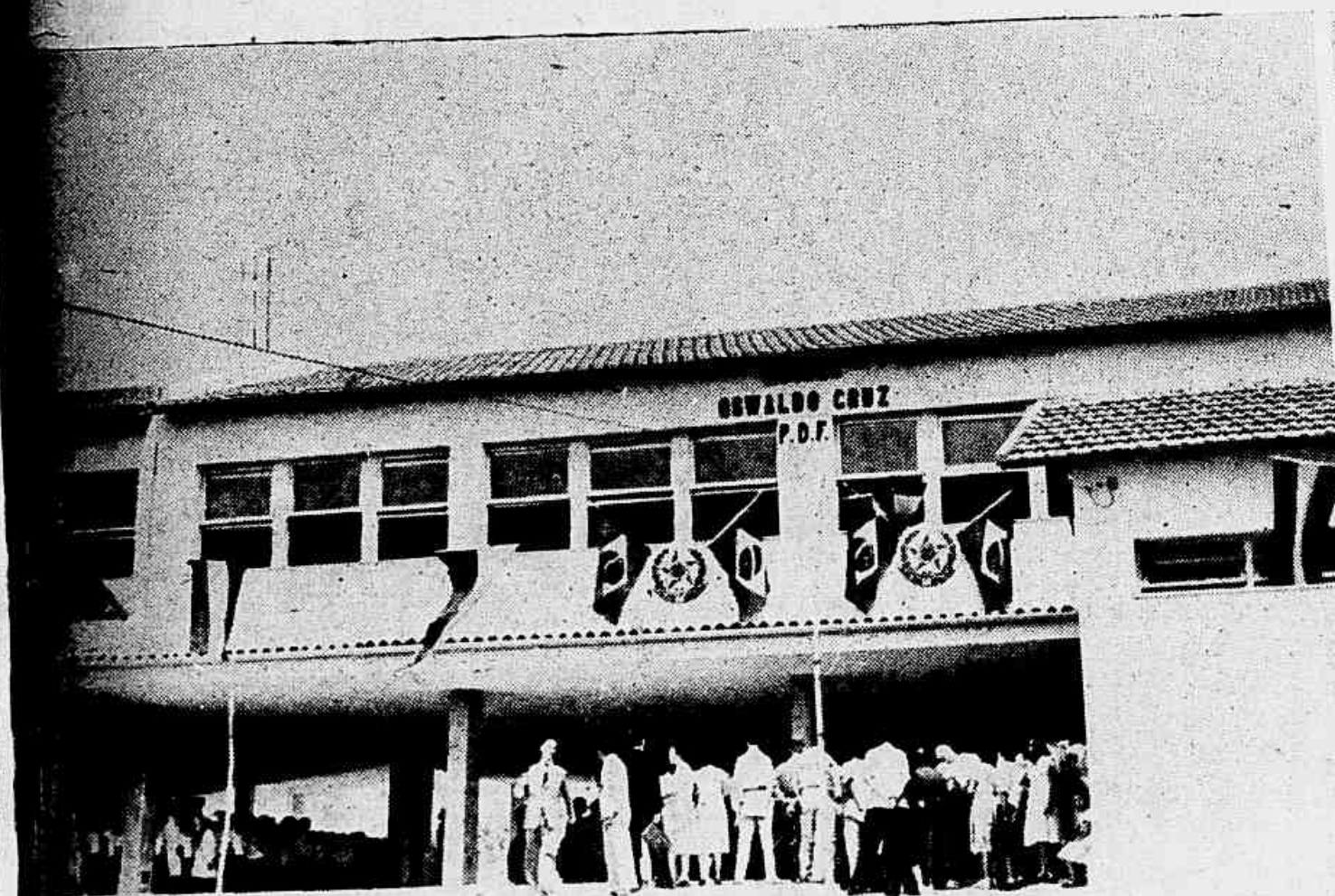
MAIS ESCOLAS PARA O DISTRITO

INAUGURADOS CINCO GRANDES PRÉDIOS ESCOLARES — O FATO ADMINISTRATIVO DE MAIOR RELÊVO, NO ÚLTIMO MÊS, EM NOSSA CIDADE — UM PROGRAMA EDUCACIONAL DE ENORME ALCANCE — 39 UNIDADES ESCOLARES NOVAS, CONSTRUIDAS E EM FUNCIONAMENTO — 24 OUTRAS EM CONSTRUÇÃO.

O prefeito do Distrito Federal, general Angelo Mendes de Morais, içando o pavilhão nacional durante a solenidade inaugural da Escola Benjamim Constant, erguida no bairro da Gambôa.

ACABAM de ser inauguradas mais cinco escolas primárias no Distrito Federal. Essa alviçareira notícia, veiculada pelos jornais e emissoras da Capital da República, encheu de alegria a todos os corações. Quem não se comoveria diante de acontecimento como êsse, de tanta importância para a população da metrópole? Pois foi o fato culminante da vida administrativa local, no mês recém-findo, a inauguração dessas novas casas de ensino, onde milhares de pequeninos encontrarão as luzes do saber, emergindo das trevas para o dia de amanhã. Piedade, Bonsucesso, Manguinhos, Parada de Lucas e Gamboa foram os bairros que receberam o régio presente de uma escola primária. Um régio presente com que a administração Ângelo Mendes de Morais vem periòdicamente enriquecendo o Distrito, do centro mais elegante ao mais longínquo rincão sertanejo, cumprindo um programa de expansão educacional de rara envergadura. Basta acentuar que, nos três últimos anos, construiram-se na nossa cidade mais prédios escolares do que em muitos períodos de governos anteriores. Vinte-e-seis escolas típicas rurais, cinco escolas rurais,

Pessoas da família de Benjamim Constant estiveram presentes à inauguração da Escola que tomou o nome do grande brasileiro. Em nome da família, agradeceu a homenagem o general Rondon.

O prefeito da Capital da República inaugura uma nova Escola Primária. Este deve ser um dos momentos mais felizes e emocionantes para um administrador consciente dos seus deveres.

Escola Oswaldo Cruz, em Manguinhos

Escola Benjamim Constant, na Gambôa.

INDIA CARRIER, Columbia Britânica, tem na na face as características dos povos asiáticos, e nos costumes, as mesmas semelhanças, como se vê na maneira de conduzir os filhos. Isso é uma prova de que os índios da América procedem da Ásia, tendo atingido a América pelo estreito de Bering, espalhando-se por todos os pontos do Novo Mundo, especialmente ao norte.

ÍNDIOS DO CANADÁ

A CONTRIBUIÇÃO DO ÍNDIO NO PROGRESSO DO PAÍS ★ MEIOS DE VIDA E MANEIRAS ★ O TRABALHO DOS ÍNDIOS NA AGRICULTURA E OUTROS RAMOS DE ATIVIDADE.

MAIS DE CINQUENTA tribos indígenas conta o Canadá, tôdas elas com os traços étnicos mongólicos, hoje mais atenuados, graças à mistura. Aqui vemos Stony, chefe índio, com seus trajes.

Por L. KOS (Da Universidade de Montreal — Exclusividade de IPA — REVISTA DA SEMANA)

O termo índios abrange todos os habitantes originais da América, desde os esquimós do Ártico até os nativos da Terra do Fogo, na ponta da América do Sul. o nome se originou do engano de Colombo, que julgou ter chegado à Índia, quando realmente havia descoberto um novo continente.

Os índios vieram para o hemisfério da Ásia, provavelmente pelo Alasca e Estreito de Bering. Os primeiros grupos podem ter alcançado a América, já há uns 10.000 anos atrás Muitos outros seguiram os primeiros bandos, durante séculos a fio, mas parece não ter havido mais imigração para a América, depois do começo da Éra Cristã.

Há índios altos e há índios baixos, de cabeça larga ou estreita. Índios com narizes aquilinos ou curtos e chatos. Entretanto, apesar das duas diferenças, de região eles podem, na maior parte dos casos, se distinguir das outras raças por sua pele marrão, bronzeada ou levemente avermelhada; seus olhos escuros; cabelo preto e liso; maçãs do rosto proeminentes; barba escassa. Em geral, suas mãos e pés são menores do que os dos europeus.

No Canadá havia cerca de cinquenta tribus de índios, e nos Estados Unidos cerca de 100, cada um falando sua lingua própria. Algumas destas línguas diferiam tão pouco, como o francês do espanhol. Outras eram tão dissemelhantes, como o inglês e o chinês. Entretanto, ainda não se conseguiu chegar a qualquer relação com as línguas dos índios com qualquer língua do Velho Mundo.

Os índios canadenses falavam onze línguas completamente diferentes, apesar de que, quando o francês Jacques Cartier entrou pelo rio São Lourenço terra a dentro, havia menos de um quarto de milhão de indígenas, nêsse ano de 1535. E se havia tão poucos no Canadá inteiro, havia apenas um milhão em todo o território dos Estados Unidos. Podem se dividir as cinquenta tribus canadenses em sete grupos ou «áreas culturais», que correspondem quase exatamente às divisões fisiográficas do país. Isto é possivel devido à grande influência exercida pela fauna, flora e clima

VELHA ÍNDIA OCUPADA em fazer objetos e cestas, cospe cinza mastigada contendo corante vegetal.

dos territórios na vida de suas primitivas populações.

As tribos de cada grupo, frequentemente falavam línguas diferentes, mas se assemelhavam em sua maneira de vida e organização social.

Dentre as plantas úteis que nos vieram dos índios, e se expandiram pelo mundo inteiro, estão o milho, o fumo, a batata, a borracha e muitas outras. Foram eles que também ensinaram o uso de sapatos de neve, espécie de pequenos skis. Também as canôas de lona canadenses, frequentemente imitam suas embarcações de troncos de árvores.

Também no domínio de govêrno, os índios fizeram experiências, criando oligarquias e democracias, exércitos profissionais e convocação universal, escravidão e direitos iguais para homens e mulheres. Cinco tribos de Iroqueses organizaram uma Liga das Nações em miniatura, abolindo tôdas as guerras em seus territórios.

Hoje, nas partes mais populosas do Canadá, os índios vivem em locais que lhes são especialmente reservados pelo govêrno. Ocupam-se principalmente da agricultura. Não há «reservas» nas regiões mais setentrionais, porque lá a agricultura é impossível e os índios são obrigados a percorrer continuamente longas distâncias, à procura de pesca e caça. Mesmo assim, durante alguns meses do verão, eles se congregam nos vários postos comerciais da Companhia da Baía de Hudson, que foram convenientemente construidos em lugares especialmente escolhidos. Como qualquer outra comunidade no Canadá, os índios estão sujeitos a influências econômicas, sociais e geográficas da província e distrito no qual vivem.

A vida e ambiente das seis nações de índios da província de Ontário, por exemplo, é básicamente a mesma de qualquer outra comunidade agrícola e têm pouca semelhança com a vida e ambiente dos índios Pés Pretos (Black-foot) que teem seus ranchos nas pradarias, ou com os índios da Columbia Britânica, que se dedicam à pesca comercial. Sua posição também é bem diferente da dos índios que trabalham em siderúrgicas, próximo de Montreal, ou daquele grupo setentrional que caça e pesca, levando uma vida nômade.

Há mais de 130.000 canadenses de raça índia. Entre eles há rancheiros e agricultores bem sucedidos, lenhadores, pescadores e caçadores. A maior parte deles preferiu ficar próximo de seus lares ancestrais, entretanto, alguns estão seguindo carreira de médico, dentista, sacerdote, professores, soldados, trabalhadores de fábricas, advogados, mecânicos, comerciantes, quase todos os ramos da economia do país.

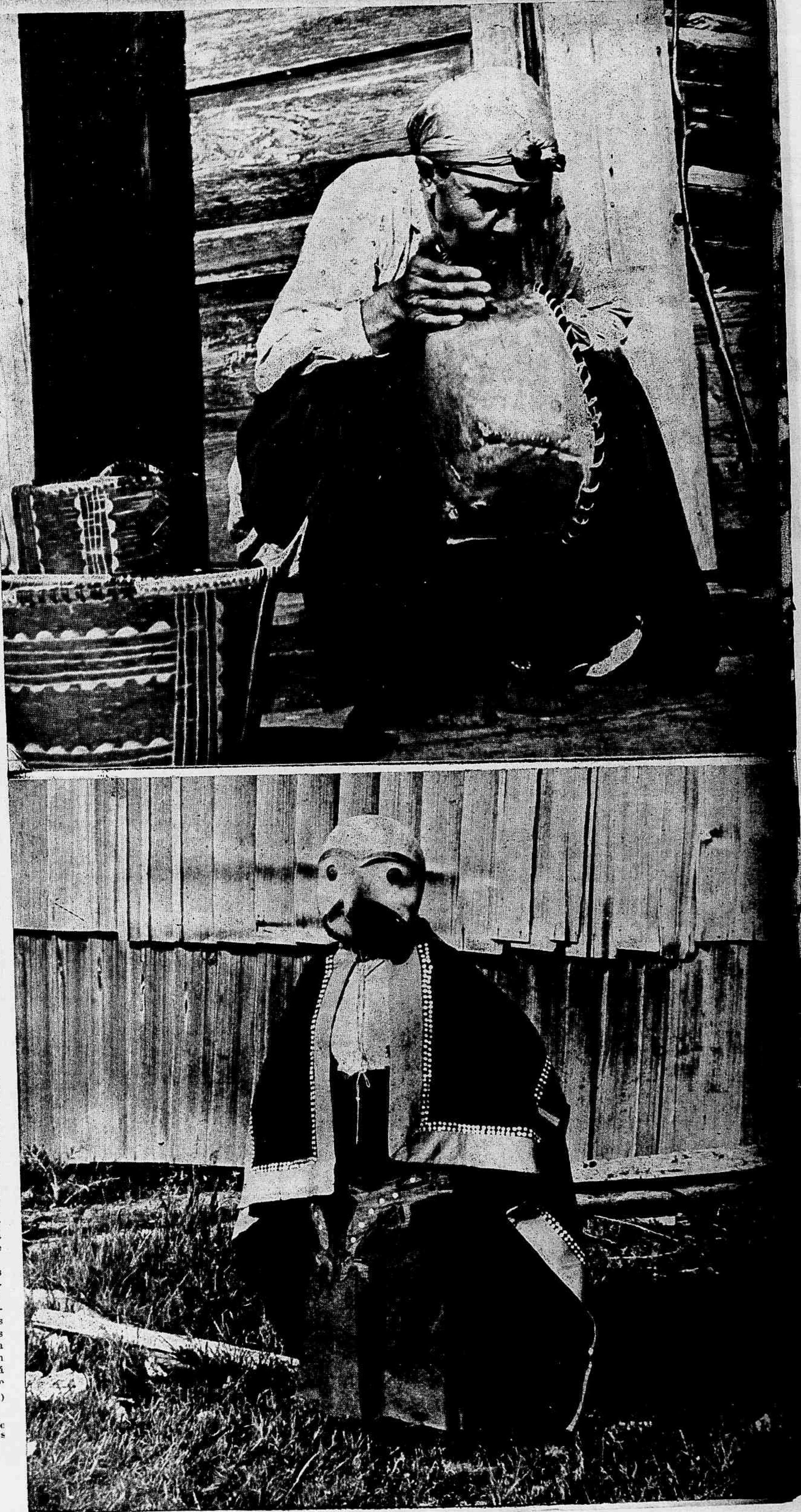
Apenas na administração de seus bens e terras é que os índios são diferentes de outros canadenses. Serviços que outros cidadãos recebem da municipalidade ou província, os índios recebem diretamente do govêrno federal. Trata-se, principalmente, da assistência médica, educação, proteção legal, projetos comunais, etc.

Nas comunidades índias mais bem organizadas, eles elegem seu próprio conselho, cujos poderes são semelhantes ao de um conselho de cidade, apenas um pouco mais restritos. Também existe um funcionário do govêrno, o Superintendente de Índios, que é responsável em muitos particulares quanto à situação dos índios. A administração de assuntos índios está subordinada ao Departamento de Minas e Recursos. Oficiais de reconhecida competência no serviço de índios, acham que mesmo protegendo os privilégios e direitos históricos dos índios, o maior bem que se pode fazer a eles é a educação, e assim é que, apesar de todas as dificuldades, está se levando a efeito um programa educacional em grande escala.

Desde a chegada do homem branco, os índios e o comércio de peles estiveram estreitamente relacionados. Mas agora, o Departamento de Bem Estar Índio está ensinando aos aborigenes métodos modernos de caça de animais de pele. Passaram os tempos em que uma tribo de índios caçava numa determinada área, mudando-se em seguida para outra. Agora a caça está sendo planificada e posta sob contrôle

(Cont. na pág. 44)

NÃO É CARNAVAL, leitor; é um índio Hagwilet, da ilha Rainha Carlota, em vestes cerimoniais.

MÊDO DE MAR

O suicidio de Maria Lúcia causára espanto e consternação na cidade onde vivia. Casada muito jovem com um oficial da marinha, sempre afavel e risonha, se não era feliz, encobria-o perfeitamente; não tinham filhos e durante muito tempo os dois pareceram unidos. Com estupefação geral, u'a manhã começou a correr no circulo de suas relações, a noticia espantosa: Maria Lúcia pusera termo à vida, com um tiro de revolver. Os comentários fervilhavam: diziam-na neurastênica, sofrendo de moléstia incurável, ou infeliz em sua vida conjugal; a verdade, porém, era um pouco diferente. Conheci-a desde menina; sempre teve grande inclinação para a música e com o tempo tornara-se verdadeira artista: era um gozo vê-la diante de um teclado, o rosto transfigurado, o olhar intenso, a arrancar das notas o sentido humano, doloroso ou vivaz, que o compositor emprestára à sua obra e que adquiria uma expressão bem pessoal, atravéz de sua interpretação.

Tocava horas, sem parar; havia dias em que a música era-lhe uma necessidade: de temperamento fino e vibrante parecia servir-se dos sons como de uma linguagem, a única capaz de traduzir o que lhe ia nalma. Interpretava Chopin com muita intensidade: a fisionomia risonha tomava então uma expressão dolorosa e era uma alma desconhecida que transparecia, com lampejos de paixão tão vibrantes e tão incontidos que davam a impressão de vir de muito longe, de um ser muito recôndito, muito profundo. Pouco soube de sua vida de casada e conheci ligeiramente seu marido. Disseram-me que não gostava de música e que Maria Lúcia, em sua presença, nunca abria o piano; como militar, tinha espírito prático, mostrando-se um tanto autoritário, amigo da ordem e dos regulamentos. Por contraste, minha amiga possuia a delicadeza de uma flor, todo o seu ser transbordava paixão e era dessas que, em tudo, dão muito mais do que recebem. Um dia, provàvelmente, cansara-se de sorrir, de ser boa, de ser aquela que sempre dá; um tédio abominavel começou a tornar seus dias sombrios e dolorosos; pôs-se a suspirar por um pouco de compreensão, de ternura, por uma vida mais alegre, mais imprevista, com uma pontinha de boemia.

Lutou muito, lutou desesperadamente contra o desencanto que a assaltava: tentou criar interesses novos, atordoar-se, escapar; começou a sair muito, a procurar constantemente a companhia das amigas; a vida do lar parecia-lhe tão vazia, tão solitária, que tomou horror à casa. Apavorada com a transformação que notava dentro de si, agarrou-se à idéia do dever, à lembrança do passado, mas presumira provàvelmente demasiado de suas fôrças; nenhum raciocinio era já suficientemente poderoso para abafar o grito de sua natureza, tão duramente recalcada.

Qualquer psicanalista ter-lhe-ia apontado os erros e concordado que nenhum ser humano consegue sustentar êsse diapasão: a corda por demais esticada, um dia arrebenta... Foi quando a pobre Maria Lúcia que, havia já alguns anos, vinha vivendo tão corajosamente, se viu a braços com uma crise sentimental de proporções tremendas.

Lídia, uma de suas amigas, recebia muito e convidava-a constantemente para reuniões em sua casa: o marido que detestava a sociedade sempre a deixava ir só: um dia apresentaram-na a um jovem polonês que tocava piano como um gênio! Ao ouvi-lo interpretar os grandes mestres, Maria Lúcia sentiu que todo o seu ser se fundia, que seu castelo desmoronava e que não havia mais luta capaz de conter a onda de amor que lhe invadia a alma e o coração vazios. Ficou aterrada!

Daí por diante, não teve mais sossêgo: procurando por todos os meios varrer de sua mente a imagem que a obcecava, torturou seu espírito repelindo-a com veemência; constantemente, como que colada ao seu pensamento, aquela fisionomia de olhar ardente a perseguia, instalava-se em su'alma, não a deixando noite e dia; parecia uma alucinação! A pobre moça começou a sentir-se culpada e quanto mais lutava, mais a imagem se grudava a ela, como um pesadelo... Perdeu o apetite e o sono e começou a fugir da casa onde conhecera o seu tormento.

Um dia, porém, não resistiu a tentação: convidada para uma reunião em que se ouviria música, Maria Lúcia, já incapaz de se controlar, acedera às instâncias de Lídia e lá fôra ter com o coração aos pulos, todo o seu ser completamente desgovernado. Notando-lhe a perturpação, esta perguntara-lhe afetuosamente se estava se sentindo bem. — «Sim, sòmente um pouco cansada ùltimamente: dei para dormir muito mal». — «O que precisas é de distração; o programa da noite está feito de encomenda para ti, Ian Godewsky é um dos meus convidados e prometeu tocar. Olha, já está chegando».

Lídia afastou-se e Maria Lúcia procurou uma cadeira para sentar-se: bambeavam-lhe as pernas e um suor nervoso umedecia-lhe as mãos; totalmente desamparada

diante da tormenta que sentia próxima, não tinha uma âncora na qual pudesse se agarrar fortemente: sua religião era a do comum de sua geração que frequentara os colégios leigos, meramente formal, sem penetração verdadeira; não possuia tão pouco qualquer ideal revigorante: apenas um grande respeito por suas tradições de família e um horror instintivo à falsidade, à mentira, às situações dúbias.

Ao avistá-la, o pianista dirigiu-se ao seu encontro, apertando-lhe a mão de um modo tão significativo, que a pobre Maria Lúcia sentiu se diluirem suas últimas resistências: o olhar com que a envolvia dizia claramente: «Amo-te loucamente. Não sei se és livre ou não, mas não posso ocultá-los». Os dois permaneceram isolados a um canto do salão; Maria Lúcia não encontrava palavras para iniciar uma conversa qualquer; a emoção a paralisara por completo. Foi Godewsky que rompeu primeiro o silêncio: «D. Lídia acaba de me dizer que a senhora é pianista eximia. Gostaria de ouvi-la. Quer tocar para mim esta noite?»

Tocar para o grande Godewsky?... Maria Lúcia pensou que estava sonhando: balbuciou um «Pois não, com muito prazer» e de novo se calou. Tocar para êle! Como tocaria! Tudo o que sentia, o tumulto que lhe ia nalma, o amor que já agora a dominava, saberia exprimi-los incomparàvelmente melhor em sons e melodias do que por palavras.

As salas se enchiam, o borborinho aumentava, os grupos se adensavam. Ian e Maria Lúcia permaneciam calados, sem vontade de se afastarem um do outro. De repente a voz de Lídia se fez ouvir: «Caros amigos, tenho a honra de contar hoje entre os meus convidados, o grande pianista Ian Godewsky que prometeu executar para nós, alguns números de seu repertório». Uma salva de palmas acolheu essas palavras: todos os olhares convergiram para o recanto onde os dois apaixonados se julgavam sós. Foi preciso romper o encantamento. Ian atravessou a sala, cumprimentou, sorriu e sentou-se pausadamente diante do teclado: preludiando com alguns arpejos, atacou um estudo de Chopin. Os assistentes ouviam de respiração suspensa: era um gigante, aquele artista delicado, esbelto, cujos dedos pareciam garras possantes a extrair das notas tôda a sua essência. Executou diversos números; uma estrondosa salva de palmas abafou seus últimos acordes: Godewsky levantou-se, agradeceu e encaminhando-se para Maria Lúcia, tomou-lhe a mão, conduzindo-a ao piano.

Linda figurinha, aquela que atravessava a sala, guiada pelo pianista: trajava essa noite um vestido vaporoso de musselina azul, em perfeita harmonia com seu tipo e a impressão de delicadeza que emanava de sua pessoa. Antes de começar a tocar pareceu recolher-se um momento e, enquanto os dedos ágeis se moviam sôbre as teclas em arpejos harmoniosos, sua atitude se firmou, como os oradores que preludiam um discurso, uma conferência, com uma introdução, que serve para dissipar os primeiros instantes de nervosismo e lançá-los de chofre no assunto de que vão tratar.

Maria Lúcia escolhera sua peça predileta, a «Apassionata» de Beethoven, que tocava sempre com grande emoção: nessa noite, su'alma inteira falou: a solidão e a angústia em que há tanto tempo vinha se debatendo, o sofrimento de seu coração incompreendido e finalmente a revelação maravilhosa daquele amor, que surgia triunfalmente em sua vida, pareceram viver na interpretação apaixonada que soube dar às frases musicais do genial compositor.

Os assistentes se entreolhavam: nunca haviam ouvido a moça tocar assim: seguiram-na tão intensamente, que ao arrematar com o último acorde, ficaram silenciosos, suspensos, ainda sonhando... Godewsky a bebia com os olhos: mais claramente que por palavras, a expressão que Maria Lúcia dera à música, revelava-lhe a alma de sua amada; aproximando-se, beijou-lhe a mão e as palmas estrugiram. No meio das aclamações, Maria Lúcia retirou-se: naquele momento precisava estar só, recolher-se, e pouco a pouco voltar a este mundo, retomar pé... Sentou-se num lugar isolado, escondeu o rosto nas mãos e assim permaneceu por muito tempo: quando por fim ergueu os olhos, Ian estava à sua frente: a jovem fê-lo sentar-se a seu lado e agora, já um pouco mais refeita, conversaram sôbre arte, a Polônia, a Eu-

NOVELA DE DOMICIANA

(Cont. na pág. 54)

— E' incrivel o número de turistas que estão economizando, este ano.

— Agora, querido, vamos ao menu de terça-feira!...

— Não adianta falar, Jorge é assim mesmo, faz o que bem entende.

BOM HUMOR

— Infelizmente madame, aquele não é para vender.

— ...E não se [illegible]ça de devolver à sua mãe as receitas que ela nos mandou!...

Muitos podem achar que o ursinho «Brumas», do Zoo de Londres é o «tal»; mas para Miss Adrienne, não há mesmo nêste mundo, nada que se compare à sua amável e linda «Edith».

Apreciadora de leite, «Edith» começa suas refeições matinais sorvendo o excelente alimento universal. Segura a mamadeira com as próprias patas (perdão!) mãos e... e que belo!

O NOSSO AMIGO URSO

Fotos KEYSTONE

QUEM teria inventado a história de que é o urso um tipo falso, traiçoeiro, fingido, dissimulado? No Brasil, pelo menos, quando se quer dizer que um cidadão é temível pela solércia e jeito de enganar os outros, dizemos que se trata de «um amigo urso».

Entretanto, parece que se passa com o urso amigo o mesmo que a tradição registrou com o bonissimo e útil sapo. Um belo repugnante, feíssimo, horroroso, é, porém, inofensivo, amável, dedicado ao policiamento das hortas e roçados, protegendo as plantas de tudo o que há de inimigos alados ou rasteiros. O sapo é um colaborador da humanidade. Mas, como é muito feio, o hom m que lhe ignora os préstimos, não o suporta. Os meninos se divertem a matar sapos pelas formas que se caracterizam da maior crueldade.

Assim, o amigo urso. Nos começos do cinema, quando Luís Lumiere mandou à Rússia um seu emissário filmar cousas das zonas siberianas, foi o urso o primeiro artista a figurar em «naturais» fazendo ursadas...

Mas tudo «truc». O urso aparecia na tela descrevendo cenas de traição para pegar de jeito o operador que filmava uma caçada de ursos sobre gelos; mas, depois, Mesguich explicou tudo numa obrinha muito interessante acerca de suas aventuras pela Rússia dos Nicolaus.

E o urso que parecia mesmo um vilão, passou a ser um pobre diabo vítima das piratarias de reporteres cinematográficos. A vida é mesmo assim, cheia de surpresas..

E' preciso advogar a dignidade do urso. E nada mais probatório e convincente do que esta ursinha de nome «Edith», pertencente a Josette Adrienne, residente em Londres. Mis Adrienne inspirou tanta confiança ao bicho que êle não quer saber de outra vida, nem de outro meio social.

Dizem as notícias da capital inglesa que, até agora, o urso mais famoso e admirável daquela cidade, era o de nome Brumas, habitando o Zoo londrino. Esse urso faz as delícias da meninada e arranca exclamações de entusiasmo dos maiores. Entretanto surgiu «Edith» e as atenções de todo mundo passaram para ela.

A diferença entre os dois ursos é que, o do Zoo é branco, e o de Miss Adrienne é pardo, e de pelos tão belos e sedosos que mais parece estar «Edith» embrulhada num pom-pom de arminho pardacento

Miss Adrienne e Mr. Vogelbei levam a «menina» «Edith» a um passeio pela cidade, atraindo a atenção dos que passam. E «Edith» parece que viu algum «amigo urso» e olha para trás.

O NOSSO AMIGO URSO

E não tem a menor cerimônia de sair pelas ruas e beber o crême ou leite, como qualquer menino mal educado...

Como deseja Miss Adrienne que todo mundo admire sua delicada companheira, empreendeu uma «tournée» teatral pelas Ilhas Britânicas, e, se a cousa der, naturalmente, seguirá para o estrangeiro.

Para que o bichinho, porém, pudesse fazer bonito diante de multidões, sua dona teve que mandá-lo fazer um curso de habilidades espetaculares com o famoso treinador de bichos, Mr. Vogelbei, que desde muito se dedicára a domesticar e a ensinar coisas a ursos.

De começo, Miss Adrienne não quis concordar com a separação que a «cultura» de «Edith» lhe traria; mas, por fim, diante das razões do domesticador emérito, a moça não teve outro jeito que não entregar-lhe a ursinha delicada e inteligente, que passou a ser uma estudante de primeira ordem no reino dos bichos.

Quando o homem dos animais ensinados a chicote e outros instrumentos humanos, voltou com «Edith» aos braços de sua dona, estava a ursinha de tal forma saliente que empolgou Miss Adrienne. De então por diante, ambas, a dona e a «brotinho» de pelos cinzentos, passaram a dar espetáculos em circos e palcos por êsse mundo afóra.

(Cont. na pág. 54)

Quando «Edith» se «veste» para umas voltas pelas ruas e praças da cidade, fica tôda assanhada quando passa em frente de cafés. E' que ela já sabe que, em tais estabelecimentos, pode fartar-se de leite e crêmes, à vontade do corpo.

Pelo jeito algo suspeito em que está «Edith», parece que não há leite na mamadeira e sim água que passarinho não bebe.

MAS SERÁ MESMO QUE ESSA URSINHA NÃO SE FARTA DE INGERIR TANTO LEITE E CREME?

O ANEL

CONTO DE
CARLINDO CERQUEIRA

MILITINO estava apaixonado. Ou melhor: perdidamente apaixonado, segundo a expressão do Alencar. Êste assegurava que um homem está irremediavelmente caído pela mulher, quando, a todo momento, faz a sua apologia, zangando-se ao ouvir palavras menos favoráveis da bôca de outrem. Acontecia assim com Militino. Na repartição não perdia o ensêjo de elogiar a amada. Gabava-lhe o porte, o andar, os cabelos, os olhos, a graça, a honestidade e tudo mais.

Certo dia levara o Alencar para conhecê-la, isto é, para vê-la passar, pois como se verá adiante Militino ainda não falava com a sua deusa.

— E' bonita — admitira o outro — mas tem um certo ar de «vamp»...

Foi o bastante para provocar uma explosão de ira em Militino.

— Você não sabe o que diz, ouviu? Ar de «vamp»... Veja! Descobrir nêsse anjo, semelhança com uma «vamp»... «Vamp»...

E ficou remoendo o vocábulo, entre os dentes, raivosamente, querendo destruí-lo.

Cortou relações com o Alencar e sentiu mais aumentar o seu amor. Já não se alimentava direito. Tornava-se pálido e enternuço: Só pensava na linda garôta que lhe roubara o coração. Também que bela mulher! Que retidão de caráter! Que mimo de honestidade!

Militino sempre fôra romântico e tímido. Almejara, toda a vida, uma pequena como Olga... Encontrara-a por fim. Há cerca de seus meses vira a moça pela primeira vez. Desde então ela tomara gradativamente conta do seu sêr. Esperava-a todos os dias para vê-la passar, seguindo-a, depois, à distância enlevadamente. E até essa data o rapaz não encontrara um meio de aproximar-se de Olga. Descobrira onde trabalhava, seu nome e residência. Entretanto a moça continuava a ignorar-lhe a existência. Jámais se fizera notar. Postava-se nos lugares onde ela tivesse de passar. Mas qual... Olga caminhava como rainha. Não dirigia aos míseros mortais a esmola de **seu olhar...**

Trabalhava num consultório médico, na Cinelândia, e morava em Botafogo, com a mãe, num bonito apartamento. Quando descobriu isso Militino teve um aperto no coração. Como seria possível a uma simples empregadinha de consultório médico, morar em Botafogo e vestir-se como Olga vestia? Contudo não lhe deu muito cuidado êsse pensamento. Concluiu que, realmente, Olga era admirável, fazendo maravilhas com o seu ordenado. De uma mulher assim é que precisava. Era necessário falar-lhe. Julgava-se um bom partido com os seus mil e oitocentos cruzeiros de ordenado. Naturalmente a moça não iria recusá-lo...

Bastava encontrar o melhor meio de abordá-la. E Militino pensava nos meios usuais de travar relações: «perdão, senhorita, mas parece que já nos conhecemos...» Não. Essa fórmula era por demais batida. Melhor seria fingir-se distraido e ir de encontro à moça para, então, desfazer-se em desculpas e apresentar-se. Qual... Também não servia. Poderia ser infeliz e a moça tomar-lhe rancor. Tinha que ser algo original. Uma fórmula na qual não houvesse a mínima probabilidade de fracasso.

O pensamento de Militino revoluteava em incríveis acrobacias para descobrir a idéia salvadora. Esta veio quando menos esperava. Um acontecimento fortuito, banal, quase quotidiano, deu-lhe a idéia maravilhosa.. Caminhava abstraido pela avenida, esbarrando na multidão apressada que enche a principal artéria do Rio, quando viu cair da bolsa de uma senhora, certo objeto. Apressou-se em apanhá-lo e devolvê-lo à distraida dama. O fato apresentou-lhe ensejo de conversar com a senhora Fragoso (a elegante dama deu-lhe logo o nome) que lhe agradeceu comovida o obséquio, convidando-o até para acompanhá-la ao seu apartamento, não muito distante... Declinou gentilmente do convite, porém, daí nascera a idéia mãe. Que facilidade! Bastava que Olga deixasse cair qualquer objeto e êle, Militino, fôsse entregá-lo. Não iria seguir, indefinidamente, a moça a esperar que perdesse um lencinho ou um broche. Idealizou, é claro, uma farsa. Postar-se-ia num ponto onde a bela passasse e depois chamá-la-ia, para entregar-lhe o que de antemão já houvesse preparado. Restava agora escolher o objeto e a melhor maneira de abordá-la.

Seria um broche dêsses de dez cruzeiros... Não. A moça poderia ofender-se por ser julgada tão mesquinha.

Depois de muito meditar decidiu-se por um anel. Sim, um anel. Algo de preço elevado que conseguisse despertar a atenção da moça, no momento. Mais tarde quando já estivessem noivos, faria presente do aro de ouro (tinha que ser de ouro, com lindo brilhante) à eleita do seu coração.

Como o escritor que, escolhido o têma de um conto, demora-se ainda amadurecendo a idéia, preparando os pormenores e o desfecho, assim também procedeu Militino. Só que não tinha de escolher o desfecho, que, aliás, não podia pressupor. Mas os detalhes êle os repassou vários dias na memória, variando o entrecho, prejulgando como seria recebido, o que poderia acontecer, etc.

Analisou a questão por todos os ângulos possíveis e até impossíveis. Ao fim de alguns dias havia estabelecido todo o plano de ação.

(Cont. na pág. 45)

ILUSTRAÇÃO DE
M. QUEIROZ

Como os russos conseguiram o segrêdo da bomba atômica - I

Por JOHN WALSH
(Exclusividade de IPA — REVISTA DA SEMANA)

O interesse dos russos pela bomba atômica começou no ano de 1943, quando se tornou conhecida a questão da liquidação da produção da famosa «água pesada» no norte da Noruega, pelo serviço secreto dos aliados, com o auxilio dos guerrilheiros noruegueses. Esta indústria foi criada e organizada pelos alemães e guardada por estes com o máximo segrêdo.

Os soviéticos, antes da segunda guerra mundial, davam maior atenção — como ainda agora — para a busca e descobrimento de raios cósmicos, com o intuito de transformá-los em arma terrivel. A essas pesquisas foram dedicados os famosos vôos estratosféricos de Prokofiew e outros. Os resultados foram sem dúvida satisfatórios, tendo um dos balões atingido a altura de 22.000 metros.

Em 1934, os russos construiram o primeiro ciclotron e nos anos de 1943 e 1944, fizeram as primeiras rupturas dos átomos do urânio, cujas experiências foram dirigidas pelos professores Kapitza e Abraham Joffe.

As pesquisas cósmicas não constituem segrêdo para ninguem. Os paises ocidentais tiveram maiores probabilidades neste sentido, por disporem de laboratórios mais bem equipados e de indústria adequada. Nos Estados Unidos, o capitão-aviador Stevens realizou vôos estratosféricos. Por sua vez, Piccard, famoso cientista belga, também pretendeu, mas sem resultados, decifrar os segredos dos raios cósmicos. Também na Polônia, o capitão-aviador Burzynski e o professor Jodko-Narkiewicz prepararam-se para realizar um vôo estratosférico, porém, no momento de levantar vôo, o balão incendiou-se.

Irving Langmuir, diretor do Escritório de Pesquisas da General Electric, presente à sessão da Academia de Ciências de Moscou, em 1946, teve oportunidade de conhecer dos resultados obtidos pelos russos no dominio da energia nuclear e dos raios cósmicos, mostrando-se pessimista quanto a esses resultados.

A fáse mais importante das pesquisas soviéticas, começou no ano de 1934, quando a Rússia conseguiu a «colaboração» do conhecido sábio, emigrante russo, Kapitza. Depois de fugir da Rússia, no tempo da revolução de 1917, o professor Kapitza fixou residência na Inglaterra, dedicando-se a experiências com a física nuclear. Algum tempo depois, tornou-se cidadão inglês, trabalhando para sua nova Pátria. Os soviéticos o convidaram, oficialmente, para o Congresso dos Sábios de Moscou. Kapitza aceitou o convite, com o que concordou o govêrno inglês. Após o encerramento do Congresso, Kapitza preparou-se para regressar à Inglaterra, porém não o conseguiu. Êle era russo, logo... sua Pátria era a Rússia! O govêrno inglês interviu, mas sem resultados. Kapitza ficou na Rússia, que indenizou a Inglaterra nas despesas de construção de seu laboratório, orçadas na importância de 18.000 libras esterlinas. Desde esse tempo, Kapitza dirige os trabalhos e pesquisas no ramo da energia nuclear juntamente com outros sábios soviéticos e desde o ano de 1943 dirige os trabalhos sôbre questões atômicas.

No ano de 1943, foi criado na Rússia um comissariado especial para a organização e fiscalização do trabalho científico sôbre os métodos modernos de técnica de guerra. Êste comissariado, ao mesmo tempo, controlava todo o trabalho sôbre armas atômicas. Como diretor dêste comissariado foi nomeado P.I. Parshyn e como seu adjunto W.P. Andreev. O centro de experiência foi criado sob a direção de B.N. Bezrukow, nas proximidades da cidade de Uchta, na Sibéria. Como diretor dêste centro foi nomeado N.A. Volkov. Alguns anos mais tarde, este comissariado passou a se denominar Ministério da Construção de Máquinas e Instrumentos. Dêste Ministério dependem as fábricas de instrumentos especiais em Yoshkor-Ola e a usina em Swerdlowsk.

Nêsse mesmo ano, os soviéticos eram informados sôbre os trabalhos atômicos dos alemães. Todos os centros de espionagem soviéticos receberam instruções para observar se semelhantes pesquisas não faziam também os paises aliados, isto é, Canadá, Estados Unidos e Inglaterra. O primeiro sinal receberam do Canadá, onde, desde 1924, agia muito bem organizada rêde de espiões, dirigida por Fred Rose ou Rosenberg e por Sama Carra ou Szmul Kegan, cidadãos soviéticos, naturalizados. Devido ao processo de Guzenko, foi descoberta a existência desta rêde de espiões, para a qual também havia encontrado o conhecido sábio inglês e membro do Parlamento canadense. Guzenko, cidadão soviético, chegou ao Canadá em Junho de 1943. Quando o govêrno soviético lhe ordenou voltar à Rússia, em 1945, Guzenko continuou no Canadá, deixando a Embaixada soviética, apoderando-se dos mais importantes documentos, dos nomes dos espiões, etc.. Muitos dêsses documentos secretos sôbre a arma atômica, estão já nas mãos do govêrno soviético.

Como se sabe, a primeira bomba atômica de ensaio explodiu no dia 16 de Junho de 1945, no deserto de Los Alamos, no Estado de Novo México. Nessa época, os russos já conheciam os resultados obtidos pelos americanos. Conheciam também os resultados alcançados pelos sábios alemães, porque nessa época ocupavam já grande parte da Alemanha: a Saxonia, Pomerânia, Brandemburgia, Turíngia e Berlim. Nas terras ocupadas, os russos organizaram a caça aos sábios alemães, engenheiros, técnicos, etc., especializados em pesquizas da energia nuclear. A mesma caça, fizeram também ingleses e americanos, nas suas zonas!

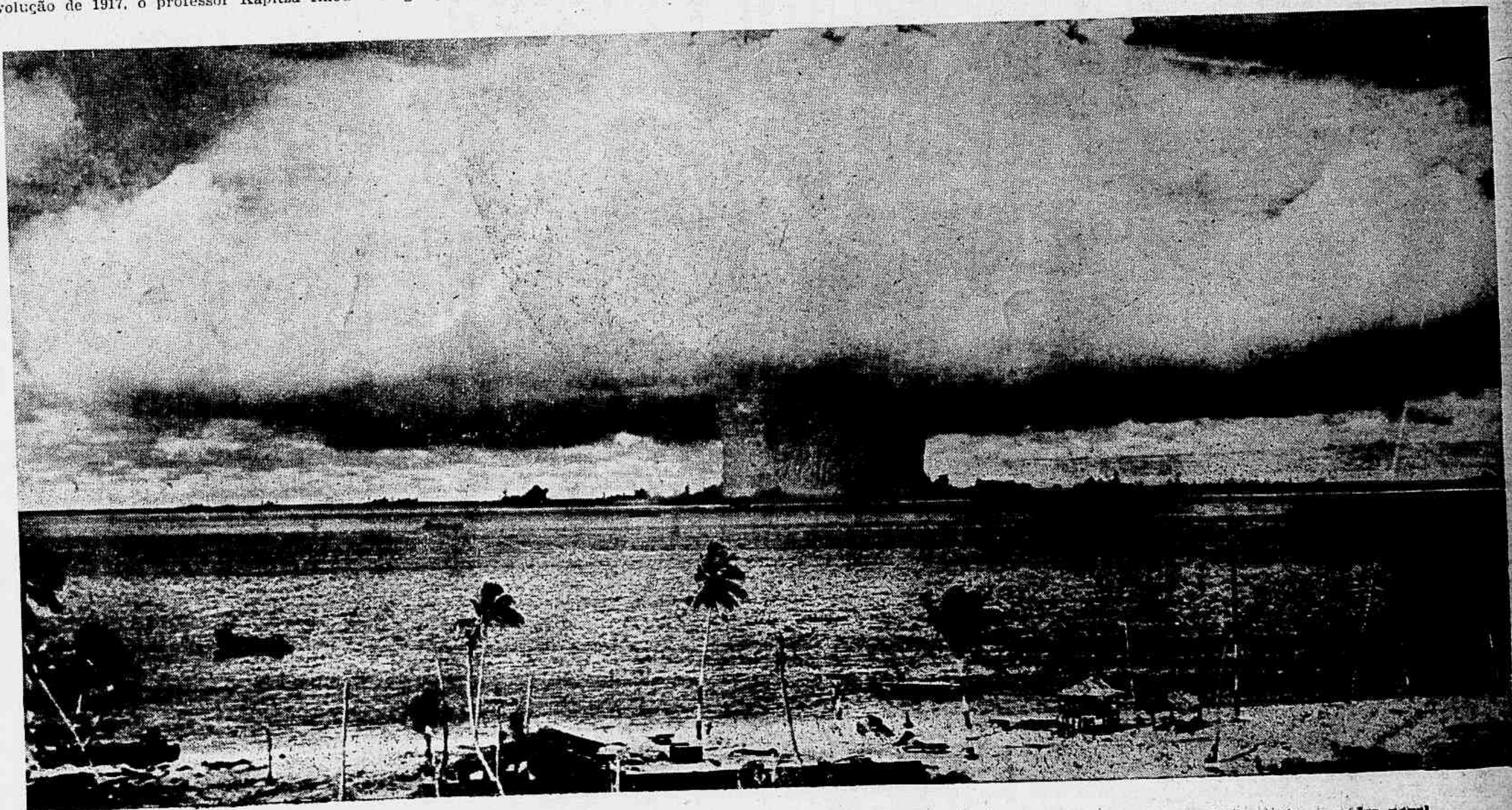
Werner Heisenberg, diretor do Instituto Físico de Wilhelm II e chefe das pesquisas atômicas alemães, laureado em 1932 com o Prêmio Nobel de física, afirmou que os russos estavam prontos a garantir seis mil rublos mensais a cada especialista alemão de pesquisas atômicas, que quizesse trabalhar para eles. Heisenberg não aceitou a oferta, que foi aceita por Gustav Hertz, que construiu o ciclotron alemão, por Robert Doetel, físico de Leipzig e por Ludvig Bevilogua.

Calcula-se que os russos conseguiram desta maneira mais de duzentos especialistas alemães, que foram enviados para o centro da Rússia. Os russos também prenderam todos os especialistas austríacos, quando o exército soviético ocupou Viena, a Austria do Sul e Burgenlândia, que eram o centro da indústria austriaca.

Conforme relação do professor Hutchinson, reitor da Universidade de Chicago, no ano de 1947, no mínimo vinte e sete sábios soviéticos, especializados em energia nuclear, trabalhavam na Rússia. Como o país tem cerca de 700 escolas e se cada Universidade soviética conta com um bom especialista em energia nuclear, nêste caso devemos estar certos de que a Rússia tem à sua disposição grande quantidade de sábios.

Os sábios soviéticos, completados pelos sábios alemães, foram divididos em três principais grupos, dos quais o primeiro dirigido pelo professor Landau, é composto exclusivamente de teóricos e trabalha únicamente na matemática, parte da questão. O segundo grupo, dirigido pelo professor J. Jdanow, trabalha exclusivamente na pesquisa dos raios cósmicos e o terceiro, o maior grupo, dirigido diretamente pelo professor Weksler, depois de construir ciclotrons e outros instrumentos, estuda a energia atômica.

Sabe-se agora, que quando esplodiram duas bombas atômicas americanas — uma no dia 6 de agosto de 1945 sôbre Hiroshima e a segunda no dia 8 de agosto do mesmo ano sôbre Nagasaki — os russos não foram assaltados com tais notícias. Já nesse tempo os sábios soviéticos tinham os relatórios de seus espiões sobre as bombas. E' sabido que quando os americanos alcançaram bons resultados com a separação dos elementos de «izotopos» de urânio e plutônio, os russos, no mesmo tempo, acabaram seus trabalhos sôbre os mesmos «izotopos» de bismuto.

Depois da ocupação da Saxônia, os russos começaram logo a explorar os minérios de urânio. Conforme informação do professor Loewnthal, os russos extraem o minério de urânio das montanhas «Erzgebirge», nas seguintes localidades: Oberschlemm, Schneeberg, Zchorlau, Aue, Marienburg, Brambach, Kunersdorf, Schmiedeberg, Annaberg, Bucholz, Frohnau e Johanngeorgenstadt, na fronteira checoslovaca. Na Checoslovaquia, os russos fazem a exploração de minério de urânio em Joachimstahl.

ESPANTOSO E COLOSSAL «COGUMELO» de água, vapores e irradiações letais formou-se da explosão atômica de Bikini, numa experiência contra o poder naval.

A VIDA DE SUSAN B. ANTHONY

(1820-1906)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

ELA não era como as outras crianças. "As
meninas do século dezenova", dizia a pro-
fessôra, Miss Deborah Moulson, "devem
comportar-se exatamente como se comportaram as
meninas de todos os outros séculos... A santi-
dade da tradição deve sempre ser mantida". Mas
Susan não acreditava nem na exatidão nem na
tradição. Tinha um espírito independente, cri-
me inaudito na Escola Feminina de Miss Moul-
son. O currículo da Escola baseava-se sôbre o
venerável triângulo: Moralidade, Amor de Vir-
tude, e, acima de tudo, Humildade. Susan não
podia ser humilde. Tentava sê-lo de corpo e
alma, mas em vão. Deborah insistia: as crianças
devem ser raramente vistas e nunca ouvidas. Su-
san, porém, gostava tanto de ser ouvida quanto
de ser vista. Um dia, na aula, riu fora de pro-
pósito.

— Traidora — grunhiu Deborah — lembra-te
do destino de Judas Iscariotes!

Segundo declarava Deborah, tôdas as cartas es-
critas pelas alunas aos pais deviam primeiro ser
submetidas à sua censura. Susan preparou uma
carta contendo certa informação *particular*, e ten-
tou enviá-la a seu pai, livre de censura. Deborah
interceptou a carta. A lembrança da cena que se
seguiu trazia lágrimas aos olhos de Susan, anos
mais tarde.

Mas o clímax do seu "procedimento irremediá-
vel" chegou no dia da faxina de primavera na
Escola. Na sua ânsia de varrer uma teia de ara-
nha que pendia do teto, Susan pulou para cima
da escrivaninha de Deborah... e a quebrou! Isso
constituía um delito que exigia nada menos do
que uma reprimenda pública diante de tôda a
escola. Miss Moulson reuniu as alunas e, após a
solene leitura de um capítulo das Escrituras, man-
dou Susan para aquelas regiões onde "o verme
do remorso não morre e o fogo não se extinge".
Os sermões de Miss Deborah, escreveu Susan em
seu diário, "fizeram de fato com que eu me sen-
tisse como um verme... Mas vêzes houve em
que eu preferia ser um verme a ser uma menina.
Porque então podia fazer meus meneios sem a
eterna espionagem dos vermes que me cercavam.

II

Sua permanência na Escola de Miss Moulson
deu a Susan duas coisas; um estilo literário rijo
— "sempre que pego da pena me parece estar
trepada em pernas de pau" — e uma salutar
falta de respeito pelas "convenções do formiguei-
ro". Herdou sua rebelião do pai, que, embora
quaker, desafiara as normas da sua comuni-
dade desposando uma batista. E sua jovem es-
pôsa, Lucy Read, não era uma batista ortodoxa ao
extremo. Gostava imensamente de lindos cumpri-
mentos e lindos trajes, cantava junto ao seu tôr-
no de fiar — uma frívola indiscrição na segunda
década do século dezenove — e dançava até as
quatro da madrugada ainda poucos dias antes
do seu casamento — um *imperdoável pecado* na
segunda década do século dezenova. Revelou-se,
entretanto, uma espôsa sensata e uma mãe afe-
tuosa. E seus oito filhos, o segundo dos quais
era Susan, herdaram a sensibilidade da mãe tanto
como a rebeldia do pai.

Os verdes anos de Susan decorreram num am-
biente de "agradáveis dificuldades". Seu pai era
proprietário de uma pequena fiação. As crianças
maiores ficavam inteiramente ocupadas em aju-
dar a mãe a cuidar não só das crianças menores,
mas também dos fiandeiros que se hospedavam em
sua casa. Durante um verão, com um pirralho
nos braços, Mrs. Anthony teve de dar pensão a
onze "hóspedes". A mãe não tinha agora tempo
para cantar junto ao tôrno de fiar. Nem as cri-
anças tinham tempo para brincar. Muitíssimas
horas eram gastas em lavar, passar a ferro, tecer,
costurar, cozinhar e fazer pão. Numa das pá-
ginas do seu diário, Susan faz de passagem o se-
guinte assento: "Hoje foram preparados vinte e
um pães". Nem pensar em divertimento para o
sexo feminino. O que competia às mulheres era
"atender o serviço doméstico, temer a Deus e calar
a boca".

Mas Susan não era daquelas que calavam a
boca. Tendo seu pai perdido a fiação na cri-
se de 1838, ela foi obrigada a ajudar as finanças
da família com os dois dólares semanais que
ganhavam como mestra-escola. Seu contrato, no
entanto, não foi renovado após o primeiro perío-
do letivo. Seus atos e palavras eram muito livres.
Advertida diversas vêzes de que não devia com-
prometer sua posição convivendo com os "negros"
da comunidade, ela finalmente replicou às admo-
estações com esta tirada desafiadora:

— Depois da aula, hoje, tive a indizível satisfa-
ção de visitar quatro pessoas de côr e de tomar
chá com elas.

Embora sentisse piedade pelas ovelhas negras
do rebanho humano, nutria desprêzo pelos ti-
ranos brancos. Ensinava agora em outra escola,
um sorvedouro de malvadez do qual o único pro-
fessor homem acabava de ser despedido por cau-
sa do seu fracasso como disciplinador. Os rús-
ticos que freqüentavam essa escola tinham-se ma-
triculado não para estudar mas para passar o tem-
po; e o passatempo a que se dedicavam era a tur-
bulenta atormentação das professôras. Mas não
tardaram a ver, com tristeza, que Miss Anthony
não se prestava a ser apoquentada. Cortando uma
pesada vara de vidoeiro, ela castigou o chefe dos
fregistas; e o deixou em tão mísero estado de
submissão, que dêsse dia em diante tôda a es-
cola a tratou com devido respeito.

— Nossa! essa mulher tem fibra de homem!

E tinha também *cérebro* de homem. Nomeada
diretora da seção feminina da Academia de Cana-
joharie (Nove Iork), causou profunda impressão
nos habitantes dessa cidadezinha.

— Esta mulher — disse um dos membros da
junta administrativa da escola — é o homem
mais decidido que já pôs os pés em Canajoharie.

Vários dos "magnatas" da localidade propuse-
ram-lhe casamento. Esses homens, contudo, eram
atraídos não tanto pela cultura dela como por
seu vigôr.

— Um lindo tipo de mulher — disse um dêles,
proprietário dum tambo de sessenta vacas. —
Ela fará um bom negócio tirando leite das vacas.

Polida, mas categòricamente, Susan recusou tan-
to êsse como os outros pretendentes.

SUSAN B. ANTHONY

— Não, muito obrigada; **não quero ser criada**
legal de nenhum homem.

Preferia prender-se à sua liberdade. Seus om-
bros eram bastante vigorosos, e seu coração bas-
tante intrépido, para sustentar a carga da sua
subsistência. Mas e os milhões de mulheres que
não eram nem bastante fortes nem bastante cora-
josas para se levantarem contra as injustiças do
mundo dirigido pelos homens? Um dia, no ve-
rão de 1848, ela leu que se celebrara em Seneca
Falls, Nova Iork, uma convenção de mulheres com
o fim de discutirem seus "direitos sociais, civis
e religiosos". A idéia intrigou-a. Susan come-
çou a estudar a situação jurídica, social e reli-
giosa das mulheres nos Estados Unidos; e ficou
aterrada pela descoberta que fêz. As leis da
América, como as dos outros países do mundo,
relegavam as mulheres a uma posição de in-
dina inferioridade. De acôrdo com essas leis.
tôda mulher estava em perpétua menoridade.
Nunca podia atingir maioridade legal. Se casas-
se, tornava-se propriedade do marido. E se fi-
casse solteira, era forçada a entregar sua pro-
priedade a um curador. A nenhuma mulher casa-
da era permitido demandar por violação de con-
trato, guardar os salários que ganhava por seu
trabalho, ou receber indenização por danos cau-
sados à sua pessoa ou honra. Em qualquer caso
o marido era o beneficiário. Mas não era apenas
o árbitro do destino e da fortuna da espôsa, como
também o dono dos filhos dela. Podia desfazer-se
dos filhos, em vida ou por testamento, sem o
consentimento da mãe; e ainda que se verificasse
ser êle um degenerado ou ébrio, tornava-se o único
guardião dos filhos na eventualidade de uma se-
paração. A um homem era permitido espancar
sua mulher, seus filhos e seu cachorro; a uma
mulher não se permitia separar-se do marido nem
por motivo de crueldade. Em suma, cada ame-
ricana era uma escrava.

Quando as mulheres intentavam romper os gri-
lhões da sua escravidão, viam-se cercadas em tôda
a parte pelo escárnio. As delegadas à Convenção
de Seneca Falls foram chamadas de "atéias, her-
mafroditas, hienas de saias". Umas poucas vo-
zes corajosas, entretanto, tinham ousado julgar
favoràvelmente a Declaração de Independência das
mulheres. Uma dessas opiniões aprobativas era a
do pai de Susan, Daniel Anthony. Na sua fiação
êle havia tratado os trabalhadores como sêres hu-
manos. Na *maioria* das fiações, porém, como
ficou sabendo pelos debates da convenção, os
obreiros eram tratados como meros instrumentos
mecânicos. Principalmente as mulheres. Por um
dia de trabalho de catorze horas recebiam trinta
e um centimos (do dólares). A mesma situação
se repetia nos outros misteres abertos às mulhe-
res. Para costurar um casaco, uma mulher re-
cebia quarenta cêntimos; para coser umas cal-
ças, doze cêntimos. O mais lamentável, porém,
é que essas obreiras, se casadas, não podiam rei-
vindicar para si seus próprios salários, mas eram
obrigadas pela lei a entregar cada cêntimo aos
seus maridos. E muitos dêsses maridos, segun-
do foi observado, dissipavam os ganhos das es-
pôsas na bebida ou com outras mulheres.

Os Anthonys discutiam êsses assuntos em tôr-
no da mesa de jantar. Daniel Anthony contou a
Susan que fôra celebrada em Rochester uma con-
venção semelhante em defesa dos direitos femi-
ninos, à qual êle estivera presente. Narrou uma
divertida anedota a respeito dessa convenção. Uma
das oradoras, Mrs. Elizabeth Cady Stanton, fôra
provocada por um clérigo casado. "O apóstolo
Paulo", disse-lhe o reverendo em tom de censura,
"recomenda silêncio às mulheres. Por que não
lhe segue o conselho?" Ao que Mrs. Stanton re-
trucou: "O apóstolo Paulo também recomenda o
celibato aos ministros de Deus. Por que *o senhor*
não lhe segue o conselho?"

Susan riu ao ouvir essa história. E declarou:

— Mrs. Stanto é uma mulher como eu gosto.
Teria vontade de conhecê-la.

III

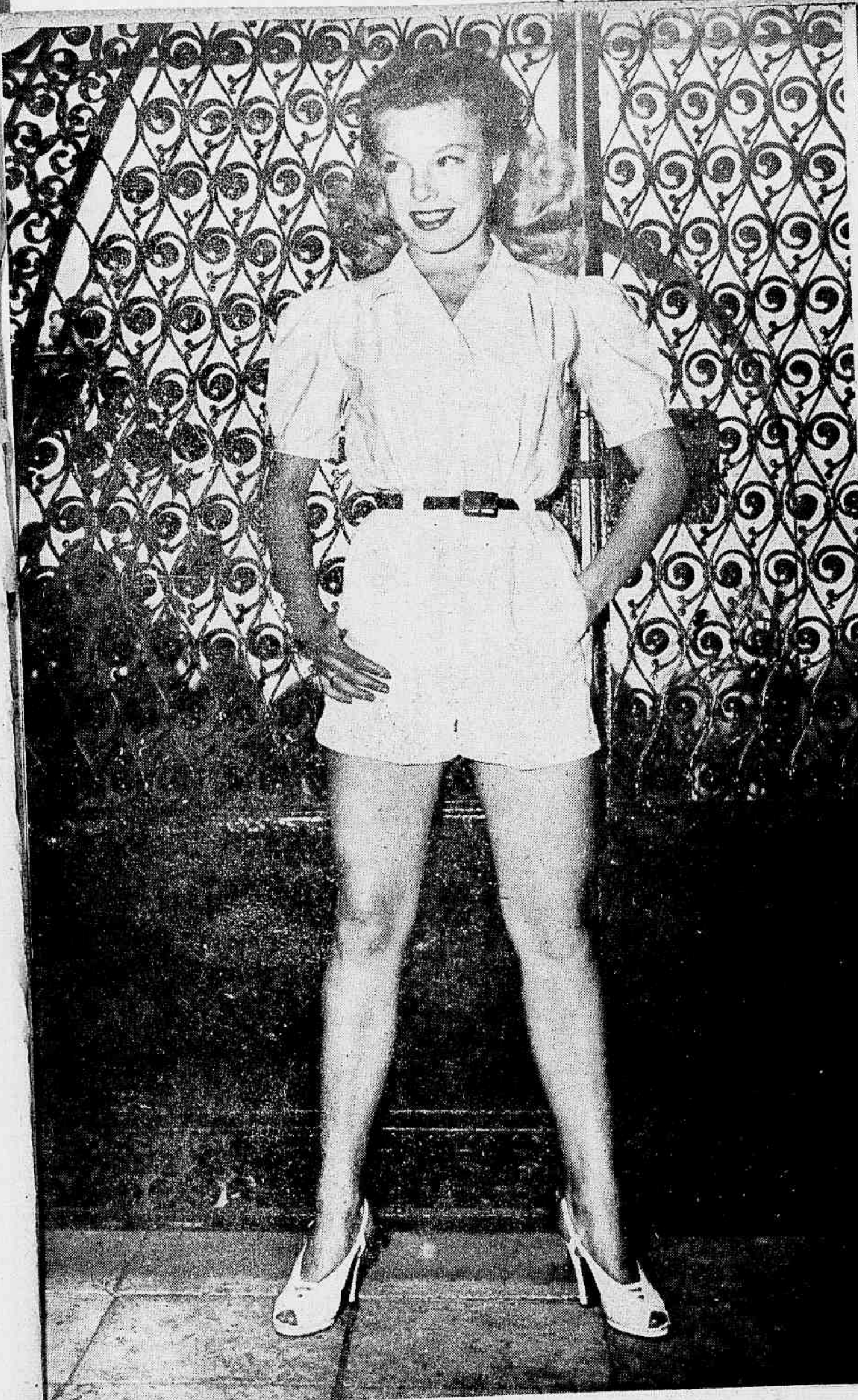
Isso se passou alguns anos antes de Susan An-
thony conhecer Elizabeth Cady Stanto. Por ocasião
da Convenção de Seneca Falls, Miss Anthony
estava interessada mais em reformar os homens
do que em libertar as mulheres. Ardorosamente
rebelde como seu pai, **alia-se tão sòmente aos**
Abolicionistas, mas também, e sobretudo, aos
Proibicionistas. Parecia-lhe que a praga da es-
cravidão era tão perniciosa como a das bebidas
alcoólicas. Pois que a bebida, naqueles tempos,
era um caso sério. Os pioneiros eram homens de
gargantas resistentes como o couro e de estô-
magos à prova de fogo. Todos bebiam, e quase
todos bebiam em excesso. Num banquete ofere-
cido em honra de Daniel Webster ao qual compa-
receram mil e duzentos convidados, a champa-
nha consumida atingiu a quantia exata de duas
mil e quatrocentas garrafas; duas garrafas para
cada convidado. E isso era apenas o aperitivo para
bebidas mais fortes.

A excessiva atração pelo álcool era uma reação
contra o puritanismo da época. A consciência da
América impedia o povo de se divertir; e o povo,
por vingança, decidiu mergulhar sua consciência
num dilúvio de uísque. Quase que tôda a popu-
lação masculina, desde o trabalhador na fábri-
ca até o juiz no tribunal, entregava-se às suas
ocupações num perene estado de alcoolização.

Tal era o estado de coisas quando Miss Anthony
aderiu à campanha anti-alcoólica. Nessa época
ela não estava nem de leve interessada no voto
para as mulheres. Nem no voto para os ho-
mens, tampouco. Porque tinha sido criada numa
comunidade quaker, e os quakers eram anarquis-
tas por filosofia que não acreditavam em votar.
Mas os Anthonys acreditavam em externar suas
opiniões. Especialmente Susan. Um dia, ao as-
sistir a um Congresso Anti-alcoólico em Albany
(1852), ergueu-se e tentou falar. Vendo o que,
o presidente da assembléia imediatamente cassou-
lhe a palavra. As mulheres, declarou êle ru-
demente, devem ouvir e aprender, mas jámais
falar. Furiosa com a descortesia do sexo forte,
Susan retirou-se da sala a passos largos. Se os
homens recusavam conceder às mulheres iguais
favores, as mulheres começariam a exigir iguais
direitos. Nêsse dia nasceu o Feminismo Militante.

Logo que se associou ao movimento feminista,
Susan tornou-se um de seus líderes. Porque todos
lhe reconheciam a dinâmica personalidade e a
extraordinária inteligência. Contudo, ela conhe-
cia suas próprias limitações. Era uma grande
organizadora, mas não era uma grande escritora
ou oradora. Assim é que completou suas qualida-
des pelas de duas outras dirigentes feministas
que estavam na ordem do dia: Elizabeth Cady
Stanton e Ernestine Rose. Essas "três mosquetei-
ras" organizaram-se naquilo que se pode chamar
o primeiro "triunvirato feminino" da história. Su-
san Anthony, que era o membro mais prático do
triunvirato, forneceu os planos de campanha.
Elizabeth Stanton, que tinha um fraco por frases
poéticas, redigiu os planos em palavras alcando-
radas. E ernestine Rose, cuja eloqüência a fizera
proeminente como "rainha da tribuna", deitou fa-
lação. Essas três mulheres eram tão diferentes
sociais e econômicamente, que só na América
teria sido possível uma íntima colaboração entre
elas. Susan Anthony era filha de um pobre qua-
ker. Elizabeth Stanton era espôsa de um rico pro-
curador. Ernestine Rose era imigrante judia.

Juntas, as três puseram-se a viajar pelo país, a
realizar comício, a encorajar as mulheres e vitu-
perar os homens. Foi uma longa e difícil luta,
a princípio sem a ajuda da publicidade jornalís-
tica. "Quem se interessaria por ler notícias acêrca
daquelas discursadoras malucas?" Pouco a pouco,
porém, os diretores de jornais tornaram-se agressi-
vamente interessados. Tentaram afogar o movi-
mento por um dilúvio de insinuações rabelaisia-
nas. "Que pretendem as dirigentes da organiza-
ção que combate pelos direitos da mulher?" per-
guntava o velho Mr. Bennett no *Herald* de Nova

(Cont. na pág. 47)

SHORTS

ALGUMAS sugestivas e modernissimas criações para esporte ou praia, apresentamos aqui exibidas por quatro encantadoras estrêlas de Hollywood. Em cima, Cecile Aubry (Fox) «short» em linho amarelo, blusa de seda branca, Virginia Mayo (Warner) «short» em linho estampado, blusa em cambraia com pregas; em baixo, Lida Darnell (Fox) «short» estampado em vermelho, azul e branco, blusa branca, e Joyce Mackenzie (Fox) «short» em linho branco, «sweater» em fina lã crême.

A BELEZA DAS ESTRÊLAS

JOAN Leslie costuma usar em seus cuidados com a cútis, um segrêdo de beleza eficaz e de fácil preparação. A bela estrêla, que veremos brevemente com Robert Walker na película "A Flor dos Maridos" (The Skipper surprised his Wife), esquenta uma pequena quantidade de óleo facial, do tipo que se usa para crianças, a uma temperatura que o rosto possa suportar com facilidade. Em seguida, Joan molha no preparado várias tiras de algodão até que elas fiquem completamente saturadas. Coloca-as então sôbre o rosto, deixando-as assim por uns vinte minutos. O óleo quente ativa a circulação, dando ao rosto uma aparência fresca e saudável.

★

Sally Forrest, aconselha às frequentadoras da praia que protejam sua pele antes e depois de expô-la aos raios solares. Antes de ir para o banho de mar, ela espalha cuidadosamente um creme protetor sôbre o rosto. Logo que esta camada está completamente absorvida, Sally faz uma outra aplicação. Depois de uma hora de banho de sol, espalha sôbre o rosto um óleo para a pele e deixa-o permanecer pelo menos duas horas antes de entrar no chuveiro. Como resultado dêsses cuidados, Sally Forrest apresenta uma pele bronzeada e sem aquelas queimaduras tão comuns a quem se expõe muito tempo ao sol.

A MODA E OS BORDADOS

Nos vestidos de linho e «shantung» usam-se muito bordados. Apresentamos uma coleção e modelos para todas as horas, inclusive dois costumes com os casacos bordados. Este chapéu de abas largas, com bordado aberto, é próprio para os vestidos de linho, nas saídas à tarde. Sugestivo também, é o modêlo para viagem em linho, que aqui apresentamos, beige com casaco amplo bordado nas mangas e na pala. Em baixo à direita, temos outro encantador modêlo, em linho branco, a gola toda bordada em azul, também a saia poderá ser bordada na barra com os mesmos motivos da gola.

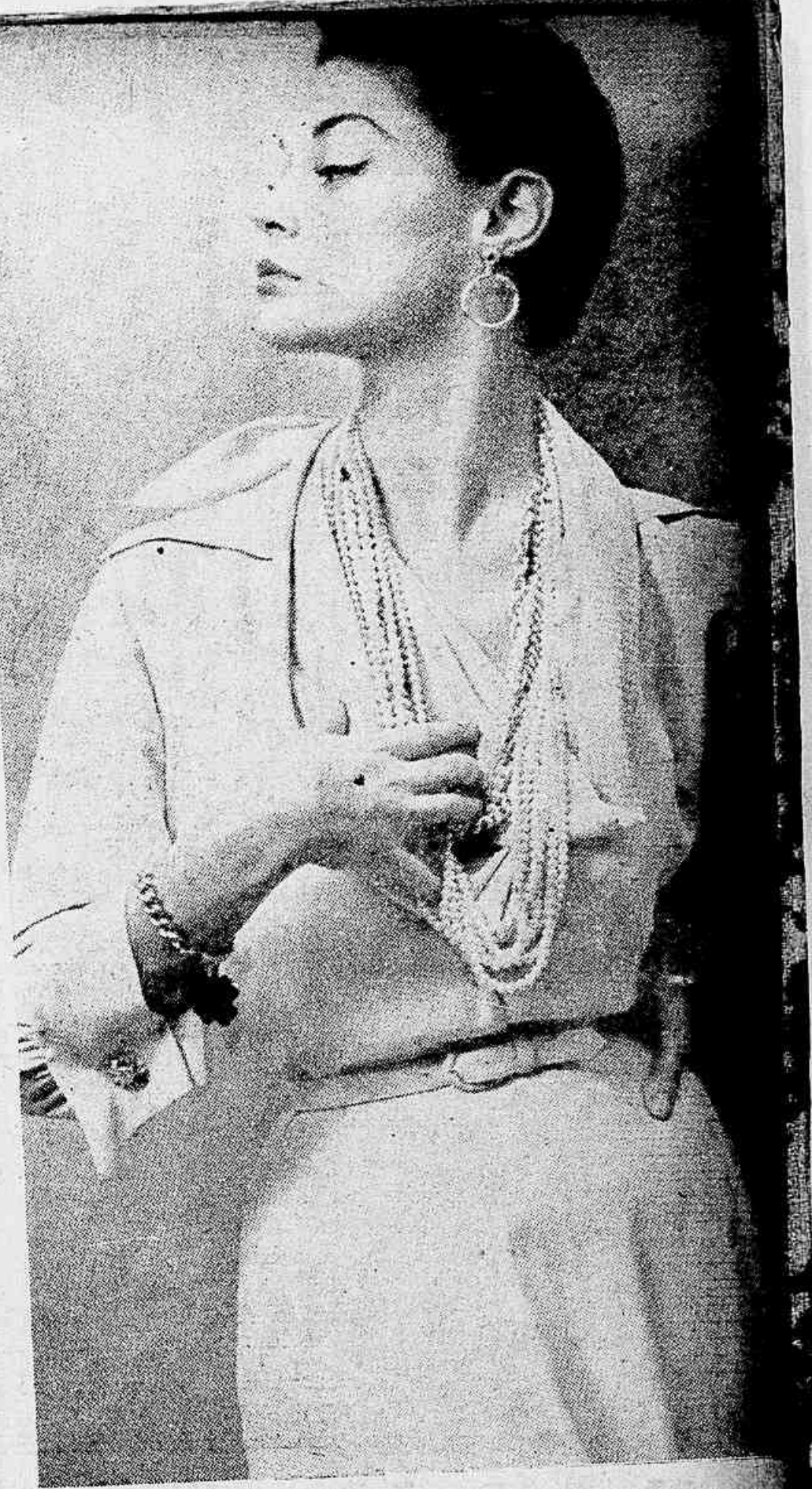
VEEK-END NA PRAIA

OS trajes necessários para praia são os mais simples possíveis, havendo apenas necessidade de algumas roupas de banho, calças e «shorts» Conjunto de calça de casemira, blusa sem alças e casaco de gabardine. Dois encantadores «maillots» de Carven e Jacques Heim. Macacão sem mangas, com calças três quartos, em fazenda grossa. Saída de banho em fazenda esponja verde, criação de Marcel Rochas, forrada com tecido lustroso, empregado tambem no «maillot».

VARIADOS, sugestivos são êstes modelos de chapéus que submetemos à apreciação das nossas leitoras: o material empregado na confeção dos mesmos são os mais variados possiveis, predominando entretanto o crinol, material leve empregado em larga escala nos chapéus de verão e primavera. Nesta página ao alto: sugestivo modêlo formado [illegible] pequena copa, bem enterrada, coberta de plumas, em tafetá listrado de côres vivas, foi executado esta criação de Maud [illegible]. Em baixo modêlo com aba bem ampla confeccionada em crinol preto; na página ao lado, lindíssima criação para noite, composta de duas grandes abas em crinol preto sobrepostas excentricamente; à direita de cima para baixo: chapéu com grande aba em palha beige com grandes rosas vermelhas; Jean Barthet e Jeanette Colombier são os responsáveis por estas duas criações, a primeira em palha crême com fita de gorgurão marron, e a segunda, copa em feltro de duas côres; finalmente para ocasiões de cerimônia temos este maravilhoso chapéu formado por três abas recortadas, [illegible] pastilhas.

Chapéus

MODELOS DE Primavera

PARA os alegres e ensolarados dias da primavera, sugerimos nesta página três encantadores modelos. Em cima, à esquerda em panamá branco, simples porém sugestivo «tailleur» com original recorte no busto; a direita em tafetá estampado de côres vivas, temos um outro alegre modêlo de «tailleur» casaco cintado e saia justa são as caracteristicas deste modêlo; finalmente, em baixo, gracioso modêlo, bastante simples com amplo decote e sem mangas.

VESTIDOS *Brancos*

OS vestidos brancos nunca saem de moda, adaptam-se para qualquer ocasião e são usados principalmente nas estações quentes. Em cima à esquerda, encantador vestido esportivo em linho branco, feitio simples enfeitado apenas com debruns de fazenda azul-marinho; à direita em cima, em pesada seda branca, modêlo próprio para a tarde, original drapeado na gola com decote baixo; em baixo, elegantíssimo vestido para cock-tail em tafetá branco ou rosa, sem alças, e grande laço atrás imitando um drapeado.

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam

WEEK-END NA

CANJA

Depois de limpa a galinha gorda e partida pelas juntas, leve a refogar numa colher de manteiga e outra de cebola picada. Deixe alourar bem, sem escurecer. Cubra de água, tempere com sal e junte tomates e cheiro. Cozinhe até a galinha ficar bem macia, então côe o caldo. Tire os ossos e as peles da galinha e corte a carne em pedaços pequenos. No caldo, uns 3 litros, deite ½ xícara de arroz bem lavado e leve a cozinhar. Quando estiver quase pronto, junte a galinha e tempere de sal. Deve ficar amarela e não muito espêssa. Se tiver muita gordura, tire, para que não fique enjoativo. O arroz cozinha ràpidamente.

COSTELETAS DE CARNEIRO A 'BELLE-MERE"

Tome 12 belas costeletas com os cabos limpos e deixe no sal com gôtas de limão. Enxugue, passe em farinha de trigo e frite bem douradas em banha quente. Tire pérolas de batatas com a colher menor e frite na gordura. Abra uma lata de petits-pois e escorra. Parta 100 gr de presunto picadinho. Derreta 1 boa colher de manteiga e aí junte as batatinhas, os petits-pois e o presunto. Misture bem as três coisas e arrume uma colherada em cima de cada costeleta. Sirva com arroz sôlto.

ALMÔNDEGAS A PORTUGUÊSA

Passe na máquina 1 k de carne de vaca ou de porco, e junte 2 fatias de dois dedos de pão molhado em leite, 2 ovos, sal, pitada de Spices. Misture tudo, faça pequenas bolas, passe em farinha de trigo e deite numa panela raza, com um môlho bem temperado com cebolas, tomates e cheiro. Depois de cozidos, retire as almôndegas, côe o caldo e leve ao fogo para ser reduzido. Na hora de servir, ligue o môlho com uma gema, despeje sôbre as almôndegas e sirva com arroz à parte.

CREME DE COUVE-FLOR (Sopa)

Tome 1 k de couve-flor, sem os talos mais grossos, deite em ½ litro de água a ferver e sal à vontade, cubra a panela para ferver, de novo. Uns 15 minutos depois retire a couve-flor e reduza-a a massa. Passe a água em peneira fina. Desmanche 3 colheres de fubá de arroz em 1½ litros de leite. Junte a água da couve-flor quente e deixe ferver mais 20 minutos. Junte à couve-flor uma colher de manteiga e sirva...

PANQUECAS COM COGUMELOS

200 gr de farinha de trigo, 3 a 4 ovos, 1 xícara de leite, sal, 1 colher de cogumelos.

Com a farinha, leite, sal, ovos e azeite, prepara-se uma massa de panquecas, que se frige e se recheiam com cogumelos refogados. Enrolam-se as panquecas que, ao servir, se regam com o môlho em que foram refogados os cogumelos.

OMELETE COM AVEIA

Deita-se 1 xícara de aveia em 1 xícara de leite. Deixa-se ficar durante ½ hora e em seguida juntam-se 2 a 3 gemas, 1 pitada de sal e as claras batidas em neve. Frige-se como omelete em azeite ou manteiga. Serve-se com verdura ao jantar.

MASSA DE MACARRÃO

½ k de farinha de trigo, 3 ovos, 6 a 7 colheres de água. Misturam-se êstes ingredientes com um garfo, acabando-se de amasar com a mão. Reparte-se a massa em vários pedaços que se vão estendendo com rôlo até ficarem bem fininhos. Estendem-se as fôlhas para secar. Quando sêcas, enrolam-se e cortam-se em tiras bem finas. Depois de cortado, é necessário esparramar bem o macarrão a fim de que as tiras não se liguem.

CROQUETES DE SEMOLINA

150 gr de semolina, 2 xícaras e meia de leite, 3 ovos, sal, manteiga e gordura. Despeja-se a semolina no leite fervendo, junta-se-lhe o sal e a manteiga, tampa-se a panela que se deixa em fogo brando. Deixa-se cozinhar até formar um mingau consistente. Em seguida acrescentam-se 2 ovos batidos, despejando-se a massa sôbre uma tábua. Passa-se um pouco de manteiga sôbre a massa, enquanto ela ainda estiver quente. Quando fria, cortam-se pedaços compridos que se frigem em gordura quente. Servem-se com compota.

BOLINHOS DE FUBA

200 gr de fubá, ½ litro de água, 3 colheres de açúcar, um pouco de sal, 30 gr de manteiga, 1 ou 2 ovos, gordura. Despeja-se o fubá na água fervendo, acrescentando-se-lhe a manteiga e o sal. Cozinha-se tudo até despegar da panela, sem parar de mexer. Retira-se do fogo e, quando frio, misturam-se-lhe os ovos batidos e enrolam-se bolinhos com as mãos e se levam êstes para frigir em manteiga ou gordura quente. Antes de servir, pulverizam-se com açúcar e canela. Servem-se com compota.

NA COZINHA

POLENTA "AU GRATIN"

200 gr de fubá, 300 gr de farinha, 2 batatas cruas picadas, 2 colheres de sultanas, 2 ou 3 colheres de toucinho defumado e presunto picados, um pouco de sal, bastante gordura ou manteiga, e leite. Misturam-se todos êstes ingredientes muito bem, despejando-se esta massa em uma fôrma larga, untada com manteiga de modo que a massa fique com a grossura máxima de 4 cm. Leva-se ao forno para assar.

BANANINHAS DE ARROZ

300 gr de arroz, litro e meio de leite e sal. Leva-se tudo ao fogo e cozinha-se até formar um mingau grosso. Quando esta massa estiver fria, formam-se as bananinhas que se passam em ôvo batido e que se frigem em gordura quente. Pulverizam-se com açúcar e canela.

PÃOZINHO COM SALAME

Passa-se manteiga sôbre fatias de pão redondas. Cobre-se cada fatia com uma rodela de salame, enfeitando-se com rodelas de pepino em conserva, as quais se recortam em forma de fôlhas de trevo.

OVOS SUZANA

Tomam-se restos de galinha assada que se picam muito bem e que se misturam com aipo cozido e bem picado. Enche-se com esta mistura a cavidade dos ovos. Êstes ovos são muito apreciados quando servidos com salada italiana.

S S DE MANTEIGA

125 gr de manteiga, 125 gr de açúcar, 1 pitada de sal, 2 ovos, 200 gr de farinha de trigo e glacê de limão. Bate-se a manteiga, o açúcar, o sal, os ovos e mistura-se com a farinha, amassando-se muito bem.

Depois de descansar meia hora, corta-se em pedaços pequenos, formando-se rolinhos em feitio de S, e põem-se em assadeira untada. Pincelam-se com gema, levam-se a forno regular e cobrem-se com glacê.

TORTA DE PÃO NURBERG

150 gr de açúcar, 5 ovos, 50 gr de amêndoas picadas, 50 gr de pão prêto, 30 gr de chocolate ralado, 1 colher de café de canela, 1 ponta de faca de cravos em pó, cascas raladas de limão, 2 colheres de fermento em pó, um pouco de arrak, 100 gr de farinha de trigo e laranja cristalizada, bem picadinha.

Bate-se como creme o açúcar, as gemas, as amêndoas e a casca de limão. Mistura-se bem o pão torrado esfarelado e socado e depois embebido no arrak, com o chocolate, a canela, o cravo, o fermento e a laranja cristalizada, até formar uma massa espumosa. Depois de tudo bem mexido, junta-se a farinha e as claras batidas em fôrma bem untada, e leva-se ao forno moderado. Cobre-se com "glacê" de limão e guarnece-se com tiras de frutas cristalizadas.

POLENTA FRITA

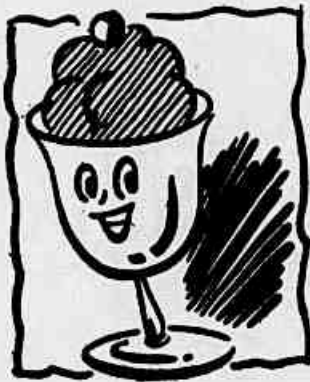
Despejam-se duas xícaras e meia de água fervendo com sal sôbre meio litro de água que se deixa descansar assim durante 2 a 3 horas. Desta massa tiram-se colheradas que se frigem em gordura ou manteiga quente.

OVOS COM MÔLHO DE TOMATES

Deixam-se cozinhar os ovos frescos em água quente, durante 4 ou 5 minutos. Em seguida, mergulham-se em água fria e descascam-se. Arrumam-se sôbre torradas e cobrem-se com môlho de tomates.

Os ovos assim preparados tomam-se cedo, com o café, ou ao jantar como salada.

PANQUECAS RUSSAS

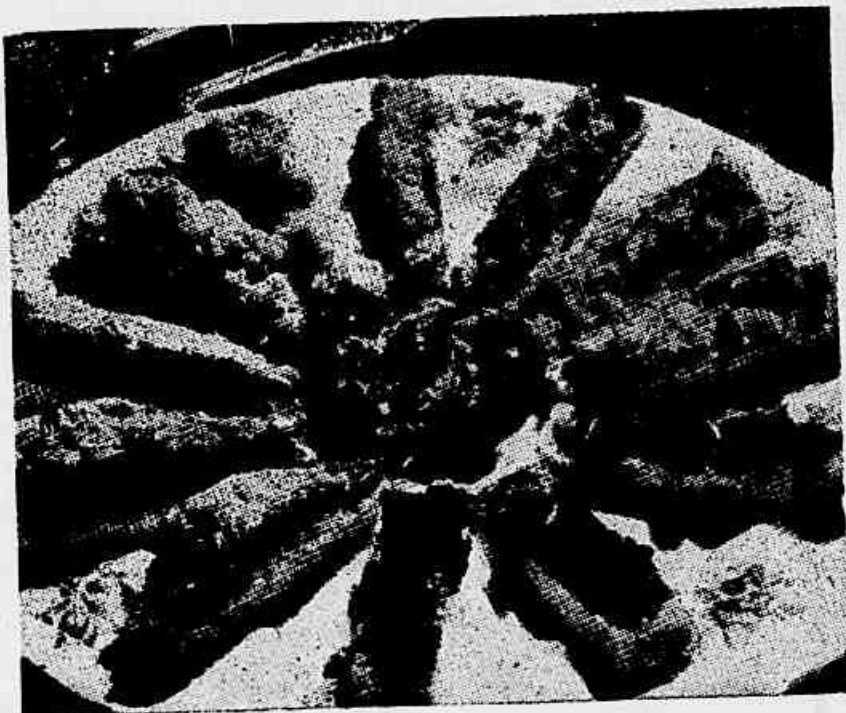
125 gr de rigota, 100 gr de manteiga, sal, pimenta, 1 ôvo, 2 colheres de cuminho, massa de panquecas. Misturam-se a rigota, manteiga, sal, pimenta, ôvo e cuminho. Frigem-se panquecas que se recheiam com a mistura acima. Enrolam-se e, querendo, servem-se com manteiga derretida.

CAVALHEIROS POBRES

Corta-se um pão em fatias de ½ centímetro de grossura. Passam-se estas fatias em leite e, em seguida, em ovos batidos e frigem-se de ambos os lados. Por fim, pulverizam-se com açúcar e canela. Servem-se ao jantar com compota.

MACARRÃO COM LEITE

200 gr de macarrão, 1 litro de leite, baunilha ou canela, 1 ou 2 colheres de passas, 1 ou 2 colheres de açúcar e manteiga. Cozinha-se o macarrão em leite misturado com açúcar, baunilha ou canela. Juntam-se-lhe manteiga e passas e deixa-se cozinhar o macarrão até secar quase todo o leite. Pulveriza-se por fim com açúcar.

A T U M

Arruma-se o atum no centro de um prato e, em volta, colocam-se salada de legumes, rodelas de ovos, rolos de manteiga e alcaparras.

Em cima a Sta. Maria de Lourdes Morais, cujo enlace matrimonial com o Sr. Moacyr Hey de Campos Cabral realizou-se recentemente. Em baixo: uma pose do distinto casal.

ENLACE

MARIA DE LOURDES MORAIS — DR. MOACYR HEY DE CAMPOS CABRAL

No dia 9 dêste mês efetuou-se na Igreja N.S. do Carmo, oficiado por D. Jorge, Bispo Titular de Bajé, o casamento da Srta. Maria de Lourdes Morais, formosa filha da Vva. Da. Maria de Carvalho Mello, com o Dr. Moacyr Hey de Campos Cabral, filho do Sr. Antônio Joaquim de Campos, Diretor-Geral da Sociedade Mútua de Seguros Gerais «A Universal», e de sua espôsa, Da. Irma Lúcia Hey de Campos. Serviram de padrinhos, nessa solenidade, por parte do noivo, o Sr. Walter Dittrich, Diretor-Presidente das Indústrias Reunidas Walter & Cia., do Paraná, e sua espôsa, da. Margarida Dittrich, e, por parte da noiva, os pais do noivo. No ato civil, realizado no mesmo dia, paraninfaram: por parte da noiva, o Dr. Austregésilo de Athayde, Diretor dos «Diários Associados», e sua espôsa, Da. Maria José Queiroz Austregésilo de Athayde, e, por parte do noivo, o sr. Ilídio Silva, Diretor-Gerente da «Mundial» Cia. Nacional de Seguros Gerais, e sua espôsa, Da. Lília Silva.

Os noivos acompanhados de parentes e amigos.

ÍNDIOS DO CANADÁ

(Cont. da pág. 25)

científico. Apesar do natural conservantismo do índio, estes serviços contaram com a maior cooperação possível por parte dêste. Também se reservaram extensos territórios para a caça a animais de pele, plano êste que está começando a dar substanciais lucros aos índios. Agora se está começando também a criação de animais de peles preciosas.

De qualquer maneira, estes são os meios de vida e as maneiras do índio canadense. Êste, entretanto, conforme apurado, gosta de seu país, e está tomando parte nesta nova éra de progresso, à qual contribuem como indivíduos cada vez mais bem educados e de confiança. (IPA).

A VIDA DE FLORENCE

(Cont. do número anterior)

Só restava uma coisa a fazer: dirigir um apêlo a Lorde Palmerston, Primeiro Ministro. Apontar a êle, com plantas apropriadas, os defeitos das construções antigas e as vantagens das novas. De modo que, munida com seus documentos e com sua cólera, visitou o Primeiro Ministro, permaneceu várias horas no gabinete dele, e o deixou convencido de que ela tinha razão. "Parece-me", escreveu êle a Lorde Panmure, "que (no novo hospital) tôda preocupação com o que melhor atenderia ao confôrto e restabelecimento dos pacientes foi sacrificada à vaidade do arquiteto, cujo único objetivo foi o de erguer um edifício que proporcione uma bela vista quando olhado de Southampton River... Queria ter a bondade, portanto, de suspender o prosseguimento da obra, até que o assunto possa ser devidamente considerado".

A obra foi suspensa; e depois do assunto devidamente considerado, o hospital foi reconstruído de acôrdo com os planos de Florence Nightingale.

V

As mais das vêzes, agora, ela não podia se levantar. Mas prosseguia na sua obra. Uma doente extraordinária. Permanecia no andar superior de uma casinha que comprara em South Street, recebia visitas de homens de Estado, generais, artistas, poetas e pares, e manejava com suas mãos pálidas mas capazes os fios de uma centena de reformas. Em raríssimas ocasiões saía para um passeio de carro no Parque. As multidões comprimiam-se então curiosamente em tôrno da carruagem dela.

— Deixe-me tocar seu xale, Miss Nightingale.

— Deixe-me passar a mão no seu braço.

— Quero ver êsses olhos radiantes.

O povo adorava-a. Porque ela abrira as janelas de um velho mundo abafado para que entrasse o ar de novas energias físicas. E da fé religiosa. Uma das mais interessantes das múltiplas atividades da sua velhice foi uma interpretação, em três volumes, das velhas verdades cristãs à luz das necessidades modernas. *Femina sum*. "Sou mulher, e por isso estou interessada em tudo que pertence aos filhos da família humana". Estava com oitenta e dois anos, mas ainda não disposta a abandonar seu trabalho. Se a sua enfermeira ajeitava-lhe as cobertas de noite, ela saía da cama para ir tapar bem a enfermeira. E passava todo o dia a pensar, a planejar, a ditar cartas, tendo em vista a construção de melhores hospitais, de melhores igrejas, de um mundo melhor.

Aos noventa anos, sim, já não era capaz de trabalhar. "O camelo negro que se ajoelha diante de cada casa" aproximava-se-lhe vagarosamente da porta. Uma por uma suas faculdades mortais a deixaram; "a bagagem supérflua para a viagem imortal da alma". Primeiro morreram-lhe as mãos, depois a vista, depois o entendimento. Bruxuleantes, fragmentárias visões do passado esvoaçavam-lhe pela memória alquebrada. Uma noite, despertou com um sobressalto.

— Só eu estava sôbre aquela elevação da Criméia?

Antes do fim, todavia, teve um lampejo de lucidez.

— Sabe onde está — perguntou-lhe certo dia uma pessoa amiga.

— Sei — respondeu ela. — Estou de guarda no altar dos homens assassinados.

E, com aquela determinação de outros tempos na voz, acrescentou:

— E enquanto viver, lutarei pela causa deles!

DATAS IMPORTANTES NA VIDA DE FLORENCE NIGHTINGALE

1820 — Nasceu em França, Itália; recebeu o nome dessa cidade, em inglês Florence.

1844 — Começou a visitar hospitais.

1849 — 50 — Fez uma excursão ao Egito.

1853 — Estudou enfermagem em Paris. Fundou em Londres um "Hospital para senhoras".

1854 — Organizou um grupo de enfermeiras preparadas para servirem na Guerra da Criméia.

1856 — Regressou, terminada a guerra.

1857 — Fundou a "Nightingale Home" para aprendizagem das enfermeiras.

1858 — Publicou um livro sôbre os problemas da saúde no Exército Britânico.

1862 — 90 — Trabalhou pelo estabelecimento de várias escolas de enfermagem.

1907 — Recebeu a Ordem do Mérito (aos 87 anos).

1910 — Faleceu em Londres.

PERIGOSA AVENTURA

(Cont. do número anterior)

— Não, porque o prejuízo seria meu.

Realmente, o rapaz era bem simpático e muito parecido com o tio... se é que era tio de verdade. Mas Betty não podia perder tempo e tinha certo assunto importante a tratar.

★

Naquela noite, enquanto os trabalhadores descarregavam os caminhões à porta do gigantesco armazém de Victor Hawkins, um garôto mal-vestido e com os cabelos louros emaranhados e sujos aproximou-se, comendo uma maçã deteriorada.

— Hei! Vocês querem ajudante?

— Vai ali no armazém da esquina e compra-me uma carteira de cigarros. Traz o trôco, hein?

O garôto saiu correndo para voltar pouco depois. O homem que lhe fizera o pedido estava lá no interior do galpão e o menino entrou para fazer a entrega do cigarro.

— Toma um níquel e some daqui — disse-lhe o homem.

O garôto assentiu com a cabeça e saiu calmamente, percorrendo os fardos de borracha. De repente êle desapareceu das vistas dos empregados mas ninguém deu importância ao fato.

Quando não havia mais ninguém, o garôto abandonou seu esconderijo e subiu pelos volumes até alcançar os que estavam mais acima. Fêz funcionar uma pequena lanterna elétrica e passou a examinar detalhadamente o volume. Não demorou que um sorriso de triunfo lhe entreabrisse os lábios. Sim. Tal como previra, lá estava um fiozinho de líquido vermelho descendo ao longo do fardo. Aquelas borrachas foram roubadas ao Exército, antes mesmo de ter chegado ao cais o navio que a transportava. Como teriam conseguido? Só um avião poderia fazer tal transporte com tanta rapidez. O garôto desceu alvoroçado e correu para a porta. Foi quando escutou o motor de um carro e vozes que se aproximavam. Um temor súbito lhe tomou o coração. E se fôsse apanhado? Se não conseguisse se comunicar com o tenente? O garôto voltou sôbre os passos e galgou uma pilha de fardos. Os homens entraram e começaram a investigar o galpão.

— Você tem certeza de que o garôto não saiu? — perguntou um.

— Absoluta. Êle entregou o cigarro ao Morris e ficou olhando para os fardos. Nenhum de nós o viu sair.

— Se êle não saiu deve estar aqui dentro e se estiver aqui deve ter alguma razão para tal. Precisamos descobri-lo e interrogá-lo até que êle nos confesse o que estava fazendo aqui.

O garôto estava lá no alto, acocorado no último fardo de pilha mais alta, e tudo ouvia com o coração aos saltos. Finalmente, os homens chegaram à conclusão de que não estava ninguém ali e se foram, fechando a porta cuidadosamente. O "garôto" desceu cauteloso, caminhou na ponta dos pés até a porta e colou o ouvido à madeira. Nenhum rumor. O ruído do motor perdera-se ao longe, e o problema agora era encontrar uma saída. A princípio calma e depois desesperadamente, o "garôto" procurou uma saída e nada encontrava. As paredes de cimento armado não lhe permitiam qualquer possibilidade de fuga. Olhando para o teto, viu a clarabóia com uma telha rachada. Talvez ali estivesse a sua salvação. Apanhou uma corda no chão, subiu para a pilha mais perto da clarabóia e atirou a corda que se foi enrolar na viga por baixo do vidro. O garôto apanhou a outra ponta e juntando as duas segurou-as e subiu pela corda. Com o cabo da lanterna acabou de quebrar o vidro fazendo uma pequena abertura por onde

pôde escapar levando alguns arranhões. Retirou a corda e amarrou-a numa ripa do teto, por ela descendo para a rua. Livre, finalmente, e com uma bruta descoberta.

O garôto saiu correndo para uma rua próxima e entrou no moderno "Pacard" que lá estava, passando a ser a hábil detective Peggy Stone.

— Peggy Stone? — disse a voz sonolenta de Cummings. — A esta hora da noite?

— Sim, tenente. Enquanto o senhor dorme, eu trabalho. Já tenho o nosso homem. Prepare-se para apanhá-lo.

— Quem é? Diga depressa.

— O Solitário, Victor Hawkins.

— Êle, hein... — disse Cummings num soriso feroz. — Vai pagar caro.

— Deixe a ameaça para depois. Venha ao meu apartamento imediatamente porque precisamos agir sem demora e eu não quero passar pelo que passou Reginaldo.

Quinze minutos depois o tenente dava entrada no apartamento da jovem.

— Entre tenente — pediu a moça.

— O que aconteceu? — perguntou o tenente ao ver diante de si um garôto maltrapilho e ensanguentado, como se tivesse acabado de brigar com um leão.

— Veja com seus próprios olhos. Achei aquêle tipo no meu apartamento, naturalmente à minha espera. Quando entrei e acendi a luz, êle avançou para mim com um punhal. Vendo meus trajes parou e perguntou o que eu desejava. Compreendi que êle procurava Peggy Stone e resolvi negar minha identidade. Respondi que era primo dela e êle tentou subjugar-me. Naturalmente, pretendia amarrar-me e amordaçar-me para usar como refém quando Peggy chegasse. Esqueceu que conheço todos os golpes. O resultado foi que êle terminou assim como vê: cabeça quebrada e amarrado para não se fazer de tôlo.

— Por minha causa você quase morreu. Naturalmente fui seguido até aqui e êles desconfiaram de você. Mas, vamos aos fatos.

— Isso mesmo. Encontrei a borracha que foi remetida para o Exército, no galpão do Solitário. O navio que a transportava não chegou ainda ao pôrto. Presumo que o roubo foi feito no próprio navio e o comandante deve ser cúmplice do industrial. E' preciso que mandem uma fôrça-aérea para prender o navio antes que façam sabotagem e o queimem em pleno mar para disfarçar o roubo.

— Como sabe que essa borracha encontrada no galpão é a mesma destinada ao Exército? Como pôde adivinhar...?

— Não adivinhei. Telegrafei às fontes fornecedoras pedindo que colocassem vinho no centro da borracha empacotada e quando chegasse aqui, o vinho teria sido comprimido entre os fardos, e, naturalmente começaria a escapar. Quando estive nos galpões de Hayne, verifiquei que os fardos estavam com a embalagem de origem.

— Como pôde penetrar nos galpões de Hayne?

— Fantasiada de megera. E agora, assim como vê... fantasiada de garôto. Muito bem: Os fardos do armazém do Solitário estavam... sem embalagem, o que já era um indicio seguro. Retiraram o envoltório dos fardos e rasparam as letras impressas. Foi uma sorte que o fizessem a bordo, quando os fardos não haviam sido comprimidos ainda. E sorte maior foi eu encontrar logo o fardo marcado entre tantos volumes.

— O que faria Victor com tanta borracha?

— Vendia-a para a Alemanha. Procure um tal Kurt Müller, em Hamburgo, que obterá resposta... salvo se fôr um nome suposto, o que acredito que seja; mas não creio que possam escapar de um cerrado interrogatório todos os criminosos implicados no caso.

— Peggy Stone! — disse Cummings emocionado. — Você é um colosso! A América deve-lhe um grande serviço. Nunca poderiamos resolver êste assunto com tanta rapidez, sem que tivéssemos de sacrificar a vida de alguns agentes. Você trabalhou como um anjo.

— Grande elogio, tenente! Não pense que não terminei logo êsse caso por amor a mim mesma. Eu não suportaria mais nem um dia de trabalho nos escritórios do Solitário. Que gente cacete, trabalha ali!

— O quê? Você empregou-se lá?

— De certo, tenente. Como eu poderia saber que existe um Kurt que recebe "presentes" do Solitário, se eu não fôsse sua correspondente por um dia? Mas êle só sabe que admitiu uma jovem chamada Betty Russel, ignorando que ela seja Peggy Stone. Agora leve êsse rato de minha casa. Já não lhe suporto a presença repulsiva. Interrogue-o que talvez consiga boas informações. Meu maior desejo agora é entrar numa banheira cheia de água morna. Vamos, tenente Cummings. Suma-se.

Cummings ficou a olhar para aquêle garôto mal-criado, de cabelos desgrenhados e rosto sujo de sangue e, num impulso incontido tomou aquêle corpo entre os braços fortes e beijou-lhe a bôca polpuda e rosada.

★

Peggy estava admirando a rica medalha de ouro maciço, artisticamente trabalhada com que fôra condecorada pelo Exército americano. Estava satisfeita com o desfecho de sua aventura. O Solitário estava agora sendo julgado como antipatriota e seus cúmplices compartilhavam de seu julgamento. Repentinamente, a moça recordou o beijo do tenente, e um violento estremeção percorreu-lhe o corpo. Peggy jamais havia pensado no tenente com qualquer sentimentalismo. Ficara petrificada com seu gesto inesperado e não sabia se atribui-lo sòmente ao entusiasmo pelo seu triunfo.

A jovem reclinou a cabeça e começou a pensar no tenente. Era alto... um metro e oitenta, mais ou menos. Lábios enérgicos, olhos grandes e vivos, cabelos negros e levemente ondeados... positivamente, um homem simpático... embora não fôsse lá muito jovem. Valia a pena perder alguns momentos pensando no tenente.

O telefone veio quebrar o fio de seus pensamentos.

— Alô!

— Miss Stone... — veio a voz timida do gigantesco tenente Cummings. — Quer ir ao cinema comigo, esta noite...?

O ANEL

(Cont. da pág. 32)

Sabia o nome da moça. Mandaria gravá-lo no anel. Depois ficaria num lugar onde ela forçosamente tivesse de passar, para completar a farsa. Ao ser chamada, iria na certa admirar-se, dizer que nada perdera. Então, como por acaso, leria o nome gravado. Olga havia de interessar-se pela coincidência. Gostaria de ver o anel. Seria a aproximação... Seria tudo enfim.

Se o plano falhasse e a aproximação não fôsse conseguida, nada perderia, pois, mais tarde, revenderia a joia. A idéia era original não havia negar.

Urdido o plano, era não deixá-lo esfriar. Faltou à repartição nêsse dia. Reuniu todo o dinheiro que podia dispôr. Foi ao joalheiro. Optou por um artístico anel com bonita pedra.

— Êste aqui, por favor, qual é o preço?

— Dois mil e quatrocentos cruzeiros. — Informou o vendedor que viera atender.

— Credo!! — Balbuciou o pobre funcionário, alarmado — não julguei que fôsse tão caro.

— Porém é uma jóia de fino gosto — apressou-se a explicar o joalheiro — nada melhor um cavalheiro de trato poderia oferecer a uma senhorita...

Embora abalado, concordou que era verdade e depois de regatear um pouco, comprou-o por dois mil e cem cruzeiros.

— Poderia o sr. gravar o nome...

— Pois não, cavalheiro — interrompeu o vendedor, solícito, tomando um cartãozinho — queira dizê-lo, por favor.

— E' o nome de uma moça...

— Naturalmente. Diga-o.

— Olga.

E como o outro demorasse com o lápis, esperando mais alguma coisa, repetiu mais alto:

— Olga.

— Apenas isto? — Estranhou o vendedor.

— Sim. Sòmente Olga.

— Interessante. E' a primeira gravação que fazemos assim: sem data e sem dedicatória.

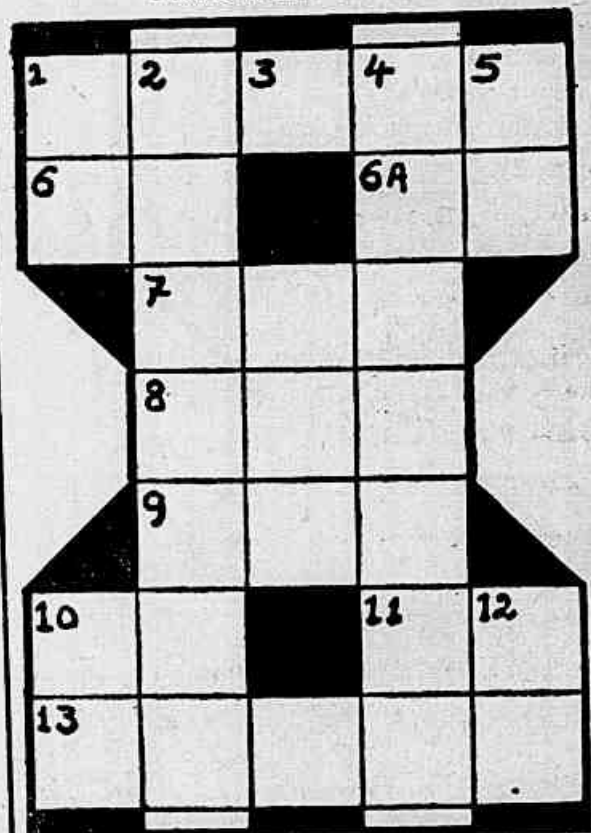
— E' um caso todo especial — justificou Militino.

— Desculpe-me... Pode procurá-lo daquí há vinte minutos. Pague à caixa, por obséquio...

(Cont. no próximo número)

PALAVRAS CRUZADAS

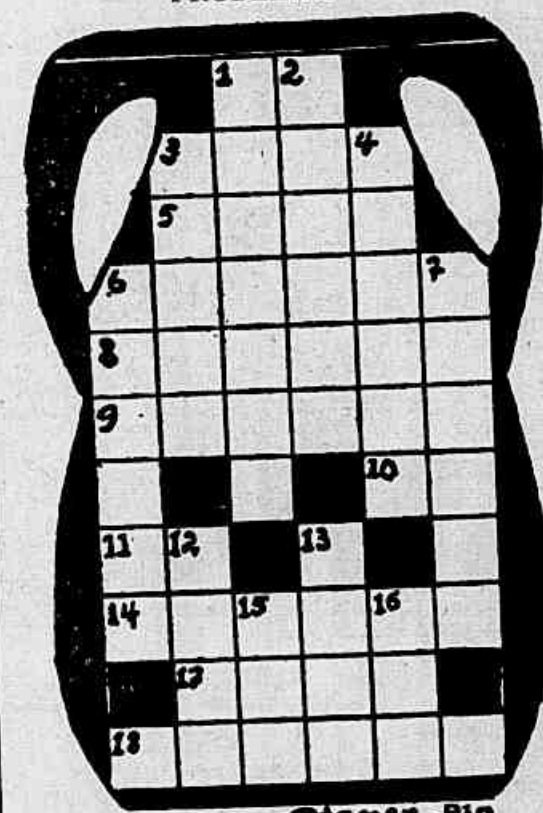
PARA NOVATOS

PROBLEMA Nº 22

Otaner - Rio

HORIZONTAIS: 1. Falecimento — 6. Perversa — 6-A. Estás — 7. Sorrir — 8. Botequim, café — 9. Unidade das medidas agrárias — 10. Prefixo que indica aproximação — 11. Despido — 13. Pequeno lago.

VERTICAIS: 1. Rio da Sibéria — 2. Páreo fácil (no turfe) — 4. Qualquer porção de terra — 5. Artigo plural — 10. Outra coisa — 12. O mesfo que "uma".

PARA VETERANOS

PROBLEMA Nº 22

Otaner - Rio

HORIZONTAIS: 1. Pedestal — 3. Raiz de uma planta do Peru, que serve de adubo — 5. O mesmo que "cirós" — 6. Dobradas — 8. Filtro, beberagem, que se supunha despertar amor — 9. Direção (pl.) — 10. Abreviatura de "santissimo" — 11. Outra coisa — 14. O povo — 17. Diário — 18. Armadilha de pesca.

VERTICAIS: 1. Pálpebra — 2. Evolui — 3. Zelos amorosos — 4. Um dos 4 grandes profetas do VII século — 6. Ofereceriam — 7. Pedras que entram, sem argamassa, na construção de uma parede — 12. Estevão — 13. Praticai — 15. Ato de consentir — 16. Rio da Inglaterra.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS DO NÚMERO ANTERIOR

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Paulista — Mira — Via — Aipé — Ar — As — Ir — Riam — Dai — Raro — Usurária.

VERTICAIS: — Povaréu — Uma — Li — Iras — Sai — América — Iri — Pia — Amar — Aru — Dor — Rã.

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Dizes — Ceder — Raios — Odiar.

VERTICAIS: — Educa — Azedo — Usurários — Cirio — Astro.

Colaboração e correspondência para: REVISTA DA SEMANA — PALAVRAS CRUZADAS.

MÚSICA

O GUARANI

ROBERTO LYRA FILHO

APÓS a interrupção, para breve série de espetáculos do Ballet da Ópera de Paris, a temporada lírica prosseguiu, repetindo, em *matinée*, o seu maior sucesso: Otelo.

Depois, aproveitando o prestígio que o tenor Del Monaco acrescentou, com soberba interpretação neste drama, à sua já considerável popularidade, ofereceu o Guarani, num tributo, aliás atrasado, aos compositores nacionais.

Não constitui novidade a criação de Del Monaco nesse melodrama lírico. Já no ano passado êle a exibia, triunfalmente.

Figura elegante, o artista até fìsicamente convence como o herói índio de Alencar, podendo aparecer, na abreviada indumentária própria do selvagem, sem tornar-se involuntàriamente cômico. Imagine o leitor um Gigli de tanga, e não terá dificuldade em calcular a importância de uma harmonia entre as exigências do libreto e a aparência dos intérpretes, sobretudo quando exigem, inapelàvelmente, como é o caso do Guarani, uma compleição atlética.

Por outro lado, concebendo a ação dramática em movimentos estilizados, numa pantomima de bastante vivacidade, porém sem exageros condenáveis, Del Mônaco, cênicamente, provou a sua capacidade para a composição de um tipo, podendo inscrever, na galeria de desempenhos destacados, o seu Peri, ao lado do Otelo.

Voz extensa e firme de teror dramático, êle encontra na música de Carlos Gomes, um veículo adequado. Domina, com *aplomb*, a tessitura aguda, mostrando-se à vontade, num desempenho impetuoso e brilhante.

MARIA SÁ EARP

Se o nível do trabalho de Del Monaco exigia uma Ceci à altura, Maria Sá Earp não desmereceu. Em plena forma, ela usou os recursos mais sutis de sua arte para compor uma Ceci cênicamente graciosa e vocalmente, de excepcional finura.

O *C'era una volta un principe* foi traduzido com a mesma delicadeza revelada no *Gentile di Cuore* e, nos duetos com o tenor, ela se conduziu com a mesma segurança, conseguindo transmitir uma impressão de suavidade, elegância e bom gôsto.

Fêz falta ao conjunto o baixo Rossi Lemeni, que foi o Cacique, na versão do ano passado.

Américo Basso não dispõe de voz aveludada e generosa, como o extraordinário cantor italiano. Percebia-se, mesmo, que Basso não estava à vontade no Cacique, faltando-lhe volume vocal, em primeiro lugar, e, além disso, uma técnica mais segura, pois até a própria empostação não é impecável.

Guilherme Damiano e Silvio Vieira, como dizia um músico, no intervalo do segundo para o terceiro ato, pareciam ter feito uma aposta com o objetivo de verificar quem cantava com voz mais trêmula. No caso de Silvio Vieira, o declínio é evidente — pesa-nos dizê-lo. A sua voz sôa fraca e áspera, faltando-lhe fluência, no fraseado.

O Maestro Santiago Guerra, mais impulsivo do que seguro, regeu a orquestra.

Não queremos encerrar esta crônica sem uma referência ao bailado do terceiro ato. Dificilmente se poderia conseguir uma impressão de desencontro mais perfeita, um descontrôle tão completo entre solistas e demais figurantes. Além disso, a coreografia, de uma irremediável vulgaridade, já afastava qualquer possibilidade de êxito, sendo agravada essa deficiência pela interpretação singularmente fraca, na qual um ou outro esfôrço individual não conseguiria dissipar a impressão geral desfavorável.

Com mais uma récita, a "Boheme", a preços populares, a temporada terminou, enfim, revelando, em retrospecto, uma série de altos e baixos desconcertante. Uma só coisa parece fora de dúvida: a desorganização interna do teatro, o improviso de espetáculos, sem ensaios suficientes, tudo preparado às pressas, sem cuidado, precipitadamente.

CORREIO DA REVISTA

Do professor Vicente Coló recebemos a seguinte carta:

"São Paulo, 19 de Setembro de 1950.

Exmo. Sr. Diretor da REVISTA DA SEMANA.

Saudações

Leitor antigo da REVISTA DA SEMANA e conhecedor da gentileza com que costuma atender aos pedidos que lhe são dirigidos, recorro a V.S. a fim de expor o seguinte: Ocorreu-me, nesta oportunidade do transcurso do 458º aniversário do descobrimento da América e do 499º do nascimento do imortal descobridor (pois investigações sôbre a matéria, feitas por "Campano Ilustrado", dicionário castelhano enciclopédico, e expostas no Congresso de Americanistas celebrado em Paris em 1900, Colombo nasceu em Gênova no dia 25 de julho de 1451) a idéia de homenagear a memória do genial navegador, através do pequeno tópico que tomo a liberdade de lhe enviar anexo, esperando ver publicado numa das próximas edições da REVISTA DA SEMANA.

Sendo o que se me apresenta no momento, subscrevo-me com tôda consideração e antecipadamente agradecido — Vicente Coló."

"A Ciência Oficial contemporânea de Cristovam Colombo manifestou-se sôbre suas teorias e projetos, aconselhando-o solenemente a abandoná-los, por considerá-los vãos e ilusórios. No entanto, o genial navegador teve a glória de descobrir um mundo novo, sucumbindo depois sob o pêso da campanha ignominiosa que lhe moveram seus detratores.

Inclinemo-nos reverentes ante a memória do imortal genovês, evocada na passagem do 458º aniversário de seu esplêndido feito."

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam.

SERÁ A CORÉIA O...

(Cont. da pág. 5)

território soviético dos novos limites da Alemanha na direção do Oriente.

Sabe-se que, inicialmente, Hitler concordou com a atitude russa; mas, depois...

Se a ONU atualmente reunida e em plena função, não encontrar um meio de acomodar as coisas, é provável que a guerra da Coréia se converta numa terceira guerra mundial. Estão nos Estados Unidos os Ministros de vários países europeus, inclusive os dois grandes da URSS. E' preciso que a tática da diplomacia internacional não esmoreça e prossiga na luta pela paz.

O mundo inteiro mal está saindo da convalescença da última desgraça que o ensanguentou, empobreceu e destroçou de 1939 a 1945. O balanço dessa hecatombe é alarmante, inacreditável, alucinante. Que não seria uma nova guerra mundial, com as máquinas de matar e destruir muito mais aperfeiçoadas de hoje em dia? Com os aviões de rapidez super-sônica, isto é, com velocidades superiores à do som? Com a bomba-atômica, arma terrível que, uma só, em cidades de duzentos mil habitantes, causa mais destruição e morte do que ataques de centenas e centenas de aviões de bombardeio, como aquêles sôbre Londres e Berlim?

Estas fotografias que estampamos aqui, são ligeira visão do que seria uma guerra mundial atingindo todos os continentes. A mocidade das escolas, das fábricas, das academias, do comércio, da indústria, iria, mais uma vez, dar seu sangue em holocausto a Marte, o deus insaciável das conflagrações humanas.

Felizmente, temos à frente dos maiores países unidos pelo elo dos desejos de paz, estadistas que encontrarão, por fim, solução para a crise que ameaça a tranquilidade do mundo.

À vanguarda dêsses povos amantes da paz, estão os Estados Unidos, forçados a lançar-se nessa guerra do Oriente, pela invasão dos comunistas do norte, que, desrespeitando os traçados resultantes de combinações internacionais, invadiram a Coréia do sul, pondo em perigo a segurança dos Estados Unidos no Pacífico.

Dado alarma, as Nações Unidas se uniram cada vez mais e vieram em apoio dos Estados Unidos e da Coréia do Sul. Nos primeiros 30 dias, os exércitos do norte, bem equipados e treinados pelos russos, conseguiram grandes vitórias. Mas, à proporção que o tempo ia passando e os Estados Unidos mobilizavam seus recursos bélicos e de homens, foram sendo contidos os coreanos do Norte, até que pararam definitivamente na zona de Pohang-Taegu-Masa, dando tempo a que as tropas norte-americanas e da ONU, acumulassem recursos e tropas suficientes para a contra-ofensiva. Iniciada esta com um desembarque vigoroso nas imediações de Seul, entrou em colapso o Exército do Norte, que bate em retirada em direção ao paralelo 38. Mas, é aí que reside o grande e iminente perigo.. Converter-se-á essa guerra local, numa conflagração para todo o mundo?

FOLHETIM DA VIDA...

(Cont. da pág. 53)

Salvo o devido respeito pelos proficientes serviços — e também pelas môscas...

Enfim, terminaremos êstes reflexos da vida portuguêsa, com um comentário sôbre a participação de Portugal na Exposição Internacional de História e de Progressos da Psiquiatria, que se inaugurou a 18 de setembro em Paris, no Palais de la Découverte, e que coincide com o 1º Congresso Internacional de Psiquiatria, no qual Portugal estará representado. E' da exposição, entretanto, que desejamos falar, pois é esta que vai interessar o grande público. Três "panneaux" ali darão o sinal da nossa presença — obra do pintor Lino Antônio, dirigido pelos médicos psiquiatras, dr. Almeida Amaral e Prof. Antônio Flores. Nesse trabalho se escreve e pinta que a assistência em Portugal aos doentes mentais data já de 1539. Três séculos depois tínhamos um hospital de doidos, em 1898 tínhamos quatro, em 1925 tínhamos seis e, em 1950, dezessete, sem falar de trinta dispensários de higiene mental. Atualmente — dizem ainda os "panneaux" que vão ser remetidos para Paris e que foram agora apresentados aos jornalistas — há 6.264 doentes tratados por 85 médicos especializados e 597 enfermeiros e assistentes sociais. Mas há ainda um aspecto curioso nesta exposição: a que se refere a S. João de Deus, contando em belos desenhos a história dêste devotado protetor de loucos, o qual, para melhor poder curá-los, se fêz passar por doente e como tal foi internado.

A angiografia cerebral, consagração da obra de Egas Moniz, que ali figura belamente retratado, ocupa todo o terceiro painel que vai seguir com os restantes a caminho da doce França. — (IPA).

SUSAN B. ANTHONY

(Cont. da pág. 34)

Iork (12 de setembro de 1852). "Pretendem ocupar todos os cargos que os homens ambicionam, querem ser advogados, doutores, capitães de navio e generais. Que coisa extraordinária divulgar-se pela imprensa que Lucy Stone, enquanto defendia uma causa, foi de repente assaltada pelas dores do parto... Ou que a reverenda Antoinette Brown foi interrompida em meio ao seu sermão no púlpito pela mesma causa... Ou que a Dra. Harriot K. Hunt, enquanto atendia um cavalheiro atacado de uma fístula no ânus, viu-se na contingência de mandar buscar um doutor, para, naquele lugar e momento, lhe receber os gêmeos".

Afinal, quando viram que o movimento feminista ganhava adeptos, os diretores desceram do sarcasmo à acusação. O triunvirato feminista advogara, entre outras coisas, o divórcio por embriaguez e a limitação da natalidade com respeito às espôsas de ébrios. "Tais heresias", escreveu o *Star* de Syracuse, "fariam os demônios do abismo estremecer ao ouví-las". Mesmo os que simpatizavam com os princípios do feminismo se horrorizavam ante o espetáculo de uma mulher falando em público. "Foi um discurso magnífico", disse um preminente jornalista após uma das arengas de Ernestino Rose. "Mas... antes ver minha mulher ou minha filha no caixão do que ouví-las falar... diante do público".

Para verberar o movimento feminista, os jornalistas tinham como aliados os políticos. Quando Susan Anthony dirigiu à Assembléia Legislativa de Nova Iork uma petição em prol dos direitos da mulher, os anti-feministas influentes e relacionados com os legisladores começaram a invocar a Escritura para servir as suas intenções "Senhor presidente", bradou o deputado Burnett, "como dar o menor apoio a reivindicações tão absurdas, imorais e criminosas como as contidas nesta petição?... Como dar valor ao libelo aqui exposto, segundo o qual homens e mulheres... têm de ser iguais? Nós sabemos que Deus criou o homem como representante da espécie; que depois da Sua criação o Criador tirou do lado dele o material para a criação da mulher... e que homem e mulher se tornaram assim um só ser e uma só carne, sendo o homem o chefe". E se as mulheres persistissem em pleitear seus direitos, continuou Mr. Burnett, "não havia outro meio de preservar a honra dos homens senão trancafiar suas espôsas a sete chaves".

Mas as mulheres se recusavam, tanto mental como corporalmente, a ser fechadas a sete chaves. Paulatinamente a flor do sexo feminino americano — Lucy Stone Balckwell, Lucretia Mott, Isabella Beecher (irmã de Harriet Beecher Stowe), Antonette Brown, Anna Shaw e Carie Chapman Catt — empenharam na causa seus cérebros e determinação. Por algum tempo, com o fim de causar um baque nos "preconceitos fossilizados" do sexo masculino, as dirigentes do movimento cortaram o cabelo curto e se vestiram com "bloomers", um traje composto de uma saia curta e de calções compridos até os tornozelos. "Não há publicidade melhor do que o choque, a surprêsa". E de fato a população da América ficou chocada. O quê? Deixar as mulheres sem as suas sete camadas de roupa de baixo, sem as suas saias rígidas e armadas, sem seus apertados espartilhos, sem seus vestidos compridos a ponto de varrer o pó do chão? Que despropósito! Onde que se viu? Vestida de "bloomer", uma mulher era quase tão livre como o homem!

Entretanto, dentro de pouco tempo as mulheres renunciaram aos seus "bloomers". Mas não à sua luta pela liberdade. Prosseguiram na sua constante e incansável cruzada pelo "direito das mulheres aos seus proventos e aos seus filhos". E a mais infatigável de tôdas essas guerreiras era Susan B. Anthony. Chamavam-na o Napoleão do movimento feminista. Embora ela nada tivesse da crueldade de Napoleão, tinha muito do gênio dele, da sua aptidão para organizar, da sua energia para comandar, da sua insensibilidade à dor e da sua perseverança em face da derrota. Quanto mais fortes as dificuldades a vencer, tanto mais disposta ela se atirava à luta. À fôrça de se exercitar constantemente, tornara-se uma oradora capaz,

(Continua no próximo número)

Magnífica vista aérea do Estádio Municipal e do Parque da Exposição de Carangola, situados no aprazível bairro de Santa Helena.

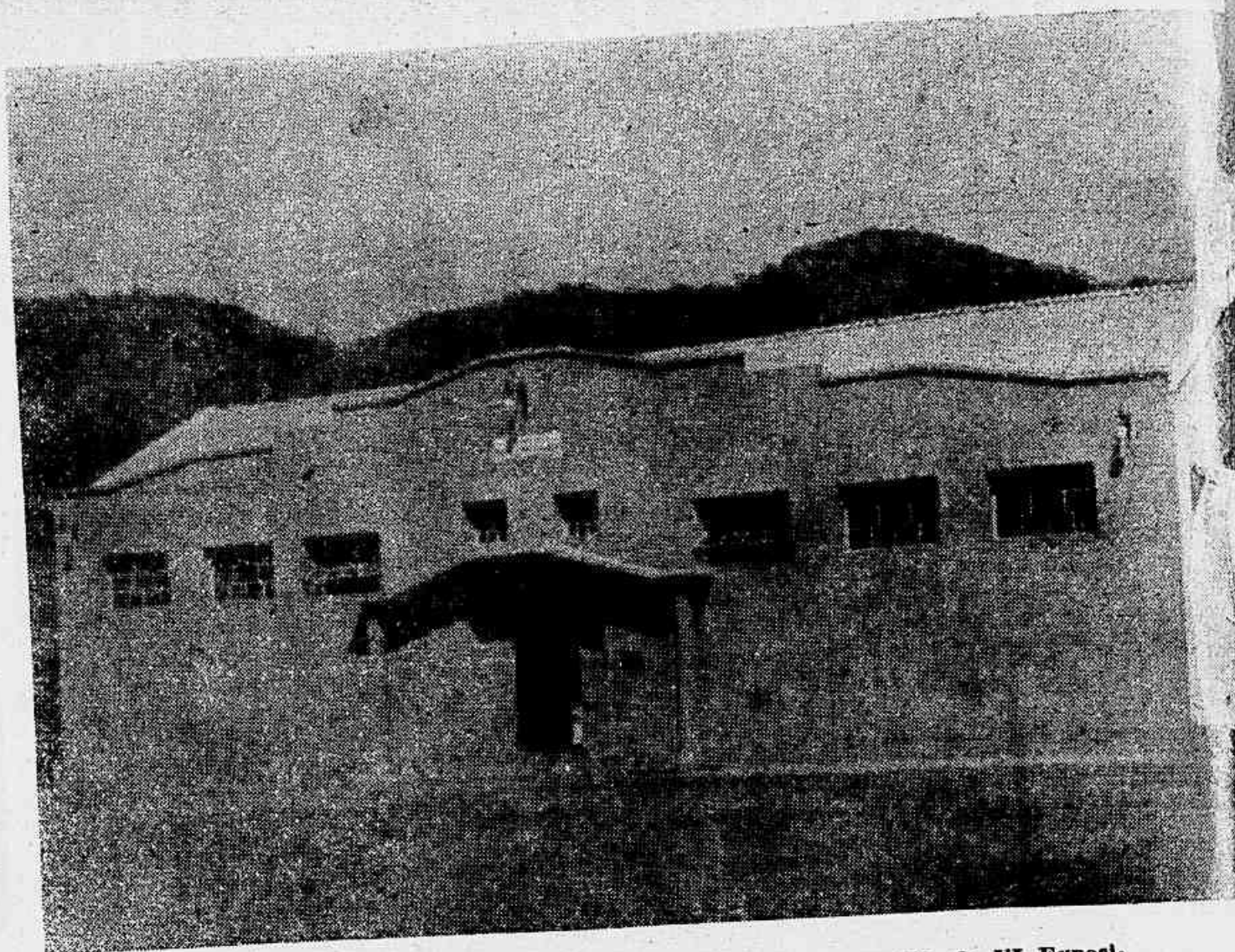
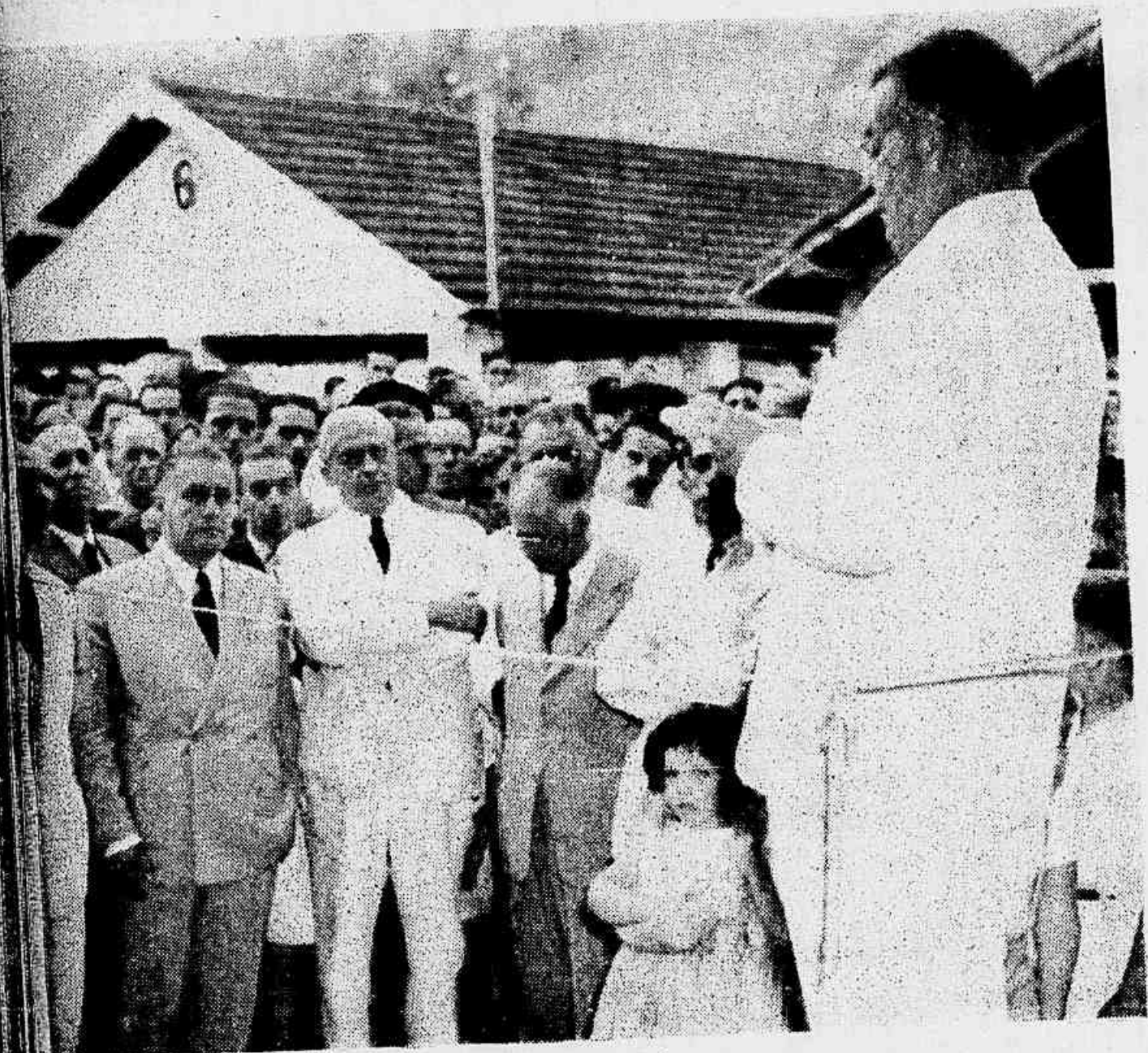
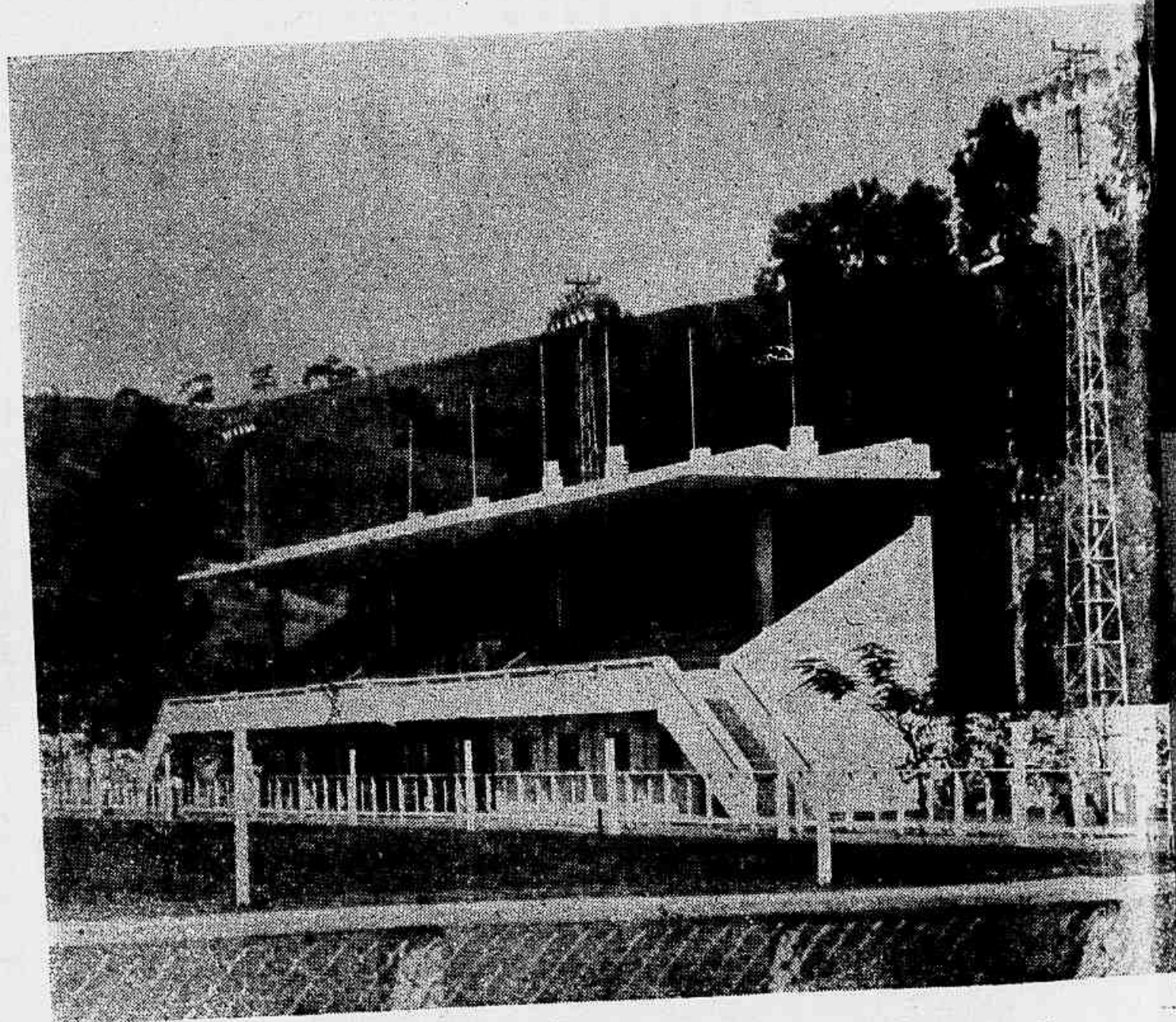
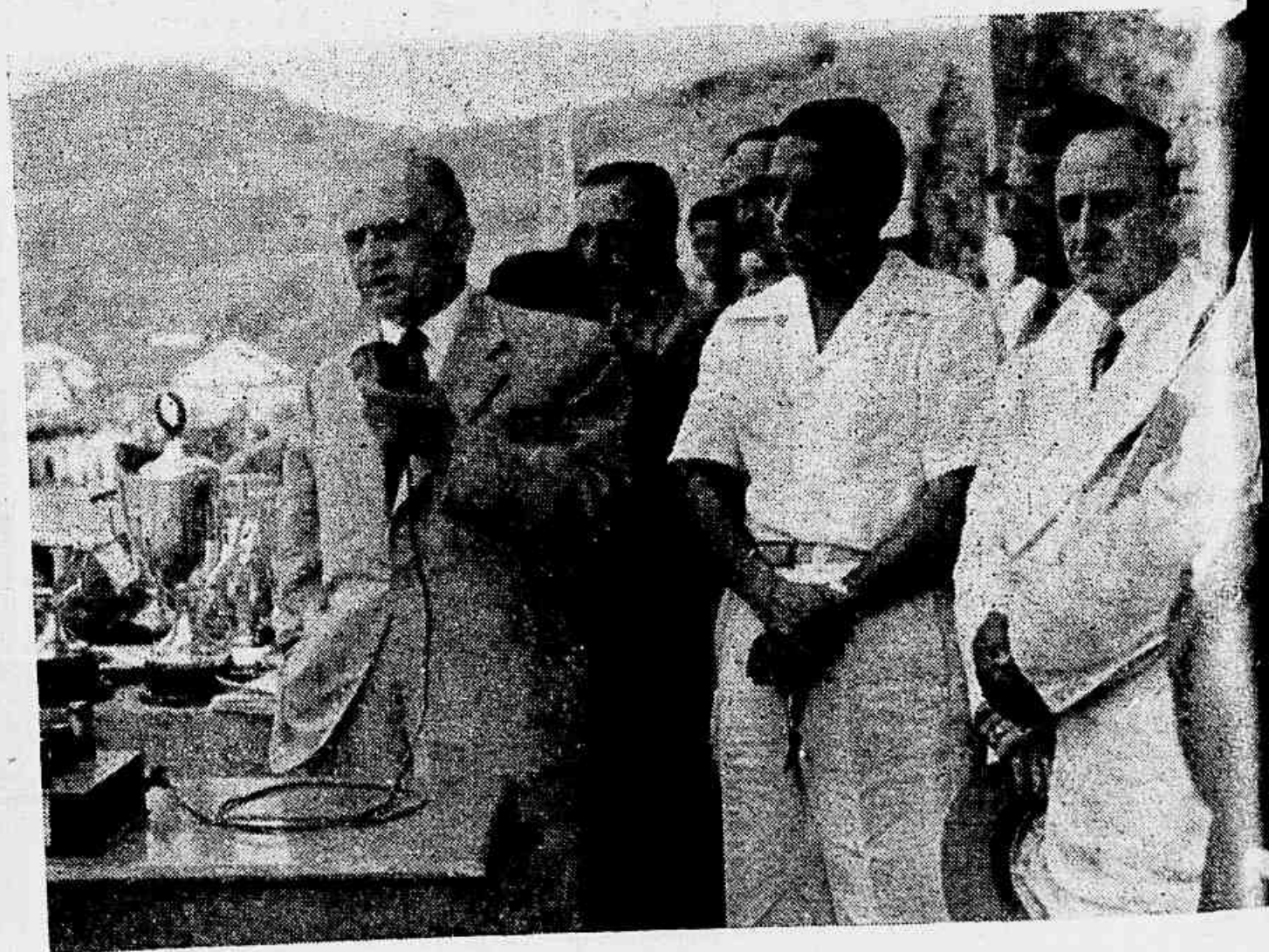
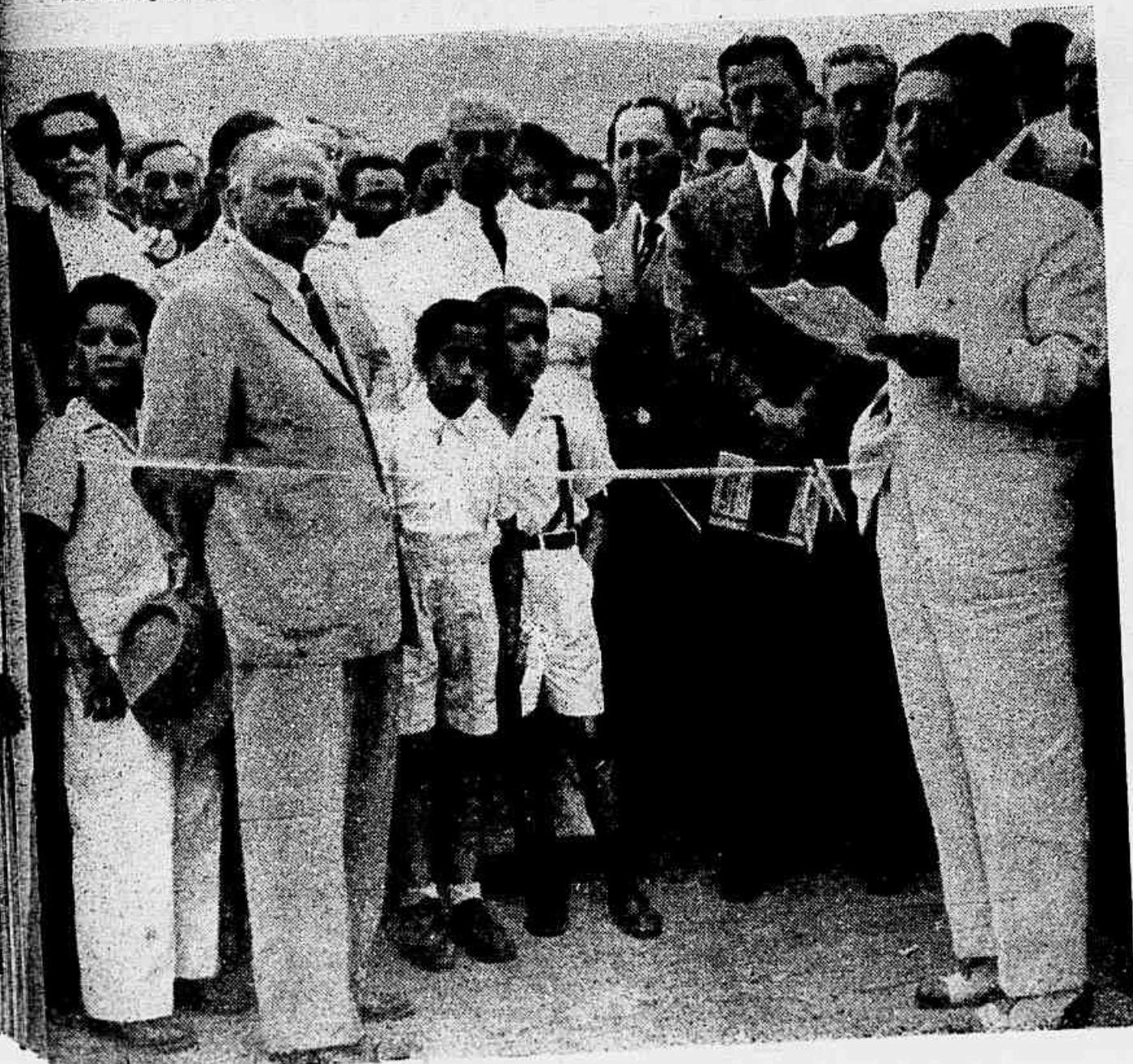
VI EXPOSIÇÃO AGRO-PECUÁRIA E INDUSTRIAL DE CARANGOLA

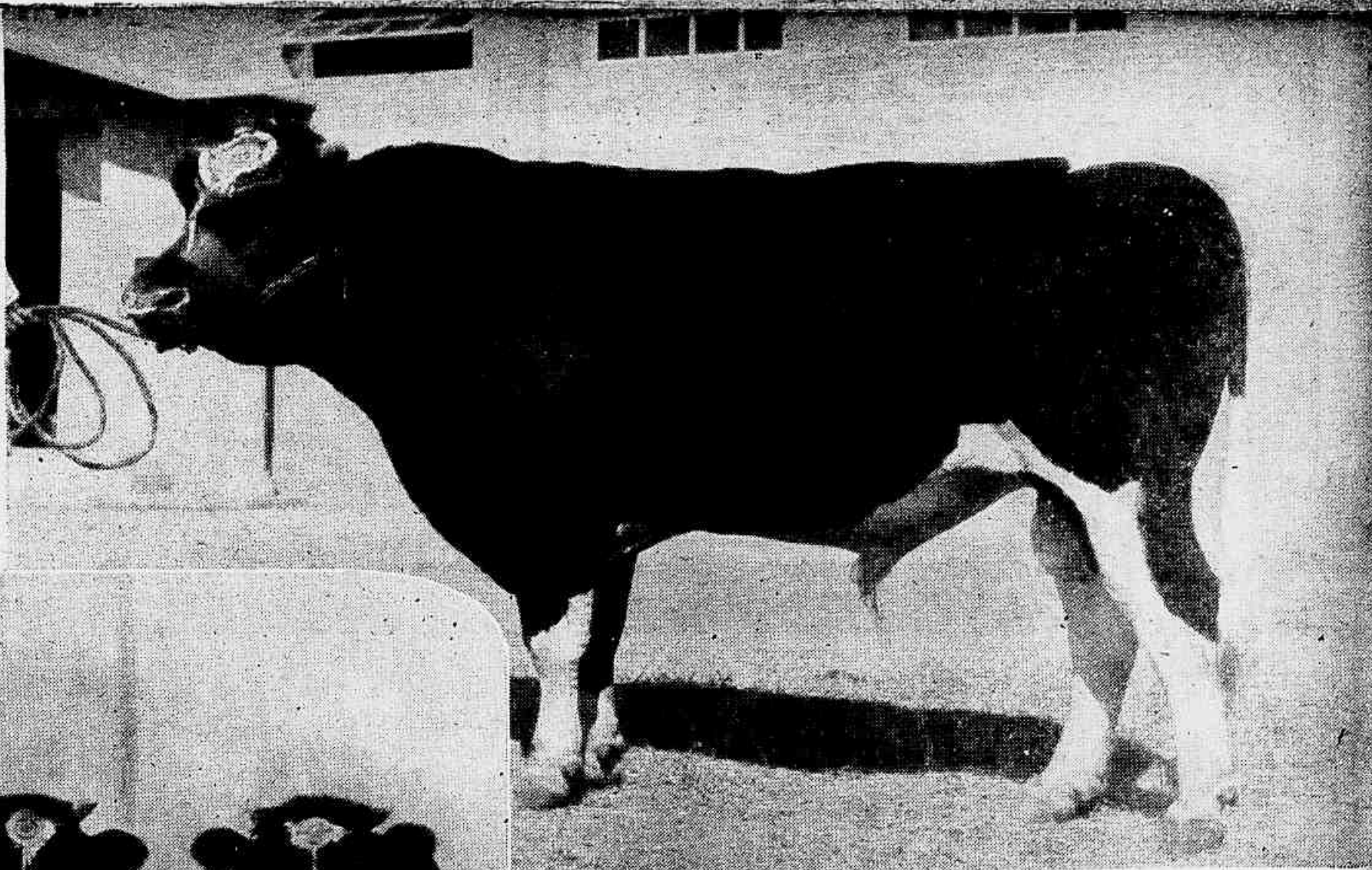
REVESTIU-SE DE GRANDE brilhantismo a realização da VI Exposição de Carangola, transcorrida de 20 a 27 de agosto último. Mais uma vez o povo carangolense irmanou-se e, como um só bloco, prestigiou a sua grande festa anual, já agora considerada, com inteira justiça, um dos melhores certames agro-pecuários da Zona da Mata mineira. A unidade de ação e o entusiasmo dos homens de Carangola em tôrno de sua exposição, realizaram o milagre de uma ascensão rápida e sem pausa. De 1945 até hoje, seis anos já decorridos desde a primeira montra, não se conheceu nenhum período ou fase de estagnação no seu progredir constante e seguro. Cresceu sempre, apresentando cada ano um elemento novo de progresso, um melhor índice de qualidade, um ponto qualquer de referência para o alto. Superiormente dirigida por homens práticos e de visão esclarecida, o que não constitúi favor ou encômio proclamar, amparada corajosamente pela entidade de classe local, a Associação Rural de Carangola, pela administração municipal e por tôdas as fôrças sociais e econômicas da região, a exposição carangolense, desde o seu nascimento, desenvolve-se em ritmo cadente e harmonioso. De ano para ano há um aspecto novo a apreciar, como aconteceu agora, com o parque da exposição enriquecido com mais um excelente prédio, o Pavilhão Ministro Daniel de Carvalho, destinado à representação dos produtos agrícolas. E por falar em parque da exposição, devemos registrar a magnífica aparência que o mesmo apresentava êste ano, formando um soberbo conjunto com o Estádio Municipal, um dos melhores das nossas cidades do interior, já melhorado com a iluminação para jogos noturnos. Tudo muito limpo e caprichosamente cuidado, enfim.

O ato inaugural da VI Exposição foi muito festivo e concorrido. Nele foram prestadas pelos carangolenses duas homenagens muito justas e oportunas. A primeira foi ao sr. Américo René Gianetti, secretário da Agricultura de Minas Gerais, cuja decidida atuação em prol do desenvolvimento agro-pecuário de Carangola foi enaltecida pelo prefeito Jonas Esteves Marques no discurso de inauguração do certame. Realmente o sr. Américo René Gianetti, uma das maiores figuras do atual govêrno mineiro, tem sido incansável no atender às solicitações e aos reclamos dos homens responsáveis pelas fontes produtoras da extensa região, tornando-se assim merecedor da gratidão geral.

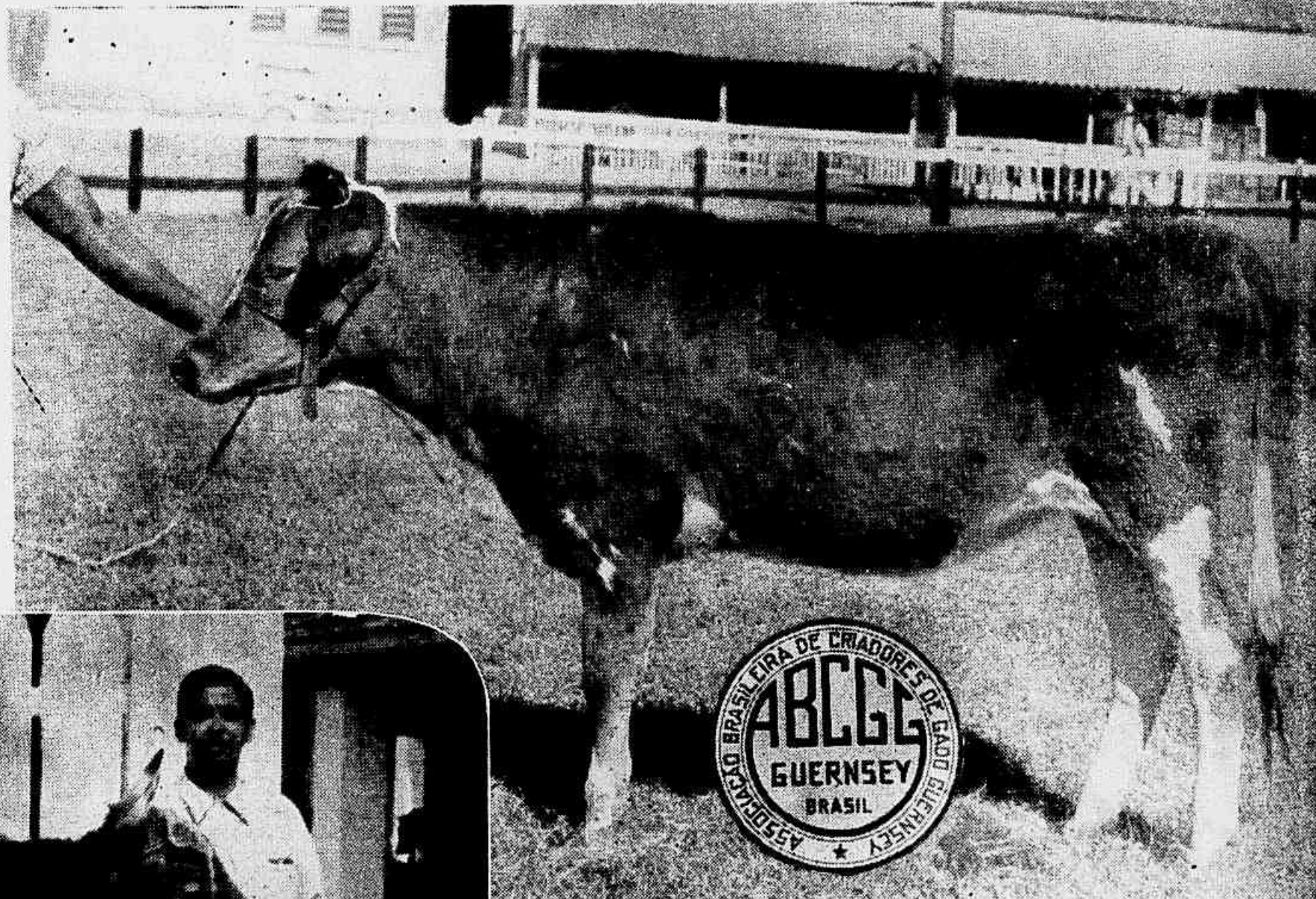
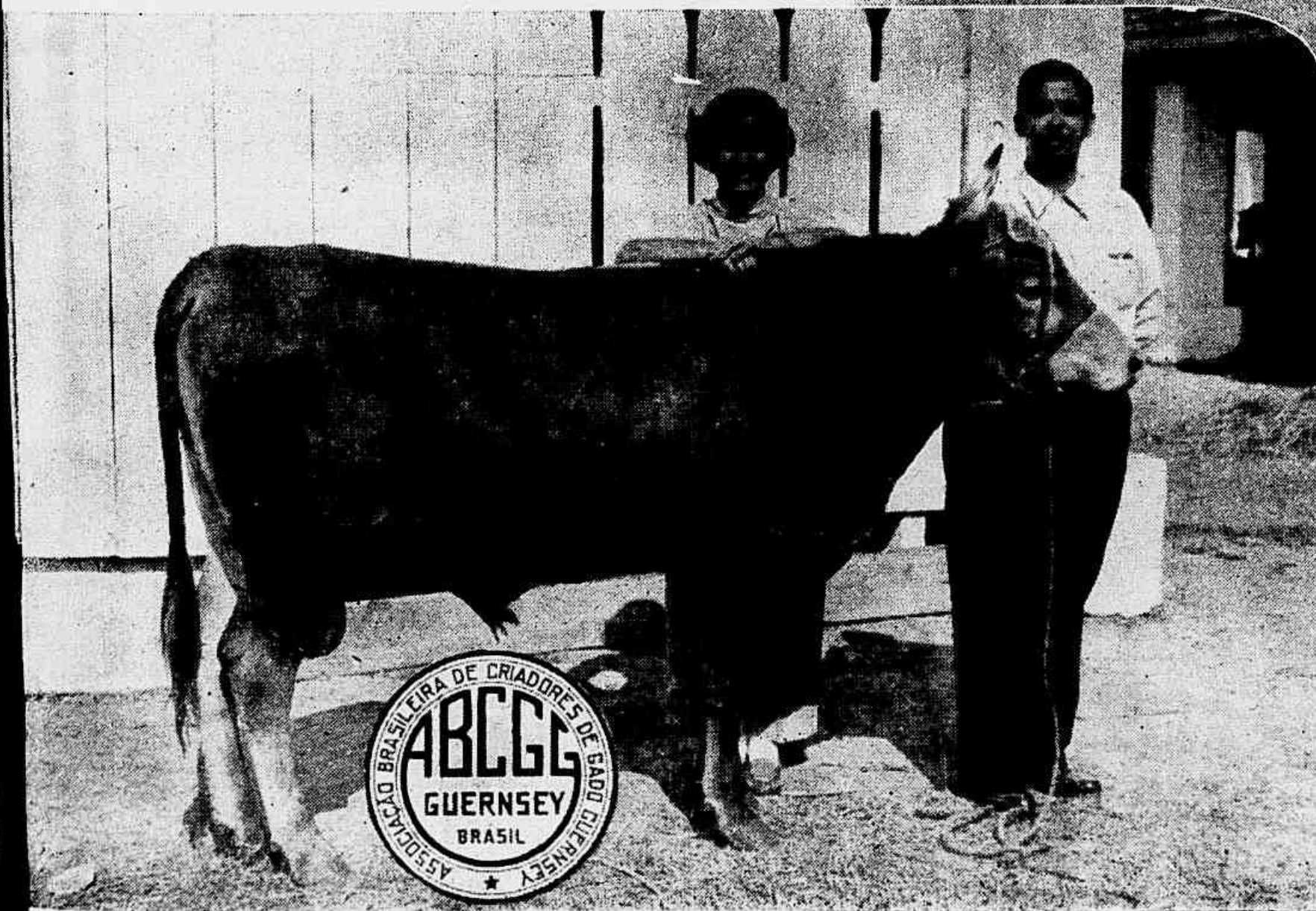
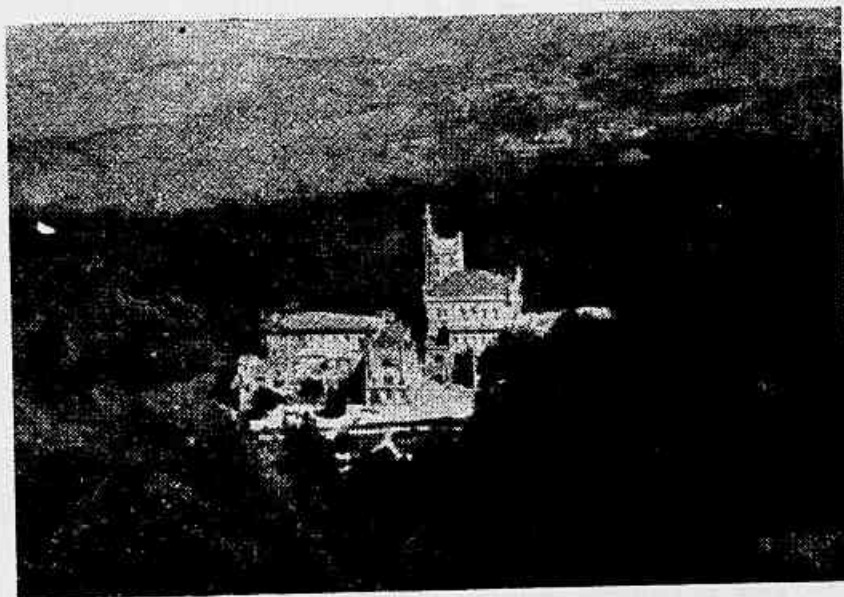
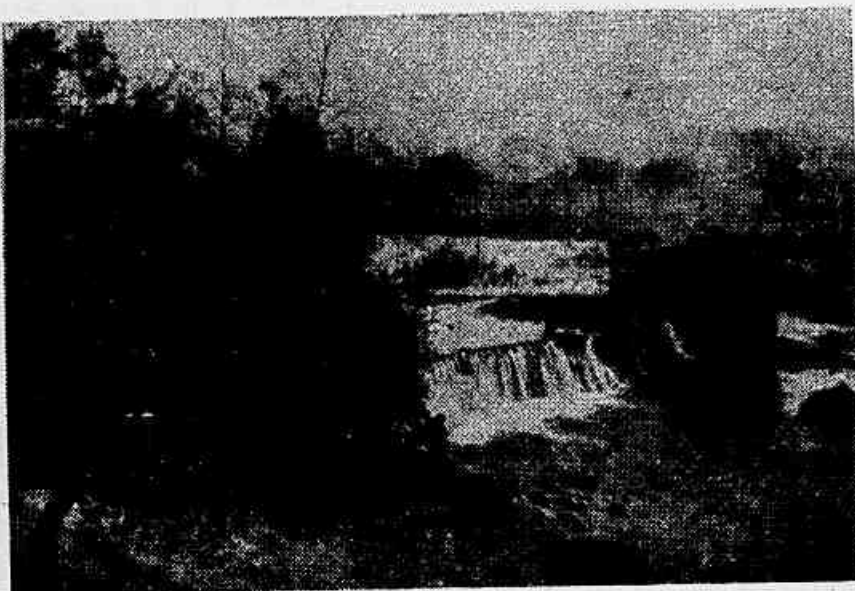
O ex-ministro Daniel de Carvalho foi o outro homenageado, constituíndo êste ato de reconhecimento um dos fatos culminantes da VI Exposição com a inauguração do Pavilhão Ministro Daniel de Carvalho, destinado aos mostruários agrícolas, e que fôra construído mediante auxílio do Ministério da Agricultura quando titular do mesmo aquêle homem público. Falou na ocasião o sr. Ignacio Luiz da Silva Thomé, vice-presidente da Associação Rural de Carangola, ressaltando a significação da homenagem e

Ao centro da página, à direita — O representante do Secretário da Agricultura de Minas Gerais corta a fita simbólica, inaugurando a VI Exposição de Carangola. Em baixo — À esquerda, a senhora Daniel de Carvalho desata a fita, na cerimônia inaugural do Pavilhão Ministro Daniel de Carvalho. À direita, o ex-ministro da Agricultura agradece a homenagem.

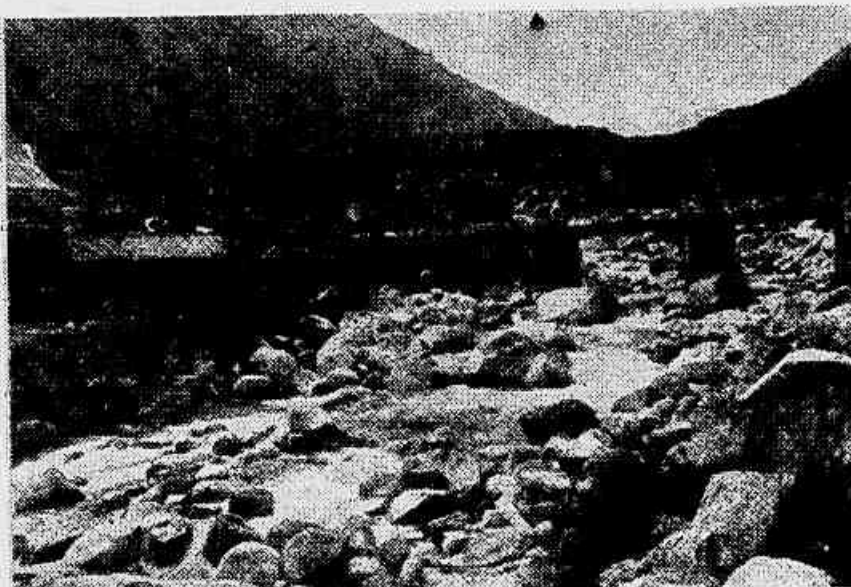
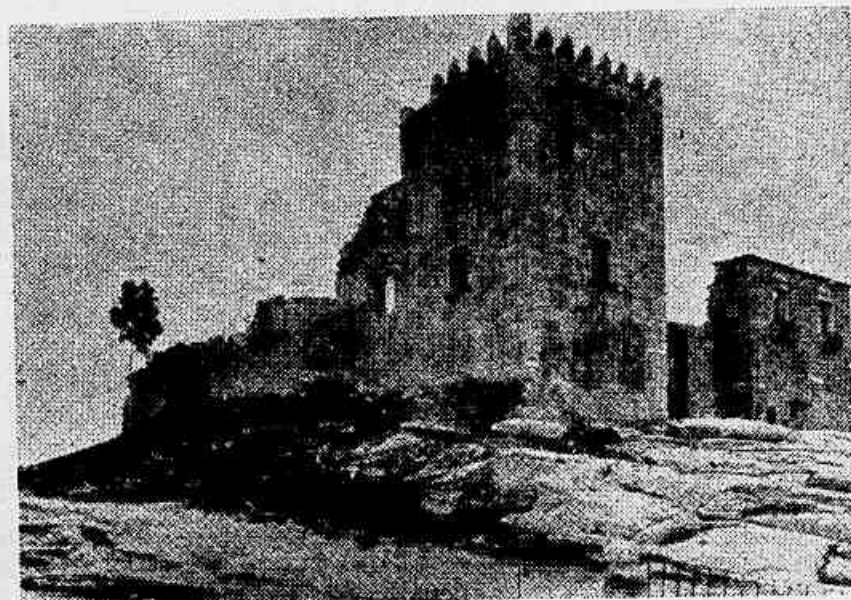
O sr. Daniel de Carvalho e senhora percorrem o Pavilhão Ministro Daniel de Carvalho, acompanhados dos srs. Jonas Marques, Rômulo Joviano, Bolivar Malaquias e outras pessoas gradas.

O Pavilhão Ministro Daniel de Carvalho, inaugurado durante o transcurso da VI Exposição de Carangola, destinado à representação dos produtos agrícolas nos certames carangolenses.

Em cima — O sr. Inácio Thomé oferecendo a homenagem ao sr. Daniel de Carvalho. Em baixo o prefeito Jonas Esteves Marques pronunciando o discurso inaugural da VI Exposição

Em cima — Vista parcial do Estadio Municipal, vendo-se as torres de iluminação. Em baixo — Ato de encerramento da VI Exposição. Está com a palavra o sr. José Larivoir Esteves.

o apoio que sempre mereceram do sr. Daniel de Carvalho os criadores e agricultores carangolenses em tôdas as suas reivindicações. Outro fato de grande relêvo, e que teve lugar durante a VI Exposição, foi a inauguração da iluminação para jogos noturnos do Estádio Municipal, planejada e executada pelo sr. Mauro Valadão, habilíssimo mecânico que deu assim mais uma demonstração da sua extraordinária capacidade técnica. Oito tôrres de aço sustêm quarenta e oito possantes refletores, fornecendo ampla e bem distribuida iluminação por todo o gramado, dando àquela praça de esportes uma feição mais elegante e um completo aparelhamento para os fins a que se destina. No ato inaugural falou o prefeito Jonas Esteves Marques, destacando o apoio que os desportistas da cidade deram à realização do importante melhoramento, concitando-os a que continuem trabalhando pelo engrandecimento esportivo de Carangola.

Em baixo — Grupo de Raça, campeã da espécie Holandêsa Preta e Branca na VI Exposição de Carangola, liderado pelo campeão «Miltônia-Facundo» e completado pelas novilhas «Regina-Espoleta», «Regina-Eureka» e «Regina-Esfinge», todos classificados com primeiros prêmios. Pertence à Granja Regina, do sr. Jonas Esteves Marques, Carangola, Minas Gerais.

«Miltônia-Facundo», 1º Prêmio e Campeão da Raça Holandesa Preta e Branca na VI Exposição de Carangola. Nascido a 18-7-46. Registrado na A.B.C.B.R.H. nº 3P página 193. Tat. FDP-16 IRPL. Pai — Lírio-Itú. Mãe — Miltônia- Boêmia. Pertence à Granja Regina, do sr. Jonas Esteves Marques, Carangola, Minas Gerais.

No que se refere aos produtos expostos, outra vitória foi assinalada pelos criadores, agricultores e industriais carangolenses e dos municípios vizinhos. A representação bovina destacou-se, como sempre, apresentando valiosos exemplares importados da Holanda, puros de origem e puros por cruzamento, filhos dos campos locais, mostrando o empenho dos pecuaristas da região no que se refere à melhoria constante dos seus rebanhos. Neste setor auferiram maiores êxitos; a Granja Regina, do sr. Jonas Esteves Marques, com o Campeão da raça Hoiandesa Preta e Branca, o touro «Miltonia-Facundo», e o Melhor Conjunto da mesma raça; a Fazenda Santa Mariana, do sr. Adalberto Ferreira de Toledo, com a Campeã da raça Holandesa Preta e Branca, a vaca «Holandesa»; a Fazenda Santa Rita, do sr. Altivo Luiz da Silva Thomé, com o Reservado Campeão Holandês Preto e Branco, o touro «Mickey»; a Fazenda Santa Therezinha, do sr. João Pedro Magalhães Lourenço, com o Campeão Senior Holandês Preto e Branco, o tourito «Santaterezinha-Zagal» e o Melhor Conjunto de Família da mesma raça; a Fazenda da Serra, do sr. Sebastião Rocha, com a Campeã Leiteira, a vaca «Serra-Bahiana», o Campeão Júnior Holandês Vermelho e Branco, o touro «Margarida-Leblon» e a Campeã da mesma raça, a vaca «Margarida-Caméli»; a Fazenda Vitória, do sr. Jonathas Ferreira de Toledo, com o Melhor Conjunto de Família Holandês Vermelho e Branco; a Fazenda Alvorada, do sr. José Larivoir Esteves, com o Campeão-Senior da raça Guernsey, o touro «Alvorada-Cabedal», a Melhor Fêmea dessa raça, a novilha «Fortuna do Rio Novo» e o Melhor Conjunto de Família, também da raça Guernsey; a Granja Paraíso, do sr. João Belo de Oliveira Filho, com o Campeão-Júnior da raça Jersey, o tourito «Paraizo-Banjo», a Melhor Fêmea dessa raça, «Paraizo-Boneca» e o Melhor Conjunto de Família também da raça Jersey; a Fazenda General, do sr. Carlos Hosken, com o Campeão-Júnior da raça Schwyz, o tourito «General-Bagé» e o Melhor Conjunto de Família dessa raça, e a Fazenda Santa Clara, do sr. Haroldo de Oliveira, com o Campeão da raça Gyr, o touro «Gaúcho».

Em baixo — «Alvorada-Cabedal», 1º prêmio e campeão senior da raça Guernsey na VI Exposição de Carangola. Nascido a 18-6-48. Tat. od. KRR-28 IRPL. Tat. oc. PCM-301 ABCGG. Pai — Belmonte-Cherburgo. Mãe — Alvorada-Paulista. Na foto estão a sta. Maria de Lourdes e o sr. Maurício Esteves. «Alvorada-Cabedal» pertence à Fazenda Alvorada, do sr. José Larivoir Esteves, Carangola, Minas Gerais.

«Fortuna do Rio Novo», 1º prêmio e a melhor fêmea da raça Guernsey na VI Exposição de Carangola. Nascida a 2-1-49. Tat. od. RNS-36 IRPL. Tat. oc. PCF-604 ABCGG. Pai — Altivo do Rio Novo. Mãe — Abaiba Holanda. Pertence à Fazenda Alvorada, do sr. José Larivoir Esteves, Carangola, Minas Gerais.

As representações agrícolas e industriais ostentaram, por seu turno, elevado índice de qualidade, completando o esplêndido quadro que foi o mostruário da VI Exposição de Carangola, marcada também por um movimento social e artístico de grande intensidade. Um bem organizado «show» orientado pelo popular humorista Barbosa Júnior, exibiu-se com sucesso, atraindo grandes multidões para as noites animadíssimas da VI Exposição. O Clube Carangolense ofereceu magníficas festas em seus salões. E tôda a população de Carangola, mais uma vez, cercou a sua maior festa dêsse interêsse e dêsse entusiasmo que fizeram das exposições carangolenses um dos mais bonitos e atraentes espetáculos de confraternização e exaltação coletiva.

BUÇACO, a 357 metros de altitude, mostrando o Palácio Hotel.

TRECHO pitoresco da Ribeira de Mortágua, na estrada do Luso a Seia.

A ESTRADA marginando o Rio Dão, perto de Santa Comba Dão.

VILA de Arganil, cenário beirão, dominado pelo Mont'Alto.

MANTEIGAS, com o rio Zêzere, curioso pelo seu amontoado de rochêdos.

BELMONTE e o seu castelo histórico. Terra em que nasceu Pedro Alvares Cabral.

FOLHETIM DA VIDA PORTUGUESA

A FALTA DE TRABALHO CONTINUA — VALEMOS MAIS DO QUE SE JULGA... — TRÊS REFLEXOS DE PORTUGAL

por MANUELA DE AZEVEDO

(Exclusividade da IPA — REVISTA DA SEMANA)

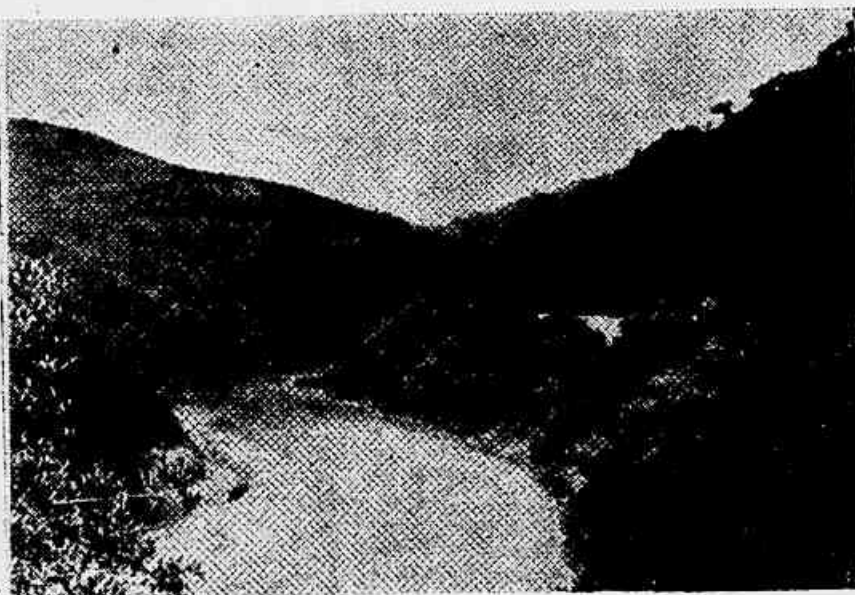
LISBOA (Por via-aérea) — Se junho é o mês dos mangericos e cravos de papel e julho é o mês das "cólicas", das "raposas" e dos "chumbos" dos estudantes, o mês de sétembro é por excelência a quadra das termas e das praias. O guarda-sol, a barraca e o tôldo substituem na praia o confôrto da casa portuguêsa; nas termas, as especialidades farmacêuticas e a água do contador da Companhia são substituidas pelos tratamentos, pelas águas bicarbonatadas, pelas sulfúreas, pelas sulfatadas-cálcicas, pelas hiposolinas, pelas cloretadas, pelas ferruginosas, etc., etc. Em Portugal, há mais de uma centena de estâncias termais de grande nome como o Gerez, as Pedras Salgadas, Monfortinho, Monte Real, Caldas da Rainha e de Montachique, o Luso, a Cúria, Vidago e Melgaço. Solo rico em minério, a água, seu familiar, excede-se em favores aos pobres atacados de reumatismo, doenças figadais, intestinos e de pele, às vêzes de pulmões e coração — isto é, cutâneas e subcutâneas... Os doentes e seus acompanhantes instalam-se então em centenas de hotéis e pensões, uns melhores, outros piores, fazem a vida preteneiosa e mexeriqueira de tôdas as termas, onde não falta nunca um escândalo público de caráter sentimental nem um poeta ou um romancista ridiculo que faz a propaganda dos seus livros sem leitores...

O mais é exibição de vestidos — bailes e festas de caridade.

CONVENTO DE LORVÃO, rodeado de montes e de uma floresta de pinheiros.

LORVÃO. Curioso aspéto do fabrico manual de palitos.

LUSO, uma das estâncias termais de maior concorrência.

ESTRADA de Rebordosa a Penacóva. Típica paisagem lusitana.

RIO MONDEGO, correndo entre serranias, entre Caneiro e Rebordosa.

PENACÓVA e o cenário grandioso que a rodeia em toda a extensão.

O País como que se amolenta neste mês de canícula a projetar-se ainda sôbre setembro — aquêle que a 8, no dizer do povo, "abre as portas ao Inverno".

Na mecânica oficial, repousam os projetos e as realizações, só uma vez por outra se alternando o ritmo da vida para inauguração de uma escola que há de funcionar em outubro ou de um chafariz que há de desencalmar os encalmados no Verão...

Calor sem môscas mas com muita terra e muito pó erguido dos leitos das ruas todos os dias em obras — eis a imagem de Lisboa, que se espreguiça por aí fora, se por acaso não teve doença ou dinheiro que a levasse para longe...

A FALTA DE TRABALHO CONTINUA

Acabaram as ceifas no Alentejo e voltou a penúria ao lar dos seus rurais. Tôda a província volta a clamar pelo pão — não obstante chamarem-lhe o "celeiro de Portugal".

Do concelho de Aviz, chegam, porém, clamores mais dolorosos, talvez porque na imagem dêste novo suplício de Tântalo, o povo tem ao alcance da sua mão riquezas que não pode explorar.

Poucas regiões alentejanas como êste concelho, com seus 600 quilômetros quadrados de superfície, terão mais belas várzeas e melhores predisposições para uma exploração agropecuária racional. O sacrifício do povo atinge, porém, a dor simbólica das páginas bíblicas e angustiadamente volta-se para o Poder de Lisboa, perguntando:

— Quando virá a Junta de Colonização Interna trazer do Estado o seu auxílio, através de planos de melhoramentos a introduzir nas várias propriedades? Quando dará aqui a lei de Melhoramentos Agrícolas aquêles frutos por que anseiam os dez mil sacrificados habitantes desta região?

Dez mil que não se retiram — pois que ficam para sempre presos à dor e ao amor da terra, seu berço ingrato...

VALEMOS MAIS DO QUE SE JULGA...

Quando se fala em valores internacionais, o português é por índole cético e descrente. Para êle, tudo o que fomos vale mais do que o presente. E, todavia, a realidade todos os dias desmente o seu ceticismo. Evidentemente, não podemos ser "grandes" em tudo. Mas somo-lo em algumas coisas. Temos na matemática colaboradores de Einstein; na cirurgia, um Prêmio Nobel; na Música, tivemos, até há pouco, Viana da Mota e Guilhermina Suggia, dois intérpretes — um de piano, outro de violoncelo — que foram das maiores figuras mundiais do nosso tempo; no desporto, fomos três vêzes campeões do Mundo em hoquei em patins. E' para assinalar ainda a nossa atividade desportiva na última semana que se traçam estas linhas, ligadas a dois êxitos de caráter internacional. O primeiro obteve-o, em Bruxelas, Álvaro Dias, que nos Campeonatos Europeus de Atletismo se colocou em primeiro lugar, entre 17 concorrentes, representantes de 11 países. No salto em comprimento, êste esplêndido campeão nacional não chegou a alcançar o seu próprio "record" — 7 metros e 34 centímetros — pois se ficou numa diferença de dois centímetros no ensaio para a final. E a provar a sua categoria, aqui está a prova definitiva: Álvaro Dias, classificado em quarto lugar nas finais, com 7 metros — fizera na véspera o mesmo comprimento, que levou a vitória a um irlandês...

Na vela, durante a última semana internacional, realizada às portas de Lisboa, na bela baía de Cascais, também o Portugal de velhos navegadores conquistou os primeiros lugares, em competição com os melhores velejadores franceses e espanhóis. Em "dragões", "stars", "sharpies", "snipes" e "vougas" — têrmos que hão de ser familiares aos praticantes brasileiros — Portugal classificou-se sempre em primeiro lugar, havendo classes em que os estrangeiros nem sequer se descortinaram nos modestos quinto lugares...

TRÊS REFLEXOS DE PORTUGAL

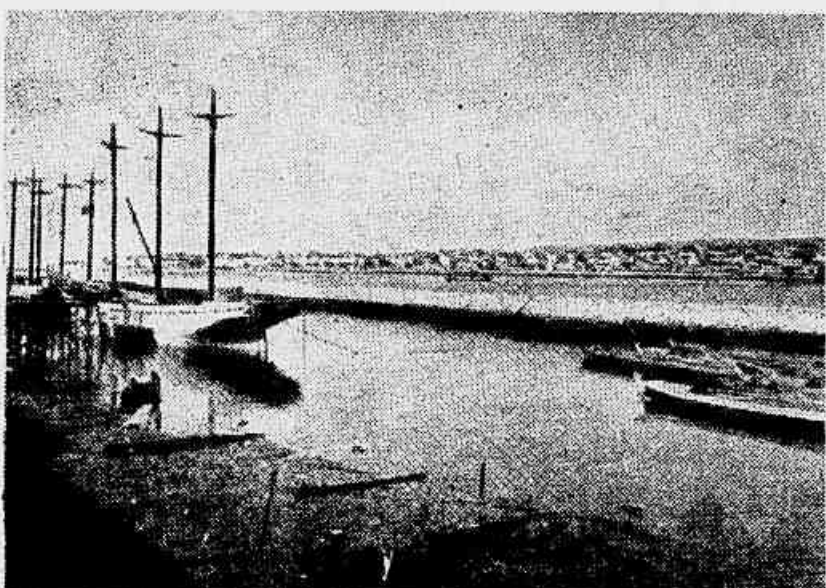
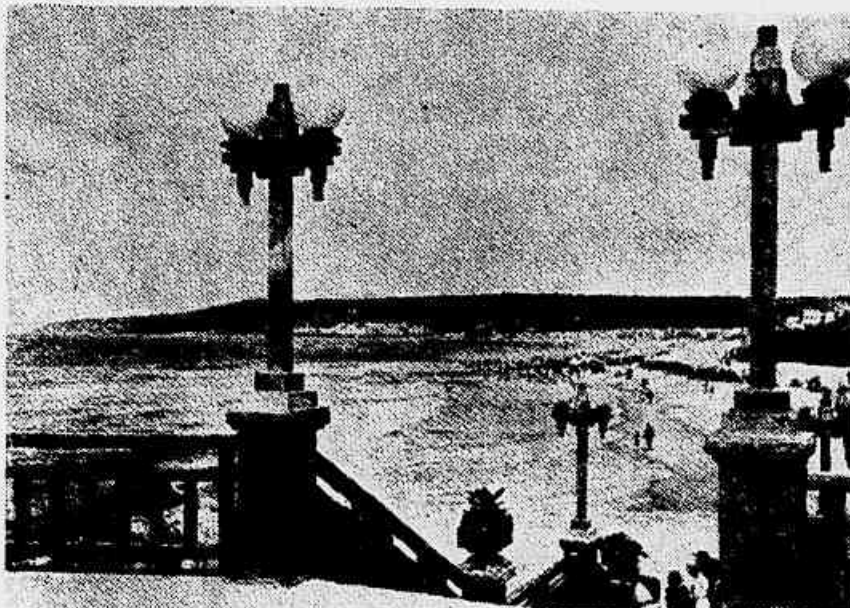
A agência noticiosa Lusitana trouxe até nós a grata informação de que o Brasil vai reconstruir no Guaporé o Forte do Príncipe da Beira, bastião erguido há séculos pelos portuguêses. Quer dizer, Portugal, que já devia tantos serviços e preitos de homenagem ao seu dileto amigo, dr. Pedro Calmon, mais grato terá de se sentir perante a obra notável de aproximação que representa agora a decisão do ilustre ministro da Educação e Saúde do Brasil. Na terra portuguêsa o culto do passado traduz-se há muito pelo respeito, reconstrução e conservação das velhas pedras do seu edifício social, político, artístico e moral. Eis porque é grato ao espírito do seu povo verificar o carinho brasileiro pelo seu passado — bem certo sendo que não há melhor forma de honrar os filhos do que essa de dignificar e respeitar a memória dos pais.

E visto que estamos a falar de honras — acrescentemos a esta crônica algum proveito. O proveito vai pertencer ao comércio importador português, que já há anos andava a reclamar contra a desatualização da pauta aduaneira. Enfim, ao cabo de muita e quisilenta Barafustdela, o Govêrno anunciou que estão a tratar do assunto: os ministros das Finanças e da Economia; e os subsecretários de Estado do Orçamento, do Tesouro, da Agricultura e, ainda, o do Comércio e Indústria — sem falar em técnicos como o diretor-geral das Alfândegas. Mesmo com "blague", não se pode dizer que sejam sete pessoas a matar uma aranha — mas o certo é que as alfândegas em qualquer parte do mundo não são aranhas... mas teias onde se apanham as môscas.

(Cont. na pág. 47)

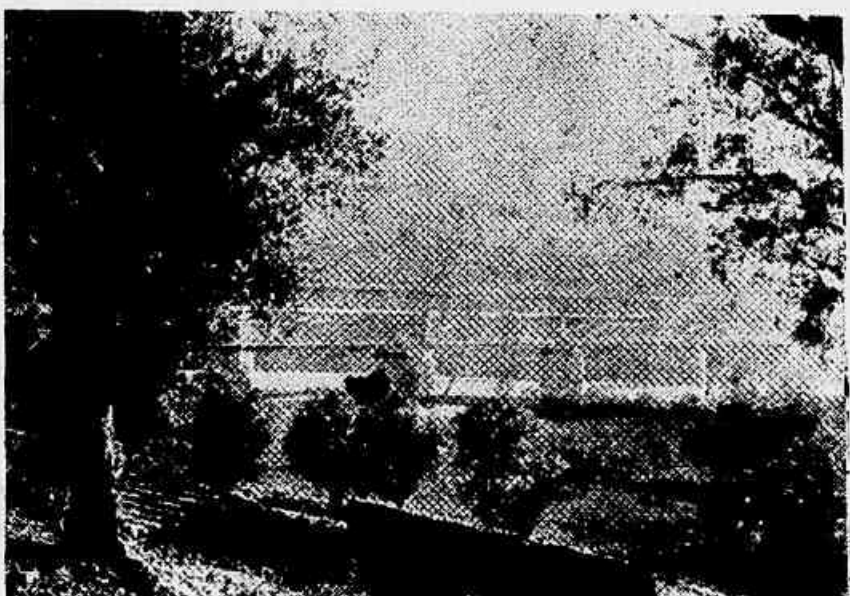
MONTEMOR-O-VELHO, dominado por um castelo do século XI.

MULHERES lavando roupa nas margens do poético Rio Mondêgo.

VISTA GERAL de Montemor-O-Velho. Balsa que atravessa o rio.

FIGUEIRA DA FÓZ, panorama da margem esquerda do Rio Mondêgo.

A PRAIA da Figueira da Fóz, muito frequentada agora no verão.

TRECHO TÍPICO de estrada em Soure. Muita sombra e arvoredo.

EXTENSOS ARROZAIS no trajeto de Penela a Figueira da Fóz.

PENELA e seu castelo, enquadrados numa bonita paisagem.

PONTE DA PORTELA, envolvida na neblina de uma fria manhã.

PRÓXIMO da Fóz do Caneiro, numa curva do rio, pelo verão.

NÚPCIAS — A senhorita Maria Tereza Neiva, cujo enlace matrimonial com o Sr. José Cupertino Leite de Almeida se realizou em Vitória, Espírito Santo, no dia 22 de Julho próximo passado. Os recém casados, que são elementos de destaque na sociedade espiritosantense, receberam muitas homenagens.

MÊDO DE AMAR

(Cont. da pág. 26)

ropa; não era mais a mesma do começo da noite e as palavras lhe afluiam com abundância.

Ao se despedirem, Godewsky pediu licença para visitá-la na tarde seguinte; Maria Lúcia consentiu. No caminho de casa e à medida que o carro avançava pelas ruas silenciosas da cidade, a embriaguês sob cujo domínio vivera aquelas horas, foi pouco a pouco se dissipando e a realidade lhe aparecendo no seu sentido cruel, impondo-se à sua mente, ao seu sentir, a todo o seu ser. «Cuidado, desgraçada, parecia dizer-lhe; que vais fazer? Enganar teu marido? Fugir um dia com teu amado? Não vês que não lhe podes resistir? Serás então como tôdas as outras que detestas... uma criatura desprezivel... Atrairás o escândalo sôbre o teu lar e sôbre a tua família. E depois? Quando a fascinação terminar? E mais tarde?»

Que bom seria morrer... pensava Maria Lúcia exausta; não lutar mais... não sofrer mais... não ceder a êsse fascínio que me transporta mas que me fará decair... Morrer... acabar... descansar... Ah! se ao menos pudesse não pensar, não sentir! «Atrairás o escândalo... serás uma desgraçada... como as outras que desprezas... «Morrer... não pensar... descansar... acabar... Ian Godewsky... seu amor terminará como os outros...»

Maria Lúcia tinha vontade de gritar! Sentia-se tão angustiada, tão absolutamente desamparada e abandonada! se recebesse Ian no dia seguinte, tinha a certeza de que não seria capaz de resistir-lhe.

Entrou em casa como uma sonâmbula; subiu ao quarto, onde há já algum tempo, dormia só; uma angustia tão intoleravel abateu-se sôbre ela, que nesse momento exato, resolveu por têrmo à sua vida. O corpo sacudido por um tremor convulsivo, procurou a arma cujo esconderijo conhecia; estendendo-se sôbre o leito, ainda vestida com o seu traje de baile, apoiou o revolver à têmpora direita e puxou o gatilho.

No dia seguinte, a criada de quarto foi a primeira a descobrir a trágica verdade: numa cama empapada de sangue, jazia Maria Lúcia, morta por uma bala que lhe transpassara o cérebro. Aquietara-se enfim aquele tormento, aquela angústia; a infeliz jovem resistira assim como pudera, à fascinação do pecado de amor que tinha ameaçado destruir sua integridade moral.

O NOSSO AMIGO URSO

(Cont. da pág. 30)

Já diplomada em habilidades e artimanhas espetaculares para divertir crianças e arrancar palmas dos grandes. «Edith» leva uma vida que nada têm de cavernas e gelos polares. E' bem tratada, passa do bom e do melhor, toma leite em quantidade, é penteada e perfumada como gente grã-fina, e, segundo dizem as más linguas, até vai a manicuras, na esperança de encontrar em algum salão de beleza, o seu sonhado «Principe Urso»...

Nas horas de folga, Miss Adrienne e «Edith» saem pelas ruas de Londres ou de qualquer outra cidade, a passeios e espairecimentos. A enorme curiosidade pública é uma das vaidades da ursinha vaidosa e feliz que já usa colar e outros enfeites femininos, como futura «Miss Ursinha» universal...

PRESERVA A CRIANÇA...

(Cont. da pág. 21)

a 25 mil cruzeiros em 1932 e a 20 mil em 1933. E atualmente está pràticamente sem subvenção. A despesa anual oscila entre 700 e 800 mil cruzeiros com a alimentação, vestuário e outros gastos necessários à manutenção do estabelecimento.

De 1891 a 1934 o asilo abrigou 1848 mulheres. E, nesse periodo, realizaram-se vários casamentos.

Existe atualmente 133 asiladas: — 55 de 5 a 18 anos e 98 de 18 anos acima.

No Patronato de Menores tem 143 meninas de 8 a 18 anos. E na Prisão de Bangu 70 mulheres, tôdas maiores de idade.

Como dissemos, tanto no asilo como na prisão, é ministrada a instrução primária. Tanto aprende a inocente criança de 7 anos como a sexagenária delinquente. No asilo, muitas moças tocam piano e são eximias dactilógrafas. Tivemos ocasião de assistir a um rápido concêrto da srta. Isolina Martins, de 19 anos, aluna da irmã Maria da Compaixão.

Com carinho e atenção as irmãs procuram estudar as vocações das órfãs, descobrindo, muitas vêzes, inteligências e aptidões fora do comum, como acontece com a menina Miriam Pereira Cardo, que aos 11 anos, fala correntemente o francês e o alemão, se revelando, assim, uma precoce poliglota.

No Patronato de Menores fomos encontrar quatro tipos genuinamente brasileiros: — Maria Anita Joaquim Xexes e Maria de Lourdes Silva — ambas filhas de indios Xavantes, vulgarmente conhecidos por *bôca-negra*; e Maria Ribeiro e Noêmia Cabral, filhas de Bororós.

UM MUNDO À PARTE

Tudo isso constitui um mundo à parte. Um mundo feito de dor, de tristeza e de uma saudade indefinida. Aqui, uma criança inocente que nunca conheceu pai nem mãe; ali, u'a moça que fôra seduzida e em seguida abandonada à sua sorte; e acolá, uma muralha cinzenta isolando do resto do mundo os sêres que têm a desventura de serem enviados para ali.

"O presidio palpita com vida à parte. E' como um monstro; os respiradouros gradeados que lhe crivam as fachadas são os seus olhos; as guaritas, seus ouvidos; sua voz, o alerta noturno das sentinelas que montam guarda; seu alento, o bafo fétido, saturado de miasmas homicidas de seus esgotos e dormitórios; sua alma, o silêncio, o horrivel silêncio carregado de remorsos, de soluços contidos e de rancores dos vivos-mortos que apodrecem nêle."

E, se como dizem, os presos são cadáveres que a sociedade enterra de pé, ali naquele cemitério dos vivos 70 mulheres estão enterradas.

Nada conduz tão fàcilmente ao crime como um desejo excessivo de justiça. Oitenta por cento dos presos comuns são levados aos cárceres por terem querido fazer justiça com as próprias mãos. E, quanto mais rústicos mais selvagens, mais vingativo é o individuo.

Para alguns filósofos o homem nasce bom; o meio é que o conserva bom ou o torna mau.

As presidiárias tidas como criaturas indesejáveis e desprezíveis, para ali são remetidas por imposição das leis dos homens e dos tabus e preconceitos da sociedade. Entretanto, muitas delas terão sido vítimas dessa mesma sociedade que agora as despreza e incrimina.

Das 70 mulheres que estão prêsas na Penitenciária de Bangu, 60% são ladras; 20% estão ali por crime de morte; e as demais são viciadas e pervertidas. Das assassinas, quase tôdas são infanticidas.

Mas o que as teria levado a praticar o infanticidio? E aí, precisamente, está a culpa da sociedade, que agora as mantém prêsas, como entes indesejáveis.

São mulheres ignorantes, muitas analfabetas. A maioria delas trabalhava antes em empregos domésticos. Mulheres que um dia se viram seduzidas por um D. João qualquer e foram logo em seguida abandonadas. Isso não teria maior importância, se elas não tivessem ficado grávidas, se não carregassem no ventre o fruto daqueles amôres furtivos. E agora que fazer? Seduzidas, abandonadas, ultrajadas, como hão de ter cabeça para raciocinar? Daí para o crime a marcha é curta, não só pela vergonha, pelo transtôrno que seria para ela o nascimento de um filho, mas também pelos gastos que isso acarretaria. E além de tudo, a sociedade marca e despreza os filhos espúrios.

HISTÓRIA EXEMPLAR

Lá fomos encontrar uma infeliz com uma curta, mas exemplar história. Veio do norte com uma familia que a criara desde menina. Em chegando ao Rio arranjou logo um namorado, muito pontual e atencioso até que a seduziu. Grávida, e receiosa de que os patrões percebessem o seu estado interessante, passou a usar cinta, sentindo com isso tonteiras e mal-estar.

Finalmente, um dia, sòzinha, no seu quarto, deu à luz a uma criança. Transtornada, aflita, indecisa, revoltada, não teve dúvidas, afogou o entezinho no tanque e tratou, depois, de se desfazer do incômodo volume.

Uma hemorragia, entretanto, tornou frustradas as suas precauções. Descoberto o crime, foi prêsa e condenada, depois, a 7 anos de cadeia. Declarou-nos que ainda hoje não sabe como teve ânimo para tanto. Na hora não mediu as consequências; queria apenas se livrar daquele fardo que arruinaria a sua vida, não só porque não tinha recursos para criar o filho, mas, também, porque os patrões, em geral, não aceitam empregadas com crianças.

Aí está, em linhas gerais, a história dessa infeliz, que é também a história de muitas outras presidiárias.

Lá fomos encontrar também a reclusa Maria Madalena de Lourdes Neubauer, co-autora do famoso "Crime da Mala", praticado por ela e por Antônio Bento. Fôra condenada a 9 anos de prisão, já tendo cumprido 5. Contou-nos que o dr. Adroaldo Mesquita, quando era Ministro da Justiça, lhe prometera indulto. Esperou... esperou... e a politica mudou e ela continua prêsa.

Sôbre a vida ali, acentuou: — "Ah! moço, o senhor não sabe o que é estar numa prisão! Se se canalizassem as lágrimas que tenho chorado, aqui poderiam navegar navios."

A essa declaração outras reclusas aproximaram-se do repórter e começaram a chorar. Foi um pranto copioso. Na mulher a lágrima é um dom divino. E, "assim como a chuva amolece a terra, o pranto da mulher amolece o coração do homem."

— O silêncio, moço... O silêncio aqui é que me tortura" — disse uma... Imagine o sr. que até os sapatos das irmãs de caridade e os nossos são de solado de borracha, para que não façam ruido... Dia e noite é um silêncio pesado, profundo. Não se houve nada... a não ser no fundo da consciência a voz do remorso. Ah! às vezes tenho mêdo de enlouquecer.

Em soluços, com as vozes roucas, aquelas pobres mulheres fizeram-nos outras confissões. Mas a êsse tempo o repórter já se achava também comovido... e a mão tremeu... a caneta caiu... e as confissões ficaram no a

TUDO ISTO ACONTECEU

CAMPEONATO INTERNACIONAL DE COCKTAIL

ESTÁ aí uma coisa que muita gente ignora, a existência de campeonato mundial de cocktail! Como se processará êsse torneio de misturas de bebidas alcoólicas? Naturalmente, bebendo-se de todas elas, cada «expert» experimentando, com estalos na língua, o sabor dêssa invenção do homem ultra-civilizado. Onde se verificou êsse campeonato? No Cresham Hotel, na cidade de Dublin, em fins de setembro dêste belíssimo ano de 1950. Mais de cem concorrentes formaram fila indiana para provar a deliciosa bebida que faz as delícias dos «bate-papos» e dos bares de luxo. Até agora, porém, só sabemos que sete nações se fizeram representar no ajuste alcoólico: Inglaterra, Estados Unidos, França, Holanda, Portugal, Austria e Dinamarca. Todos estes países mandaram delegados especializados em fazer e beber «cock-tails», mas, até agora, não se sabe quem levantou o primeiro prêmio.

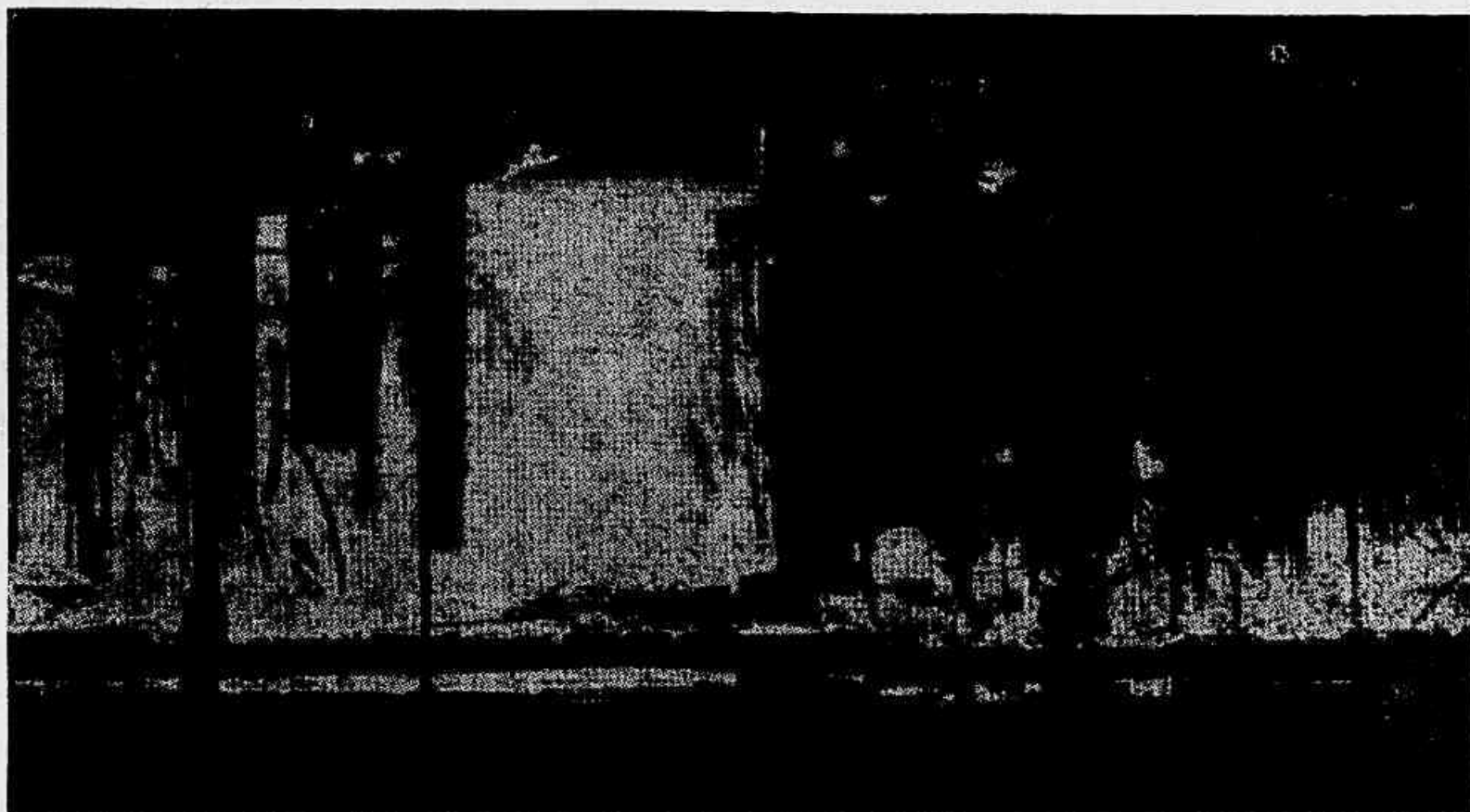
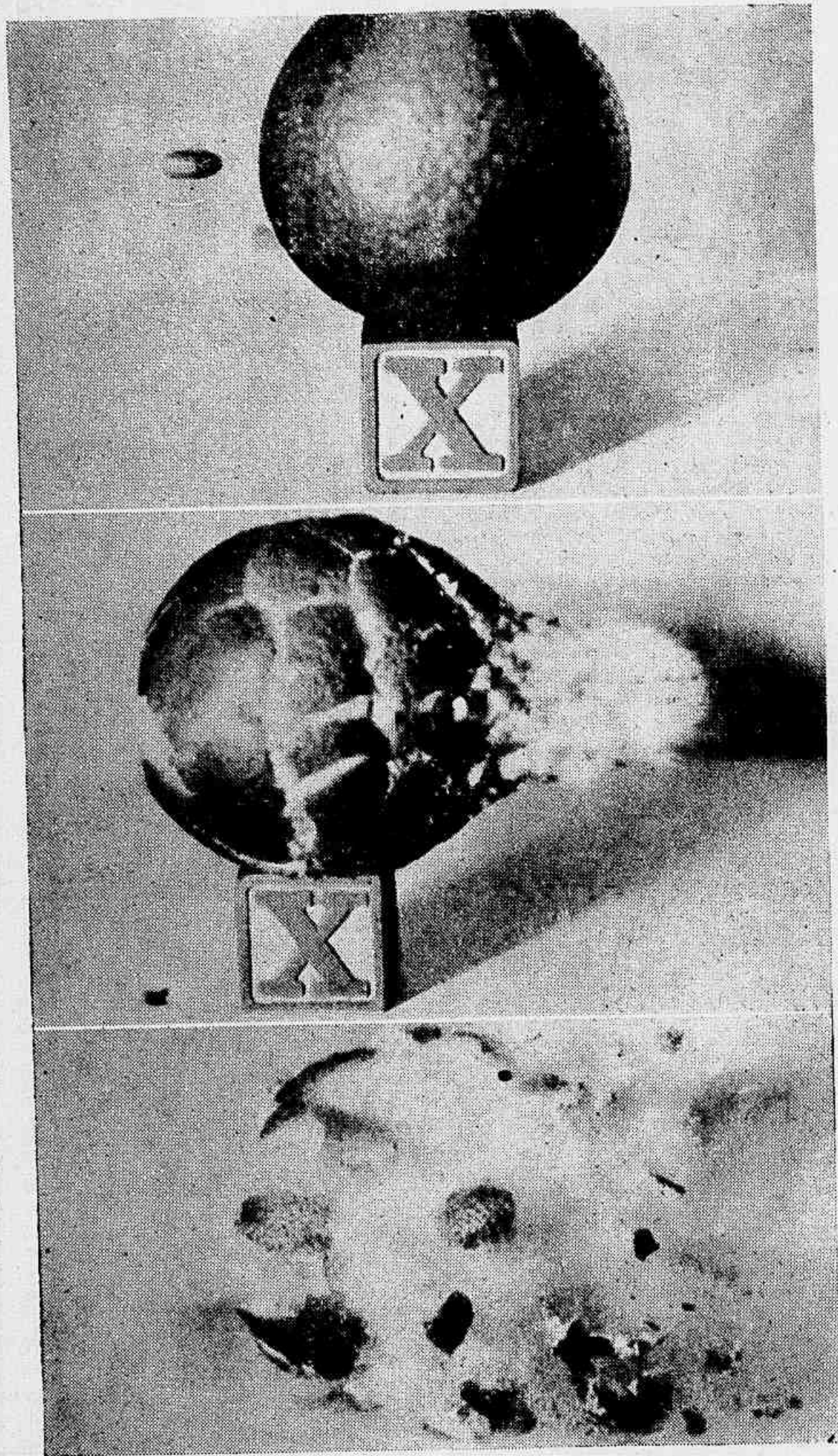
Não somos derrotistas; mas, segundo informações de pessoas conhecedoras desses «matchs» embriagadores, quase sempre os campeonatos terminam em grande confusão. Ora, é evidente que isso se volte a dar em Dublin. Mais de uma centena de misturadores de alcool terão preparado suas bebidas fortes e fortíssimas. Para saber-se se um «cocktail» é melhor do que o outro, é indispensável tomá-lo, e ingerí-lo saboreando, vagarosa e elegantemente... Que se experimentem, sem maiores consequências, dois ou três, vá lá; mas... cento e tantos?... Daí o fato de, em tais competições, os juizes perderem completamente o juizo...

O PROFETA EM SUA TERRA

VAMOS transcrever, leitor, uma notícia pitorêsca, colhida no «Diário Carioca» de 20 de setembro. Como já estamos fóra das lutas eleitorais, ficará a notícia como uma das mais curiosas ocorrências nesse ângulo das atividades nacionais no último pleito: «Um caso pitoresco acaba de se verificar em Rio Preto, Minas Gerais, onde, aliás, sempre acontecem coisas sensacionais. O juiz eleitoral daquela cidade não gosta da Bíblia, e, por isso, tem raiva dos profetas, mesmo dos que já morreram há milhares de anos. Um cidadão daquela localidade mineira, de nome Raimundo Elias, requereu sua inscrição, para, como qualquer brasileiro, exercer o seu direito de voto. Mas o juiz não gostou do nome. Leu, pensou, abriu a Bíblia, consultou os dicionários históricos e descobriu que Elias tinha sido um famoso profeta, aquele que, ao lado de Cristo, e tendo como companheiro o seu colega Eliseu, apareceu na cena admiravel da Transfiguração, no monte Tabor. O magistrado, então, de uma penada magistral, negou o registro do cidadão pacato de Rio Preto, alegando que «Elias é nome de profeta e não pode ser usado como sobrenome». Assim, o juiz julgava firmar doutrina sobre a matéria. Elias é que não se conformou. Foi bater às portas do Tribunal Regional Eleitoral, com séde em Belo Horizonte. Na capital mineira os juizes não seguem a doutrina do magistrado de Rio Preto. E deram ganho de causa ao Elias, decidindo que o fato de alguem ter nome de profeta não o impede de ser eleitor». Pela primeira vez, já se pode ser «profeta» em sua terra!

DIRETO NO QUEIXO. . — Duas semanas antes do encontro Joe Louis x Ezzard Charles, em Nova-York, o negro Bobby Bell tentou arrebatar de Willie Pep o título de campeão pêso pluma. Saiu-se mal. Poucas vêzes terá sido feito um flagrante tão «em cima da hora», exatamente quando o pugilista recebia a carícia do punho enluvado do adversário. Já os olhos estavam amarrotados, e, nessa altura, o sangue jorrou forte dos lábios. Minutos depois, Bell era vencido aos pontos.

ARDEU ANTES DE CONCLUIDO

FOI um espetáculo inédito êsse a que assistiu a população de São Paulo, no dia 20 de setembro último. No ponto mais central da metrópole, na Aven da São João, esquina da Duque de Caxias, estava sendo levantado um grande edifício. Os clássicos andaimes de madeiramento, bem unidas as tábuas, lá estavam para preservar os transeuntes de qualquer acidente, mas foi nêles que se originou o fogo. Imensas labaredas subiram do "arranha-céu" em construção, comunicando-se para um edifício vizinho, de apartamentos. Aos olhos de todos uma visão fantástica dramática e dantesca, se apresentou. Agravado com a circunstância de faltar água, não permitindo que os bombeiros combatessem as chamas, o incêndio teve consequências lamentáveis, ocasionando a morte de um jovem moradora no edifício de apartamentos, e de um policial quando tentava salvá-la. Faz muitos anos, São Paulo não assistia a um espetáculo de belo-horrível dessa natureza. Dêle oferecemos aos leitores, dois aspectos colhidos pela nossa reportagem, por ocasião do sinistro.

FUZILAMENTO DE UMA LARANJA — Munido da sua melhor câmera, com dispositivos para sucessivos «takes», um reporter na Filadelfia tentou fotografar o contacto de uma bala de revolver com um desses deliciosos frutos. Nêsse dia o reporter privoú-se de uma parte do «lunch», mas não se arrependeu porque o resultado foi ótimo, e aí está. Ao alto, o projétil pouco antes de penetrar na laranja; ao centro, os primeiros sintômas do deflagrar da bala, cuja casca já então começa a se desintegrar, e em baixo, o esfacelamento da laranja após a saída da bala. Como se pode vêr, a comoção interna do fruto não pode ser mais violenta, e dêle ficam restando insignificantes fragmentos. A bala foi cravar-se na parede.

HITLER E OS JUDEUS

Muito antes de atingir o poder no III Reich, Adolf Hitler, cujo nome verdadeiro era muito diferente, apresentou-se como inimigo radical dos semitas. A politica hitleriana, não era, como todos sabem, coisa nova, original do nazismo. Na própria Inglaterra houve grandes perseguições aos povos de Israel. Mas, foi na Alemanha de Hitler que os judeus mais sofreram. Contam coisas de estarrecer o Pão de Açúcar. A vitória dos aliados veio confirmar, em muitos pontos, as crueldades contra os judeus e todos os seus descendentes. Câmaras de suplicio, práticas indecorosas contra aquela gente, exilio, injustiças, vinganças terriveis, todo um cortejo de sofrimentos, vexames e desgraças sofreram os israelitas sob o guante do chefe do nazismo.

A guerra de 1939 a 1945, com a vitória dos aliados levou à fôrca muitos criminosos de guerra, limpou os horizontes da Palestina e deu uma nova pátria aos semitas. Cidades houve, como várias da Polônia, em que as populações judaicas foram literalmente eliminadas. O furor anti-semita de Hitler era uma fobia, uma alucinação. O homem espumava quando ouvia pronunciar um nome com traços etimológicos de judaismos. Entretanto... (como é surpreendente essa vida), entretanto, o próprio Hitler era descendente de judeus! Quem o afirma? O dr. Hans Frank, que foi advogado do "Fuehrer" alemão, antes que êste subisse às culminâncias do poder. O advogado Frank chegou a esta conclusão quando, em 1930, tratou de provar papéis necessários ao futuro Chefe da Germânia. Hitler, sabendo disso, tratou de provar que não era judeu, perseguindo todo mundo de origem semita. E não conseguiu provar...

CONFIDÊNCIAS A REPÓRTERES!

Não há nada mais dificil do que pedir a um repórter que guarde sigilo sôbre certas confidências que entrevistados lhes fazem. Especialmente quando se trata de assuntos de natureza politica e momentosa, capaz de causar sensacionalismo nas massas e alvorôço entre os senhores politicos. O jeito que tem o entrevistado é desmentir; mas, mesmo com êsses desmentidos, quem leu a entrevista não acredita mais que aquilo tudo tenha sido inventado pelo repórter. E a crença fica consolidada no espirito do povo, sempre que há desmentidos... O melhor é não falar muito, senhores politicos e administradores. Jornal vive de noticias e de furos, de novidades e sensações. Precisa mais de novidades do que as árvores da luz do sol. Em geral são honestos, os jornais e os repórteres; mas, quando há uma brechinha para dar mais vida a declarações dos grandes da politica, da oposição ou do govêrno, todos êles se aproveitam e "sentam a pua"... Foi o que sucedeu agora com o sr. Luigi Einaudi. Sabe quem é êsse cidadão? Nunca ouviu o leitor falar dêle? Pois fique sabendo que é o Presidente da Itália. Tomando umas férias, o Presidente da República Italiana foi veranear em Val d'Aosta. Estava muito calmamente a descansar dos atropêlos da politica e da administração nacional, supondo que ninguém o iria incomodar, quando surgiu um repórter. Queria uma entrevista. O chefe do govêrno italiano, ultrapassou os limites do paralelo 38 das conveniências e fêz confidências, terminando por asseverar que, "quando os politicos estão em férias os preços e o número de desempregados diminuem". Temendo complicações, recomendou que não publicasse isso como descoberta sua. Mas foi o contrário... E o segrêdo saiu em todos os jornais!

UM JESUS DE ENCOMENDA

Esta vida tem cada uma! A senhorita Charlotte Whitehurst, descendente de uma das mais notáveis familias do Estado de Tennessee, Estados Unidos, é, como tôda jovem de sua idade, muito inclinada ao romantismo. Não havia fita de amôres e luas-de-mel com Niagara ou sem êle, que ela não fôsse ver. Muitas vêzes ficava a olhar o plenilúnio, a sonhar, com um principe encantado como nos contos de fadas. Alma lirica, contemplativa, miss Whitehurst, um dia viu os seus sonhos realizados. Apareceu em seu caminho um Jesus de encomenda. Seu nome todo era: Jesus M. Rolon. Muito gentil, maneiroso, demonstrando boa educação, Jesus Rolon rolou para os braços de Charlotte e se casaram. Desde os primeiros dias do casamento que a ingênua moça do Tennessee achou esquisito o modo de viver do marido; mas, como estavam morando em Nova York, a cidade tentacular, misteriosa, tumultuária, ela se foi habituando ao trem de vida. Um belo dia, sofre a maior decepção de sua vida: a policia prendera Jesus. Não precisara nenhum beijo de Judas para levá-lo às grades. Com a detenção dêle, também ela foi bater diante das autoridades policiais. E' indescritivel sua surprêsa. Contra ela pesava uma acusação infamante: servia a vasta quadrilha de gatunos, da qual era o espôso um dos cabeças! A moça protestou e pôde provar que, se estava auxiliando os ladrões, era involuntária e inconscientemente. Condenada a dois anosi foi a sentença suspensa em homenagem à sua ingenuidade. Êle pegou apenas 25 anos de prisão celular... Que pesadelo!

TAXI PARA ELEFANTES, pensará o leitor. Na verdade, ao que parece, foi esta a primeira vez que um bicho dêsses teve oportunidade de viajar num tal veiculo. E só o fez porque ainda estava com 14 meses de idade útil. Isso aconteceu em S. Francisco da California. Informou o seu proprietário e artista Kreitzman, que «Judy», a pequenina elefanta, tendo entrado com seu patrão num bar, desejou também beber um calix de whisky, mas se embriagou vergonhosamente. Teve Mr. Kreitzman que mandar um auxiliar conduzir «Judy» para casa, num taxi, e conservá-la deitada até passar a bebedeira. Ainda não é, como se vê, uma elefenta de circo. Caiu como um patinho...

EFEITO INESPERADO

O nome de Belo Horizonte ficará na história do "foot-ball association" dos Estados Unidos, como um dos marcos inesquecíveis dêsse esporte. Como todos estamos lembrados, o "team" norte-americano, ao enfrentar o esquadrão inglês a 29 de junho, na capital mineira, saiu com a vitória inesperada de um a zero. Vitória inesperada, porque, segundo todo mundo dizia, inclusive os próprios norte-americanos, eram os inglêses os favoritos, equipe muito mais credenciada do que a dos ianques. Como era natural, os americanos festejaram a vitória de maneira entusiástica e chegaram à sua terra contando maravilhas sôbre o que viram aqui, desde o estádio do Maracanã, até aos ases do "soccer" (como êles chamam lá ao "association"). O futebol "de pé", que já estava em grande e cada vez mais crescente decadência nos Estados Unidos, onde impera o futebol "de mão" (vão perdoando êsses absurdos...), desde que o pessoal da embaixada esportiva norte-americana chegou à terra de Lincoln começou a rejuvenescer. O nome de Belo Horizonte tomou conta dos comentários e a vitória de um a zero sôbre os inglêses deu enorme estímulo aos norte-americanos, que passaram a largar o outro futebol para um lado e voltar suas vistas e seu interêsse para o verdadeiro futebol, verdadeiro etimológica e històricamente. E sabem os leitores o que aconteceu? Surgiram milhares de fãs, para o "novo" esporte. Velhos clubes já mortos, ressuscitaram em muitas cidades norte-americanas, e, para terminar, já existem 4.300 quadros de "foot-ball association", além de dois mil clubes filiados! Os campeonatos vão reviver êste ano, e tudo isso graças a... Belo Horizonte!

CAVERNAS DE 1950

A guerra de 1939-45, dentre muitas outras calamidades mundiais, trouxe esta, que ainda hoje perdura em muitos países, mesmo os que não sofreram, internamente, os horrores de bombardeios e invasões de exércitos inimigos: a crise tremendamente grave de falta de habitação. Esta revista já teve ocasião de publicar uma reportagem, há cêrca de dois anos, sôbre a tragédia da população romana em face do assunto angustiante. E quando pensávamos que o caso já estava resolvido, diante das providências que, então, estavam tomando as autoridades italianas, surge na imprensa do Rio um telegrama de Milão que nos dá esta notícia quase cômica, se não envolvesse aspectos do drama de moradias naquele país: *Milão*, 25 (AFP) — A polícia fêz hoje um assalto contra os "trogloditas", isto é, as pessoas que haviam escolhido como domicílio o subsolo de vários edifícios demolidos durante a guerra. Tôdas as tentativas para desalojá-los até agora haviam fracassado Desta vez a ação enérgica da polícia teve êxito. Os "trogloditas" foram obrigados a evacuar seus locais de residência e se instalar em habitações preparadas antecipadamente. O acesso aos subsolos foram murados, enquanto se aguarda a demolição definitiva do que resta dos edifícios". Eis o texto do telegrama vindo de Milão, a grande e industrial cidade do norte da Itália, onde, em fins do ano de 1950, ainda há "trogloditas" a século XX, morando em porões de edifícios destruídos pela guerra de 1939-45, por falta de um barraco...

OS SEGREDOS ATÔMICOS que eram, até bem pouco tempo, um privilégio dos cientistas e sábios, já estão de tal maneira popularizados em vários paises que até as crianças podem gozar de suas deliciosas novidades. Aqui está um guri que não terá mais de 4 janeiros, a utilizar-se de um pequenino e portátil laboratorio de energia atômica, com o qual êle poderá experimentar nada menos de cento e cinquenta maneiras de divertir-se com as cousas do átomo e seus segredos, na física nuclear. O aparelho que está à mão esquerda é um contador «Geiger» graduado para identificar os elementos radioativos. Esse laboratório tem alcançado enorme sucesso nos Estados Unidos.

A FAMOSA ESTRÊLA Ingrid Bergman, que tanto deu que falar ao mundo durante a filmagem de «Strômboli», e do que, em verdade resultou o seu casamento com Rossellini, estava em Fiuggi, quando saiu com uma sobrinha de seu marido, para um passeio pela pitoresca localidade italiana. Estava ela despreocupadamente, quando foi traída pelo fotografo indiscreto. Fez-lhe um gesto, como quem pede para não bater a chapa. Mas já era tarde. Ingrid Bergman não costuma sair com o filho, que fica em casa guardado pelo cão «Strombolicchio»; sòmente à noite, se faz bom tempo, Robertinho vem até ao terraço do hotel. Esses artistas...

QUE MONSTRO!

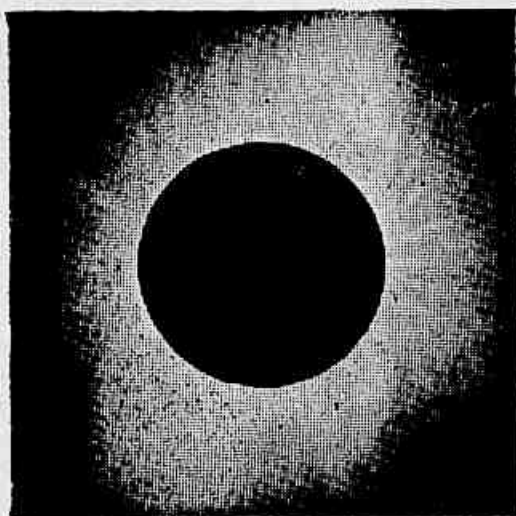
Há certos indivíduos que, apesar de possuirem a aparência de gente, escondem na alma os instintos mais ferozes do que o das hienas. Na crônica policial dos Estados Unidos, ou melhor, de Nova York, há casos tão revoltantes, que o jeito que temos é o de apoiar o que dizia velho promotor da Côrte de Justiça da grande cidade: "A cadeira elétrica é castigo muito suave para certos criminosos". Com certeza, êsse velho servidor da justiça, sabia de casos tremendos. Para tais delinquentes, uma descarga elétrica sôbre pés, pulsos e cabeça de facínoras desumanos e cruéis, nada significam em face do que praticaram. Assim, deviam êsses monstros ter punição muito mais exemplar. Dentre os condenados à cadeira elétrica, surgiu um, agora, nos Estados Unidos que está naquele conceito do velho promotor público norte-americano. A cadeira elétrica não é punição relativa ao crime que cometeu. Trata-se do monstro Walter C. Dorn, de 25 anos de idade. Casou-se em 1948. Em dezembro do ano passado nasceu-lhe uma filhinha, criança linda e muito viva. Mas, desde os primeiros dias, Dorn começou a olhar a filha com indisfarçável mal-estar, como que não tolerando a menina. Sua mulher estava banhada na maior felicidade, enquanto o marido se mostrava cada vez mais hostil à filha. Um dia, enquanto a mulher estava no trabalho, como telefonista, êle matou a criança, que estava apenas com nove meses. Segurou-lhe os pèzinhos e bateu-lhe com a cabecinha nas grades do berço. O monstro foi condenado à cadeira elétrica, castigo suave para um monstro de sua espécie.

NOTA CIENTIFICA

Qual a percentagem de certeza nas previsões meteorológicas?

PODE-SE AFIRMAR QUE A PREVISÃO PARA O PRAZO DE DUAS A SEIS HORAS É QUASE CEM POR CENTO CERTA ★ TORNA-SE DIA A DIA MAIS PRECISO O SERVIÇO METEOROLÓGICO ★ DOS PROGRESSOS DA AVIAÇÃO DEPENDE, NO ENTANTO, A PERFEIÇÃO E SEGURANÇA DE TÃO ÚTIL E IMPORTANTE SERVIÇO

AS estações meteorológicas do mundo todo já estão bem organizadas,, podendo-se dizer que o serviço meteorológico torna-se dia a dia mais preciso, e que as previsões se tornam cada vez mais acertadas. Êste desenvolvimento tão necessário dos serviços meteorológicos, para a vida normal da marinha e da agricultura se produziu graças às necessidades da aviação. Foram os dirigentes da aviação e da marinha que fizeram o possivel para organizar um serviço regular e bem orientado das previsões meteorológicas diárias. As previsões do tempo são necessárias em todos os domínios da nossa vida. Para os aviadores, o conhecimento do tempo na rota, a velocidade do vento nas diversas alturas, não são sòmente necessidades de segurança de vôo. Estas informações são decisivas para se saber a quantidade necessária de gasolina que se deve levar para uma viagem e para o pêso do transporte. Para os agricultores, é também necessário o conhecimento da temperatura. Para a marinha, por sua vez, todos os elementos do tempo são necessários durante as viagens. Existe ainda uma numerosa categoria de pessoas que só podem tomar uma decisão graças às previsões meteorológicas: são os turistas. Não se pode, por exemplo, fazer uma excursão de escalada a uma montanha, quando todos os dados prevêem um dia ininterrupto de chuvas ou de neve. A meteorologia orienta nestes casos.

Hoje, as estações meteorológicas formam uma rêde e uma cadeia muito desenvolvida, e o que é muito característico em nosso tempo, é que nêste ramo da vida humana não existe nenhuma «cortina de ferro» ou «separação de blócos». Talvez seja esta a única organização internacional na qual todos os paises colaboram com a máxima bôa vontade Na Europa, esta organização dirige quatro grandes estações de rádio, trabalhando sem interrupção 24 horas por dia Fazem as trocas de informações meteorológicas. Estas estações encontram-se em Roma, Moscou, Paris, e Demsbable, na Inglaterra. Esta última é também a estação central meteorológica da Inglaterra e depende diretamente do Ministério dos Transportes e da Aviação. Ao lado destas quatro estações chamadas principais e básicas existe uma rêde de 620 estações chamadas navegantes. Estão dispersas em todos os paises. Trabalham nos territórios cobertos de gelo, na Groenlândia, Antártica e mesmo na Sibéria. Os aviões meteorológicos dão sempre informações sôbre a situação do tempo nas diversas altitudes da atmosfera. Cerca de cinco mil estações suplementares executam diariamente as sondagens da atmosfera com balões que carregam estações que funcionam automàticamente. No orçamento de todos os paises foram previstas sômas bastante elevadas para o serviço meteorológico. A Grã Bretanha, por exemplo, gasta diàriamente 350 mil cruzeiros e os Estados Unidos gastam três vezes mais, com o serviço meteorológico.

QUAL A PERCENTAGEM DE CERTEZA NAS PREVISÕES METEOROLÓGICAS?

Pode-se afirmar que a previsão para o prazo de duas a seis horas é quase cem por cento certa. A previsão adiantada de 24 horas tem sempre alguns riscos, mas pode-se constatar que a exatidão das previsões é hoje em dia de mais ou menos oitenta por cento, e que se constatam ainda grandes melhorias. Para obter a plena certeza das previsões, a ciência meteorológica deve ainda conhecer melhor a estratosfera, o que acontecerá em breve, em virtude dos progressos da aviação. A comparação das estatísticas meteorológicas em diversos paises, surpreendeu aos especialistas, porque foram constatadas grandes modificações de clima no mundo inteiro. As cifras relativas aos cem últimos anos mostram que em todos os lugares, a temperatura sobe. Toda a parte norte do globo terréstre, onde se fazem há muito tempo constatações da temperatura, mostra uma pequena elevação. Em todos os lugares, especialmente na Islândia, Groenlândia e Sibéria, as geleiras se retiram para mais ao norte. O oceano congelado que há cinquenta anos estava coberto de gêlo, apresenta agora um aspecto diverso. A parte setentrional da Europa, é agora inteiramente navegavel durante o verão. Na Sibéria, esta ligeira elevação de temperatura tem, como constaram os relatórios, provocado a invasão das florestas, ocupando grandes territórios que estavam há algumas dezenas de anos, completamente desnudos. Esta elevação de temperatura é sistemática e prevê-se que durará ainda algumas dezenas de anos. Isto provoca, naturalmente, modificações climatéricas. O verão se torna mais longo e mais quente, enquanto que o inverno fica mais curto e menos rigido. Observam-se mais dias de chuva e menos dias de neve.. Os círculos interessados ocupam-se por esta questão e constatam que a terra já sobreviveu a iguais modificações de clima. Há algumas centenas de milhares de anos, durante a época das geleiras, com quase toda a Europa coberta de gêlo. Mais tarde, os gelos retiraram-se para o Norte, em virtude de uma elevação de temperatura. Algumas vezes, invadiram novamente o velho continente, mas novamente se retiraram. Foram estas as chamadas pequenas épocas glaciais. A última destas épocas foi notada entre 1600 e 1850. Mais tarde, as geleiras se retiraram, e pelo que se constata, elas continuam se retirando. Pode-se prever, portanto, que terminada esta retirada, começará uma nova invasão do frio e do gêlo sobre a Europa. Naturalmente, na opinião dos maiores especialistas todas estas transformações climatéricas dependem, exclusivamente, das transformações das radiações do sól, fonte exclusiva do calôr e da energia na terra. (IPA).

NESTE NÚMERO

ILUSTRAÇÃO: M. Queiroz

BONECOS: Rafael

FOTOS: João Alvarenga — Atelier Carlos — Walter Morgado — Ipa — Keystone — Lello — Avulsas.

★

NA CAPA:

Ann Miller
(Foto M.G.M.)

RESPOSTAS AO TESTE

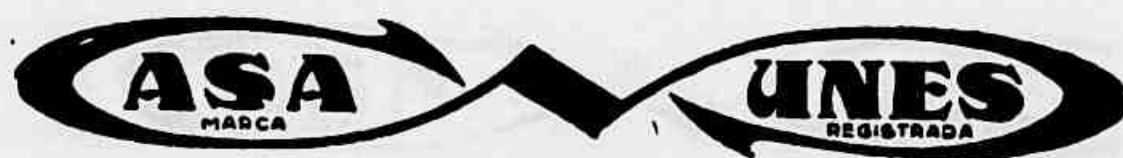
1 — A luz do sol.
2 — Da essência da hortelã.
3 — Meio quilo de uvas (550 calorias).
4 — Byron.
5 — Diamante artificial.
6—Diafragma.
7 — Pessoa que vive na solidão.
8 — De golfinho (Das armas da provincia do Delfinado).
9 — Boccacio.
10 — Rômulo, fundador de Roma.
11 — Epopéia nacional alemã.
12 — O salmão (cêrca de 25 milhas por hora).
13 — Azougue.
14 — Pessoa de cabeça anormalmente grande.
15 — Uma balança.
16 — Samuel Langhorne Clemens.
17 — Macropia.
18 — Lugar inexistente.
19 — O que destrói imagens ou idolos.
20 — Golpeando a garganta com adaga e seccionando as artérias.

MOVEIS e DECORAÇOES

GRUPOS E POLTRONAS

ESPECIALIDADE DE NOSSAS OFICINAS

ESTOFADOS em COURO,
DAMASCO, GOBELINS,
CHINTZ, LINHO, etc.

TAPETES E PASSADEIRAS

65 -- RUA DA CARIOCA, 67 -- RIO

Onde se divertem pessoas de bom gosto...

aí se encontram os cigarros Hollywood

No Grande Hotel, em Guarujá, paraiso de férias da sociedade paulista.

Fugindo do borborinho da Capital, a sociedade paulista encontra em Guarujá a atmosfera ideal para as férias ou para um week-end... Em Guarujá, e onde quer que se reunam pessoas de bom gosto, V. encontrará Hollywood, o cigarro que é uma tradição da sociedade brasileira. Fumos escolhidos e hàbilmente combinados deram a Hollywood esta extraordinária reputação — e V. simplesmente não pode deixar de pertencer ao grupo elegante dos que fumam Hollywood.

cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**

H-88.059